

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

Filipe Marchioro Pfitzenreuter

**CRISTO NA LITERATURA DO SÉCULO XX:
A PERSONAGEM LITERÁRIA DE SABINO, MAILER,
SARAMAGO E LEÑERO**

Florianópolis
2010

Filipe Marchioro Pfitzenreuter

**CRISTO NA LITERATURA DO SÉCULO XX:
A PERSONAGEM LITERÁRIA DE SABINO, MAILER,
SARAMAGO E LEÑERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Rafael
Camorlinga Alcaraz

Florianópolis
2010

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

P531 Pfutzenreuter, Filipe Marchioro
Cristo na literatura do século XX [dissertação] : a
personagem literária de Sabino, Mailer, Saramago e Leñero /
Filipe Marchioro Pfutzenreuter ; orientador, Rafael
Camorlinga Alcaraz. - Florianópolis, SC : 2010.
188 p.: quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Curso de Pós-
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Jesus Cristo - Crítica e interpretação. 2.
Literatura. 3. Religião e literatura. 4. Evangelhos. I.
Camorlinga Alcaraz, Rafael. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura.
III. Título.

CDU 82

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais, ao meu avô Ermógenes Marchioro, *in memoriam*, e aos meus tios Alexandre, Otto e Rogério.

AGRADECIMENTOS

A Deus;
Às famílias Marchioro, Oening e Pfitzenreuter;
Aos meus pais;
À minha irmã e à minha namorada;
Ao casal Zuleide e Wilson Oening;
Aos meus tios Alexandre, Otto e Rogério;
Aos meus amigos;
À Zete e ao Edson;
Aos meus professores, em especial ao Prof. Dr. Rafael Camorlinga
Alcaraz.

As histórias, diz o argumento, são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo. A explicação científica busca o sentido das coisas colocando-as sob leis – sempre que a e b prevalecem, ocorrerá c – mas a vida geralmente não é assim. Ela segue não uma lógica científica de causa e efeito, mas a lógica da história, em que entender significa conceber como uma coisa leva a outra, como algo poderia ter sucedido...
(CULLER, 1999, p. 84)

Jonathan Culler

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o processo de composição da personagem Jesus Cristo em quatro obras literárias do século XX: *Com a Graça de Deus*, de Fernando Sabino; *O Evangelho Segundo o Filho*, de Norman Mailer; *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago; e *El Evangelio de Lucas Gavilán*, de Vicente Leñero. Primeiramente, busca-se retratar o Cristo dos evangelhos canônicos e o modo como essa personagem é abordada pela tradição cristã e pela literatura. Em seguida, a partir da fragmentação da história do Cristo bíblico em quatro etapas - vinda ao mundo, vida antes do batismo, atividade messiânica, morte e ressurreição -, analisa-se como as obras escolhidas abordam esses períodos, e a relação existente entre essas abordagens e a formação do Cristo personagem literário.

Palavras-chave: Jesus Cristo, Evangelhos, Literatura, *Com a Graça de Deus*, *O Evangelho Segundo o Filho*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *El Evangelio de Lucas Gavilán*.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the process of composition of the character Jesus Christ in four works from the 20th century: *Com a Graça de Deus*, by Fernando Sabino; *O Evangelho Segundo o Filho*, by Norman Mailer; *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, by José Saramago; and *El Evangelio de Lucas Gavilán*, by Vicente Leñero. At first, it is aimed to portray the Christ of the canonic gospels and the way this character is faced by the Christian tradition and by the literature. Then, through the fragmentation of the history of the biblical Christ in four sets - arrival to the world, life before baptism, messianic activity, death and resurrection -, it is analyzed how the chosen works approach these periods, and the existent relation between these approaches and the creation of Christ as a literary character.

Keywords: Jesus Christ, Gospels, Literature, *Com a Graça de Deus*, *O Evangelho Segundo o Filho*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *El Evangelio de Lucas Gavilán*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo referente à vinda de Cristo ao mundo.....	58
Quadro 2 – Comparativo referente à vida de Cristo antes do batismo...85	
Quadro 3 – Comparativo referente à atividade messiânica.....	130
Quadro 4 – Comparativo referente à morte e ressurreição de Cristo...167	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CGD – Com a Graça de Deus

EC – Evangelhos Canônicos

ELG – El Evangelio de Lucas Gavilán

JC – Jesus Cristo

JG – Jesucristo Gómez

OSF – O Evangelho Segundo o Filho

OSJC – O Evangelho Segundo Jesus Cristo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	23
2 O CRISTO DA FÉ TEOLÓGICA E O CRISTO LITERÁRIO...29	
3 A VINDA DE CRISTO AO MUNDO.....37	
3.1 A FAMÍLIA NAZARENA.....	40
3.2 ANUNCIAÇÃO ÀS AVESSAS.....	47
3.3 O NASCIMENTO DO AMALDIÇOADO.....	49
3.4 O PECADO PERPÉTUO.....	51
3.5 O SEGREDO DE MARIA.....	53
3.6 UM CRISTO REGIONALIZADO.....	55
4 A VIDA DE CRISTO ANTES DO BATISMO.....59	
4.1 A INFÂNCIA TRAUMÁTICA.....	62
4.2 A TENTAÇÃO NO DESERTO.....	65
4.3 A ESCOLA HEREGE.....	68
4.4 A ESCOLA DA VIDA.....	79
5 ATIVIDADE MESSIÂNICA.....87	
5.1 UM CRISTO BEM-HUMORADO.....	92
5.2 UM CRISTO ENTRE AMIGOS.....	96
5.3 APRENDENDO A SER MESSIAS.....	100
5.4 O CONFLITO EXISTENCIAL DE CRISTO.....	104
5.5 O ENCONTRO COM A VERDADE.....	107
5.6 O CRISTO RENEGADOR.....	113
5.7 UM CRISTO PELA VIDA.....	118
5.8 O HOMEM QUE SE FEZ FILHO DE DEUS.....	126
6 MORTE E RESSURREIÇÃO.....131	
6.1 O CRISTO TRIUNFANTE.....	134
6.2 O CRISTO VENCIDO.....	155
7 CONCLUSÃO.....169	
REFERÊNCIAS.....183	

1 INTRODUÇÃO

Ao se mencionar a Bíblia, ou os livros que integram essa compilação, impreterivelmente se abre espaço para o pensamento de cunho religioso. Algo que não poderia deixar de ocorrer em se tratando do livro sagrado do judaísmo e cristianismo: duas religiões milenares. Em relação ao Ocidente, essa forma de se abordar a Bíblia é ainda mais arraigada em decorrência da predominância do monoteísmo e, sobretudo, do cristianismo, condição oriunda da transformação pela qual passou o Império Romano no século IV que, adotando a crença do Mediterrâneo Oriental, contribuiu para a cristianização da maior parte da Europa.

Como personagem cerne do cristianismo, surge a figura de Jesus Cristo, cuja história é registrada em quatro livros da Bíblia: os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Para a cultura cristã, esses livros são históricos e registram a vida do filho de Deus, aquele que veio ao mundo para difundir as palavras de seu pai, perdoar os seres humanos de seus pecados, e assim, possibilitar o acesso ao Reino do Céu:

Os livros inspirados ensinam a verdade. “Portanto, já que tudo o que os autores inspirados ou os hagiógrafos afirmam, deve ser tido como afirmado pelo Espírito Santo, deve-se professar que os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus em vista da nossa salvação quis fosse consignada nas Sagradas Escrituras”. (CATECISMO, 1993, p. 40)

Nos evangelhos canônicos, Jesus Cristo aparece como uma personagem de inteligência extraordinária, capaz de se esquivar das acusações de seus inimigos com apenas algumas palavras, como ocorre no episódio do evangelho de João (8,1-11), no qual os fariseus levam uma adúltera até Jesus para que ele a absolvesse do apedrejamento e para que assim pudessem acusá-lo de estar infringindo a lei de Moisés. Perspicazmente, Jesus consegue salvar a mulher sem dar margem para que pudesse ser acusado, dizendo apenas: *“Quem de vocês não tiver pecado, atire nela a primeira pedra”* (Jo 8,7) Não obstante, a inteligência de Jesus também pode ser vista em seus discursos

carregados de lirismo, como no Sermão da Montanha, inscrito no evangelho de Mateus, capítulos cinco, seis e sete. Contudo, talvez o que mais chame atenção para a personagem sejam os seus poderes sobre-humanos. Há vários episódios ao longo dos quatro evangelhos canônicos em que ele aparece fazendo profecias, praticando exorcismos e realizando milagres, alguns destes grandiosos, como outro episódio registrado por João (11:38-44)¹, no qual Jesus ressuscita Lázaro, que estava morto há quatro dias.

Os atributos do Cristo bíblico supracitados constantemente aparecem no discurso religioso, servindo para confirmar a natureza divina da personagem, algo inegável para os cristãos: *“Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na unidade da sua Pessoa Divina: por isso ele é o único mediador entre Deus e os homens.”* (CATECISMO, 1993, p. 120)

Outros evangelhos surgiram ao longo dos séculos, mas somente os de Mateus, Marcos, Lucas e João foram reconhecidos pela Igreja Católica como aqueles que foram escritos sob inspiração divina e, portanto, que revelam a verdade. Diante do dogmatismo religioso, conforme afirma Souza (2007, p. 7), o conteúdo dos evangelhos canônicos foi praticamente incontestável até o século XVIII e foi somente a partir do Iluminismo que surgiram as primeiras contestações em relação à autoridade absoluta dos textos bíblicos.

O fato é que Jesus Cristo é uma personagem que sempre instigou o imaginário popular. Alguns o consideram uma personagem fictícia, outros acreditam que ela tenha existido, mas que foi um homem comum ou um líder popular, outros ainda mostram-se convictos da natureza sobre-humana de Cristo: o messias. As diversas hipóteses sobre a origem da personagem cristã deram origem a uma disciplina da Teologia: a Cristologia, cujos objetivos voltam-se justamente para se tentar compreender quem foi Jesus Cristo.

No meio artístico, por sua vez, Jesus Cristo foi tema de inúmeros filmes, esculturas, pinturas e obras literárias. Ferraz (1998, p. 24) afirma que não há nenhuma outra história mais representada nas artes plásticas nos últimos dois mil anos do que a de Jesus Cristo.

¹ Então tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e disse: “Pai, eu te dou graças porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves. Mas eu falo por causa das pessoas que me rodeiam, para que acreditem que tu me enviaste.” Dizendo isso, gritou bem forte: “Lázaro, sai para fora!” O morto saiu. (Jo 11,41-44)

Sabino (1995, p. 15) aponta para a publicação de mais de sessenta mil livros falando sobre Jesus Cristo somente no século XIX.

A Teologia, com a derivação dogmática, “*pretende basear seus dogmas na Escritura. Para tanto teve que estabelecer o cânone bíblico, declarando autênticos determinados livros e inautênticos ou apócrifos outros.*” (ALCARAZ, 1998, p. 200). Sob esse viés, a crença de que Jesus Cristo é filho de Deus é uma exigência *a priori*. Para alguns teólogos, os evangelhos canônicos comprovam a existência desse ser divino e, por conseguinte, são incontestáveis. Por outro lado, há também os teólogos que, mesmo acreditando na historicidade de Jesus Cristo, não concordam que os evangelhos canônicos sejam capazes de esclarecer o grande mistério existente em torno dele. Enfim, em meio a toda essa discussão gerada em torno da personagem, “*no século XIX, a história divina contada nos textos bíblicos começa a receber interpretações heterodoxas pela História, Filosofia e Literatura.*” (SOUZA, 2007, p. 8) E é a este último campo que se dará enfoque no presente estudo.

Dentre os inúmeros temas assumidos pela literatura mundial, nenhum deles parece adquirir tanta repercussão quanto o religioso. Em se tratando do Ocidente, cuja principal inspiração religiosa ainda é o cristianismo, as manifestações artísticas que estabelecem relação intertextual com a Bíblia despertam interesse ainda maior, seja por parte dos admiradores da arte, da imprensa especializada ou da academia. Isso porque, segundo Alcaraz (1998, p. 197), por mais que o cristianismo tenha perdido a sua condição de hegemonia no Ocidente, ele continua tendo forte influência religiosa e, portanto, sócio-cultural nas nações modernas².

Em relação ao Cristo da literatura, Küng (1976, p. 143), em sua obra *On Being a Christian*, defende a seguinte tese, a qual será tomada como base para o desenvolvimento do presente estudo:

² Como indicador dessa atual repercussão do tema religioso, basta lembrar o recém-publicado livro *O Código Da Vinci*, do escritor norte-americano Dan Brown, lançado mundialmente em 2006. O romance narra a história de um simbologista de Harvard (Robert Langdon) e de uma criptógrafa francesa (Sophie Neveu) que descobrem nas obras de Leonardo da Vinci a “verdadeira” história de Cristo, a qual supostamente havia sido mantida em sigilo pela igreja durante séculos. Segundo a descoberta, Jesus teria se casado com Maria Madalena e deixado descendentes no mundo. *O Código da Vinci*, de acordo com dados levantados por Reis (2008, p. 9), vendeu 60 milhões de exemplares e foi citado em inúmeras revistas, jornais, sites e programas de televisão. Literatura ou sublitteratura, o fato é que o livro de Brown comprova a repercussão que o tema religioso, sobretudo a história da personagem cristã, ainda tem sobre a sociedade moderna.

Um escritor certamente não almeja delinear uma imagem impessoal, histórica e objetiva para Jesus, contendo todos os pormenores relevantes. O que ele procura é trazer à tona e enfatizar um aspecto que pense ser importante, para reunir um número de temas, para clarear um ponto específico. O estilo é atingido pela ênfase subjetiva. O escritor, como tal, não está interessado em investigação historicamente exata, mas na visão das muitas imagens existentes de Cristo, não apenas na dos concílios, mas na dos devotos e apaixonados, dos teólogos e pintores, e também dos escritores. É o teólogo que deve responder à questão: que retrato de Cristo é verdadeiro? A qual dos retratos existentes devemos nos agarrar na prática? (KÜNG, 1976, p. 143, tradução nossa)³

O que autoriza a arte, sobretudo a literatura, a abordar livremente a Bíblia - recriando, enfocando, contextualizando, hiperbolizando – é o fato de que o próprio Livro Sagrado pode ser lido como uma obra literária. Segundo Miles (2002, p. 15): “*A religião – a religião ocidental em particular – pode ser considerada como uma obra literária mais bem sucedida do que qualquer autor ousaria sonhar.*”

No que diz respeito ao universo literário, observa-se que alguns escritores do século XX que revisitam a história de Cristo não buscam contestar o conteúdo dos evangelhos canônicos, mas sim, imprimir uma visão pessoal sobre os mesmos. É o caso de Fernando Sabino em sua obra *Com a Graça de Deus*, lançada em 1994. Por outro lado, Reuter (1995, p. 9), aponta para um grande número de escritores que, nesse mesmo período, praticou a contestação ou a subversão de valores. No que diz respeito às obras que estabelecem relação intertextual com os evangelhos canônicos, pode-se citar o polêmico *O Evangelho Segundo*

³ A writer certainly does not want to draw an objective, historically accurate picture of Jesus, containing all the relevant details. What he seeks is to bring out and emphasize one aspect which he thinks important, to bring together a number of themes, to throw a clearer light on one point. Style is achieved by subject emphasis. The writer as such is not interested in historically exact investigation. But in view of the many Christ images not only of the councils, of the devout and the enthusiasts, of theologians and painters, and also of the writers, it is the theologian who must answer the question: which portrait of Christ is the true one? To which of them should we cling in practice? (KÜNG, 1976, p. 143)

Jesus Cristo (1991), de José Saramago, cujo autor, assumidamente ateu, retrata Deus como o grande vilão da humanidade.

Tendo em vista que o romance de Saramago “já foi dissecado pela crítica de todo o mundo e questionado até mesmo pelo governo e pela Igreja.” (PINHEIRO, 2007, p. 8), a justificativa para o presente estudo surge do interesse de se compreender como a história de Jesus Cristo é relida por outras obras literárias contemporâneas a ele. Diante dessa motivação, o objetivo geral do presente trabalho é investigar como a personagem é recriada em quatro obras da literatura do século XX.

Para não correr o risco de se fazer um retrato apenas da literatura nacional, foram escolhidas como amostra quatro romances de diferentes espaços geopolíticos e, portanto, de contextos sócio-religiosos distintos: do Brasil, *Com a Graça de Deus*, de Fernando Sabino; dos Estados Unidos, *O Evangelho Segundo o Filho*, de Norman Mailer; do México, *El Evangelio de Lucas Gavilán*, de Vicente Leñero; e de Portugal, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago.

Entendendo que não se faria possível traçar um perfil para uma dada personagem a partir de um único episódio ou de um momento específico de sua vida - sob o risco de se ignorar uma possível mudança comportamental ou um possível aspecto evolutivo da mesma -, o presente estudo buscou analisar os romances supracitados cronologicamente, atentando para os episódios que são mais significativos para se compreender a proposta com que cada autor concebe o seu protagonista. Para tal, procedeu-se a análise a partir do seguinte corte esquemático, que toma como base quatro fases bem definidas da passagem de Cristo pela terra segundo a narrativa bíblica: vinda ao mundo, vida antes do batismo, atividade messiânica, morte e ressurreição.

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, por exemplo, não seria possível compreender como Jesus, nascido em uma comunidade religiosa que via Deus como um ser misericordioso e benevolente, pode descobrir que este era o grande carrasco da humanidade, e assim, voltar-se contra seu próprio destino, se não se atentar para os episódios nos quais ele se envolveu após a morte de José. Em *O Evangelho Segundo o Filho*, por sua vez, não seria possível compreender o porquê Jesus cometeu muitas falhas ao longo de sua carreira messiânica, se não se levar em consideração como foi a sua vida antes do batismo.

Em sua obra *The Rethoric of Fiction*⁴, Wayne C. Booth (1983, p. 151) apresenta o conceito de autor implícito, que corresponde ao “segundo eu” do autor, uma versão do criador formada a partir da própria criação. Para o teórico, havendo ou não havendo a presença do narrador representado, o autor implícito sempre se manifesta na obra por detrás das cenas:

Até mesmo o romance em que nenhum narrador é representado dá origem a uma imagem de um autor que fica por trás das cenas, seja como um contra-regra, como um titereiro, ou como um Deus indiferente, silenciosamente aparando as suas unhas. O autor implícito é sempre diferente do “homem real” – o que quer que possamos considerar que ele seja – que cria uma versão superior de si mesmo, um “segundo eu”, à medida que cria sua obra. (BOOTH, 1983, p. 151, tradução nossa)⁵

Tendo em vista que o contexto histórico-cultural no qual o autor está inserido é um dado importante na análise de qualquer obra literária, longe de querer se aprofundar em questões biográficas, define-se como um dos objetivos específicos do presente estudo, identificar se o narrador de cada uma das quatro obras analisadas possui algo em comum com o que popularmente se conhece do próprio autor. Além deste, outro objetivo específico é identificar quais dentre os escritores abordados se atêm mais aos evangelhos canônicos e quais se utilizam mais da liberdade de criação literária.

⁴ A Retórica da Ficção

⁵ Even the novel in which no narrator is dramatized creates an implicit picture of an author who stands behind the scenes, whether as stage manager, as puppeteer, or as an indifferent God, silently paring his fingernails. This implied author is always distinct from the "real man"—whatever we may take him to be—who creates a superior version of himself, a "second self," as he creates his work. (BOOTH, 1983, p. 151)

2 O CRISTO DA FÉ TEOLÓGICA E O CRISTO LITERÁRIO

No século IV, o cristianismo tornou-se a religião de maior aceitação no império romano. Não demorou muito para que a Europa também fosse cristianizada e, a partir de então, a crença originária da parte oriental do Mar Mediterrâneo viesse a se tornar a religião mais influente no mundo ocidental.

Como herança do judaísmo, o cristianismo herdou a crença em um único Deus. Este onisciente, onipresente e onipotente, considerado o criador de tudo o que há na terra e no universo. O grande diferencial da cultura cristã em relação à judaica, contudo, dá-se na crença em Jesus Cristo que, segundo os cristãos, teria sido o filho que Deus enviou ao mundo. É justamente em torno dessa personagem que o cristianismo teve origem, uma vez que parte do povo judeu se converteu a uma nova religião, fundamentada nos ensinamentos do suposto messias. Com relação aos precursores do cristianismo, Bock (2007, p. 22) afirma que *“Os apologistas eram defensores do Cristianismo contra a religião greco-romana, o Judaísmo e os movimentos ameaçadores que também citavam o nome de Cristo.”*

Segundo a tradição cristã, Jesus veio ao mundo para fazer com que os homens se arrependessem de seus pecados e levassem uma vida norteada pelas palavras de seu pai (Deus), ou seja, os mandamentos presentes na *Torah* e divulgados ao longo dos séculos pelos profetas. Vale lembrar que a própria vida do messias também havia sido profetizada e, conseqüentemente, registrada no livro sagrado dos judeus. Nesse sentido, a subserviência à vontade divina surge com um pré-requisito para se garantir o ingresso no Reino do Céu, em outras palavras, a vida eterna em um plano espiritual após a morte.

Católicos, protestantes e ortodoxos apontam quatro livros como registros históricos da vida de Cristo. Esses textos foram incorporados à Bíblia, o Livro Sagrado, e por isso são reconhecidos como evangelhos canônicos. São eles: os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João; cujos autores – de acordo com a tradição cristã – teriam sido discípulos do filho de Deus. Para os cristãos, esses textos são históricos e seu protagonista uma personagem real. Sob esse viés, Jesus é retratado como um Deus-homem e, como tal, dotado de habilidades sobrenaturais, como a capacidade de realizar curas, multiplicar alimentos e ressuscitar.

Segundo Ferraz (1998, p.56), os evangelhos de São Mateus e São João foram escritos na Síria. O primeiro, nos anos setenta e oitenta; e o segundo, depois da década de noventa. Ainda segundo a autora (1998, p. 56), o evangelho de São Marcos, por sua vez, foi escrito na Galiléia, provavelmente nos anos setenta; enquanto o de São João foi redigido na Síria, após a década de noventa. Por se tratarem de diferentes perspectivas, cada evangelista apresenta uma forma peculiar de narrar a história de Cristo. Não obstante, há muitos pontos em que essas narrativas entram em conflito, fazendo com que muitos duvidem de seu valor histórico.

O evangelho de São Marcos apresenta um Cristo que atuou em meio às classes excluídas, intercedendo pelas mesmas diante dos poderosos. Nesse sentido, o protagonista de Marcos “*veio para romper tabus e causar estragos na estrutura social vigente*” (SOUZA, 2007, p. 24). O herói de Mateus, por sua vez, parece ter uma atitude oposta, exigindo o cumprimento absoluto dos preceitos da *Torah*. Vale lembrar que este corresponde ao livro sagrado do judaísmo e equivale ao Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico e Números) da Bíblia cristã. Sendo assim, o Cristo de Mateus não parece ter objetivado a queda da religião vigente, mas sim, ter feito com que seus dogmas fossem verdadeiramente cumpridos.

Quanto ao evangelho de Lucas, é nele que Jesus aparece mais evidentemente como o formador de uma nova igreja. Seu nascimento, vida, morte e ressurreição são narrados como eventos grandiosos que culminariam na libertação do povo, esta representada pela formação do próprio cristianismo. Lucas é o único a revelar algo sobre a infância de Cristo, narrando um episódio em que ele, aos doze anos de idade, havia sido encontrado pelos pais junto dos doutores do templo. A partir desse episódio, o protagonista de Lucas surge como uma criança divina, já consciente da sua condição de filho de Deus: “*Não sabiam que eu devo estar na casa de meu pai?*” (Lc 2,49). Nesse evangelho, a relação existente entre a vinda de Jesus ao mundo e as profecias que anunciavam a sua chegada é ainda mais evidente. Além disso, o evangelho de Lucas é o único cuja própria narrativa situa o leitor temporalmente, o que se dá a partir da menção feita ao recenseamento que fez com que Cristo nascesse em Belém. Em função disso, Souza (2007, p. 26) afirma que Lucas “*combina dois fatores, pois ele insere o cumprimento da profecia de que o Messias nasceria em Belém dentro de*

um dado momento histórico, marcado temporalmente pela referência ao imperador romano e ao governador da Síria, Quirino.”

O evangelho de João se difere muito dos três anteriores, principalmente por apresentar um Cristo mais divinizado. Enquanto os três primeiros retratam Jesus como o filho de Deus que se submeteu à condição humana para levar a palavra do pai à humanidade, o evangelho de João destaca o Espírito Santo presente na figura de Jesus, sustentando o conceito de santíssima trindade: um único Deus que se apresenta como Pai, Filho e Espírito Santo.

Ainda que sejam quatro os evangelhos aprovados pelas três grandes igrejas cristãs, há vários outros textos que discorrem sobre a vida de Jesus. Por não fazerem parte do cânone bíblico, a eles atribui-se a denominação de evangelhos apócrifos. Segundo Ferraz (1998, p. 35), “*são conhecidos aproximadamente sessenta evangelhos apócrifos.*”. Dentre eles estão os evangelhos de Maria Madalena, de Tomé, de Judas Iscariotes e o *Evangelho Árabe da Infância de Jesus*. Esses textos trazem à tona períodos da vida de Cristo e episódios por ele vivenciados não constantes na literatura bíblica. Muitos deles inclusive oferecem uma versão para a história de Cristo que confronta com a apresentada pela tradição cristã, como é o caso do evangelho de Judas.

No evangelho de Judas, a figura desse discípulo contraria a imagem de traidor que lhe é atribuída tradicionalmente, segundo a qual ele aparece como aquele que entregou Jesus aos seus carrascos em troca de trinta moedas de prata. Judas aparece como o discípulo de maior confiança de Cristo, sendo o único a quem este revelou sua missão divina. Sua atitude em delatar o mestre para as autoridades eclesiásticas é vista como um ato heróico e uma demonstração de subserviência, uma vez que foi o próprio Jesus quem o orientou a tal, o que era necessário para que se cumprissem as profecias.

Muitos dos apócrifos preenchem os “vazios” deixados pelos canônicos, como é o caso do evangelho de Pedro. Esse apócrifo retrata a história de Cristo até os doze anos de idade, quando ele, assim como se lê em Lucas (2,41-52), é encontrado pelos pais falando aos doutores no templo em Jerusalém. Como dito anteriormente, o período entre o nascimento de Cristo e o aparente início de sua atividade messiânica aos trinta anos de idade é praticamente ignorado pelos evangelhos canônicos, salvo o mencionado episódio do evangelho de Lucas. É justamente dentro dessa lacuna que se enquadra o evangelho de Pedro. Nele, Jesus aparece ajudando o pai na carpintaria, brincando de fazer

estátuas de barro junto das demais crianças e realizando os prodígios que o caracterizam como filho de Deus. O Cristo desse apócrifo é capaz de realizar grandes proezas, como a cura e a ressurreição, além de possuir uma inteligência sobre-humana que lhe permite falar de igual para igual com o professor, o astrônomo e o médico. Se esses atributos trazem à tona sua divindade, outros o equiparam a uma criança comum, como a vontade de brincar, o descontrole emocional e a falta de controle sobre suas atitudes, no seu caso, demonstrada pelo uso de seus poderes de forma desmedida. Nesse sentido, pode-se citar o episódio em que ele condenou uma criança à morte só porque ela esbarrou nele e o levou ao chão, ou no milagre gratuito que ele realizou ao transformar um grupo de crianças em carneiros, simplesmente porque elas haviam se escondido dele.

Dos apócrifos, ainda merece destaque o evangelho de Tiago, que narra a história da infância de Maria e de sua convivência com José antes do nascimento de Jesus. A mãe de Cristo nasce como uma criança santa e vive no templo dos três aos doze anos de idade, sob os cuidados dos sacerdotes. É somente depois desse período que o viúvo José é designado para tê-la como esposa, incumbido de preservar sua virgindade. Posteriormente, assim como ocorre na Bíblia, Maria engravida virginalmente do Espírito Santo nos arredores de Belém. Nesse apócrifo, a imagem de Maria corresponde à de uma santa, do mesmo modo que prega a tradição cristã. Ainda assim, o evangelho de Tiago abre espaço para algumas novidades em relação aos canônicos, como a presença de Salomé na hora do parto de Maria, a qual havia ido ao local para confirmar se esta havia engravidado virginalmente e, ao tocá-la, teve sua mão carbonizada. Foi somente após tocar o Cristo recém-nascido que Salomé teve a mão recuperada, fato que confirma a natureza divina da criança.

Aqui, vale destacar que não cabe ao presente estudo discutir se os evangelhos canônicos ou apócrifos têm valor histórico ou não, mas sim, registrar as diferentes faces de Cristo que emergem desses textos, intuindo identificar o modo como essa personagem é vista pela tradição cristã. Quanto aos apócrifos, observa-se que muitos cristãos, mesmo diante da desaprovação da igreja, recorrem a esses textos na tentativa de compreender um pouco mais a tão misteriosa figura de Jesus Cristo, o que confirma o quanto esses evangelhos despertam o interesse popular, inclusive no âmbito religioso. Nesse sentido, vale observar a afirmação de Bock (2007, p. 13-4) em sua obra *Os Evangelhos Perdidos*:

Esses documentos e outros semelhantes a eles mostram que todos nós, de historiadores e teólogos a cristãos, na verdade não entendemos corretamente a fé que mudou vidas e inspirou séculos de arte e arquitetura e, sim, até mesmo guerras. Os documentos representam uma exposição das origens de nossa fé e revelam a diversidade das visões cristãs primitivas. Eles abrem à possibilidade de novas perspectivas e novas maneiras de pensar a religião que sopram vida numa fé antiga que sofre de um tipo de artrite religiosa. A beleza disso tudo é que essas novas perspectivas são, na verdade, as visões de outros antigos cujas perspectivas estavam sepultadas na areia havia séculos. (BOCK, 2007, p. 13-4)

Não bastassem os evangelhos apócrifos, a partir do Iluminismo, uma seara de obras literárias também aparece para revisitar a história de Jesus Cristo. Sabino (1995, p. 15) contabiliza que, somente no século XIX, foram publicados mais de sessenta mil livros falando a seu respeito. Nessa conta, é possível se incluir obras como: *Os Irmãos Karamazov* (1880), de Dostoiévski; *A Igreja do Diabo* (1884), de Machado de Assis; e ainda *A Relíquia*, de Eça de Queiroz (1887).

Nos séculos XX e XXI, esse número continuou aumentando com o surgimento de obras como: *O Evangelho Segundo São Marcos* (1970), de Jorge Luís Borges; *Operação Cavalo de Tróia* (1984), de J.J Benítez; e *Fulgor na Noite* (2002), de Júlio de Queiroz. Sendo assim, a literatura se soma aos apócrifos para dar origem a inúmeras interpretações heterodoxas para a história de Jesus Cristo.

Para Küng (1976, p. 143), um escritor não está interessado em imprimir uma imagem impessoal, histórica e objetiva para Cristo, mas sim, ressaltar um aspecto que pense ser importante. Alcaraz (1998, p. 200) afirma algo parecido ao dizer que a “*literatura, afastando-se de todo tipo de panfletismo, pretende seguir um roteiro próprio: a estética.*” É regido por esse pensamento, que o presente estudo visita a literatura do século XX, para compreender como Jesus Cristo aparece na condição de personagem literária, tomando como amostra quatro romances de diferentes espaços geopolíticos e, portanto, sócio-religiosos.

Em 1979, o mexicano Vicente Leñero lança *El Evangelio de Lucas Gavilán*, trazendo a história da personagem bíblica para o México

do final da década de setenta. Nesse contexto, Cristo aparece como um líder popular que se une aos pobres para reivindicar uma sociedade mais igualitária. Em 1991, o português José Saramago vem com *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, livro que adquire repercussão mundial ao retratar Deus como o grande carrasco da humanidade; e Jesus, como o messias que quer desertar sua divindade. Três anos mais tarde (1994), Fernando Sabino lança *Com a Graça de Deus*. O escritor brasileiro, por sua vez, faz basicamente uma reprodução dos evangelhos canônicos, deixando a novidade para a interpretação que seu narrador lança sobre os mesmos, a partir da qual Cristo surge tão divino quanto seu homônimo bíblico, mas também humano o suficiente para brincar com os discípulos, conversar descontraidamente ou irritar-se com uma situação adversa. Já em 1997, o americano Norman Mailer surge com *O Evangelho Segundo o Filho*, apresentando um Cristo que vivencia um grande conflito existencial, tentando administrar suas facetas humana e divina, à medida que luta para se livrar dos atributos que herda do Diabo.

Em se tratando de literatura, antes de se aprofundar na análise das obras supracitadas, entende-se importante atentar para os aspectos narrativos das mesmas, os quais serão discutidos de acordo com os conceitos apresentados por Ives Reuter, em *Introdução à Análise do Romance*.

Portanto, em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, tem-se uma narração heterodiegética neutra⁶, em outras palavras, a narrativa acontece em terceira pessoa por meio de um narrador que dá um testemunho objetivo, que não tem acesso ao que se passa fora do seu campo de visão. Já nas obras de Saramago e Sabino, tem-se uma narração heterodiegética centrada no narrador⁷. Nesse caso, a narrativa se faz em terceira pessoa, mas por meio de um narrador onisciente. Em

⁶ Ela dá a impressão de que os acontecimentos se desenrolam sob os olhos de uma câmera, de um testemunho objetivo, sem serem filtrados por uma consciência. A visão aparece muito limitada, sabe-se menos do que as personagens. Os *flash-backs* são bastante raros, as antecipações certas e a ubiqüidade impossíveis, bem como a expressão das funções complementares do narrador. Deve-se observar que esta combinação é geralmente acompanhada por uma ausência de marcas de subjetividade no discurso e produz o efeito de uma certa “aspereza”, de uma ausência de emoção. (REUTER, 1996, p. 76)

⁷ Ela abre o máximo de possibilidades. O narrador pode controlar todo o saber (ele sabe mais que as personagens), sem limitações de profundidade externa ou interna, em todos os lugares e em todos os tempos, o que lhe permite *flash-backs* e antecipações certas. Fala-se dele como de um *narrador onisciente*, na medida em que sua visão pode ser ilimitada e que ela não está ligada à focalização através desta ou daquela personagem. Ela certamente pode assumir todas as funções do narrador. (REUTER, 1996, p. 75)

Mailer, por sua vez, a narração é homodiegética centrada no narrador⁸, ou seja, o narrador também é onisciente, mas a narrativa se dá em primeira pessoa. Aí está uma peculiaridade do romance americano em relação aos demais, posto que o narrador é o próprio Cristo, o que permite ao leitor o acesso irrestrito à mente do protagonista.

Para fechar esta seção, vale afirmar que, mesmo não cabendo à literatura a responsabilidade de resgatar o Cristo histórico, entende-se como fundamental o papel desta para que a personagem continue sendo lembrada na atualidade. Para Küng (apud ALCARAZ, 2008, p. 152), a arte e a literatura contribuíram para que Jesus não se transformasse em um simples monumento do passado, e continuasse despertando o interesse de novas gerações.

⁸ É ela que domina nas confissões ou nas autobiografias. Se por um lado o narrador e o ator são a mesma personagem, por outro lado aquele está distanciado no tempo, ele fala de sua vida retrospectivamente. Isto lhe confere um maior saber, uma visão mais ampla, uma profundidade interna e externa. Isto lhe permite um *flash-back* no qual se fundamenta, mas também antecipações certas. Ele não se priva de intervir assumindo múltiplas funções... (REUTER, 1996, p. 77)

3 A VINDA DE CRISTO AO MUNDO

Tendo em vista que a vinda do Cristo bíblico ao mundo está associada a uma esperança de salvação para a humanidade, os acontecimentos em torno do nascimento da personagem ganham destaque na narrativa dos evangelhos de Mateus e Lucas⁹.

No Livro Sagrado, Jesus nasce em uma manjedoura nas proximidades de Belém, o que, segundo a tradição cristã, demonstra a humildade de um Deus que se submete à condição humana e vem ao mundo em condição paupérrima, aparentemente à mercê da caridade alheia. Por outro lado, há uma série de eventos sobrenaturais em torno de seu nascimento que confirmam sua natureza divina, como a presença do anjo anunciador, a gravidez virginal de Maria, a estrela do oriente aparecida aos magos.

Além disso, o nascimento do Cristo bíblico corresponde ao cumprimento do que diziam os profetas que o antecederam, o que garante o seu *status* de filho de Deus. Daí a importância atribuída à natividade de Cristo segundo Souza (2007, p. 86): *“a narrativa da natividade é de suma importância para a história de Jesus, pois os evangelistas se esforçam em enfatizar a sua ligação com a tradição sagrada anterior.”*

As obras *Com a Graça de Deus* e *O Evangelho Segundo o Filho* em pouco se diferem da narrativa bíblica em relação aos episódios da anunciação e natividade de Cristo. Tanto numa quanto noutra, há a presença do anjo anunciador e Maria engravidada virginalmente, concebendo nas proximidades de Belém. Assim como na Bíblia, nessas narrativas, o rei Herodes também manda matar as crianças nascidas no local por temer que o messias tomasse seu trono, e Jesus só é salvo porque José foge com a família para o Egito, atendendo a orientação que lhe fora dada por um anjo celestial.

Mesmo mantendo a base da narrativa bíblica em relação aos primeiros momentos da história de Cristo, pode-se afirmar que a obra de Mailer é menos fiel aos evangelhos canônicos do que a de Sabino. De início, podem-se observar três discrepâncias em relação aos mesmos.

⁹ Os evangelhos de Marcos e João não narram o nascimento de Cristo.

A primeira delas contraria o que diz o evangelho de Lucas (2,1-4)¹⁰ em relação ao motivo que fez com que Jesus nascesse em Belém. Segundo o evangelista, o imperador Augusto havia ordenado um recenseamento de acordo com o qual os israelenses teriam que se registrar em suas cidades de origem. Como José era descendente de Davi, ele teve que seguir com a família para Belém e por isso Jesus nasceu nas imediações da cidade. Em *O Evangelho Segundo o Filho*, esse recenseamento é inexistente e foi apenas o orgulho de José em relação a sua genealogia que fez com que ele desejasse que o filho nascesse na terra de Davi: “*Não houve qualquer outro motivo que justificasse tal jornada.*” (MAILER, 2007, p. 14).

A segunda discrepância está na ausência da estrela do oriente que guiou os três reis magos à manjedoura onde se encontrava o messias recém-nascido, conforme se lê no evangelho de Mateus (2,1-11)¹¹. Os presentes trazidos por eles também são inexistentes segundo o narrador do romance: “*É o que conta no evangelho de Mateus, que também faz referência aos presentes que trouxeram - ouro, incenso e mirra - algo duvidoso, uma vez que José e Maria nunca mencionaram dádivas como estas.*” (MAILER, 2007, p. 16).

Por fim, enquanto na Bíblia um anjo do Senhor surge para orientar José a fugir para o Egito, evitando que Jesus fosse assassinado pelos subordinados de Herodes (Mt 2,13-15)¹², em *O Evangelho Segundo o Filho*, os próprios magos são os encarregados dessa tarefa: “*É verdade, porém, que os magos prestaram um inestimável favor,*

¹⁰ Naqueles dias, o imperador Augusto publicou um decreto, ordenando o recenseamento em todo o império. Esse primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era governador da Síria. Todos iam registrar-se, cada um na sua cidade natal. José era da família e descendência de Davi. Subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, até a cidade de Davi, chamada Belém, na Judéia, para registrar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. (Lc 2, 1-5)

¹¹ Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem.”

(...)

Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, partiram para a região deles, seguindo por outro caminho. (Mt 2,1-11)

¹² Depois que os magos partiram, o Anjo do Senhor apareceu em sonho a José, e lhe disse: “Levante-se, pegue o menino e a mãe dele, e fuja para o Egito! Fique lá até que eu avise. Porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo.” José levantou-se de noite, pegou o menino e a mãe dele, e partiu para o Egito. (Mt 2,13-14)

advertindo José para que não permanecesse mais um dia sequer nos domínios de Herodes.” (MAILER, 2007, p. 16)

Essas não são as únicas discrepâncias em relação à Bíblia encontradas em *O Evangelho Segundo o Filho*. Em sua obra, Norman Mailer não altera significativamente a história narrada pelos evangelistas canônicos, como o fazem Leñero e Saramago. Entretanto, por meio de seu narrador-personagem, o próprio Cristo, o romance critica o teor romanceado e catequizador com o qual foram escritos os evangelhos bíblicos. Essa é uma de suas características mais marcantes:

Marcos, Mateus, Lucas e João buscavam aumentar o seu rebanho. E o mesmo vale para outros evangelhos, escritos por outros homens. Alguns desses escribas só falariam aos judeus que se prontificaram a me seguir após a minha morte, e alguns pregaram apenas para os gentios, que odiavam os judeus, embora tivessem fé em mim. Posto que cada um empenhava-se no fortalecimento de sua própria igreja, como poderiam não misturar o que era verdade com o que não era? (MAILER, 2007, p. 7-8)

A obra de Sabino segue um caminho oposto. Dentre as obras analisadas, ela é a mais fiel aos evangelhos canônicos. Na verdade, não há nenhuma grande contradição em relação aos mesmos. Ainda assim, o narrador de *Com a Graça de Deus* admite que esses textos sejam muitas vezes controversos entre si, o que, para ele, não os desqualifica em nenhum sentido. Pelo contrário, as contradições existentes nesses textos são vistas como uma prova de autenticidade: “*se concordassem em tudo, despertariam a suspeita de versar sobre uma história previamente inventada.*” (SABINO, 1995, p. 258).

O narrador de *Com a Graça de Deus* também destaca alguns pontos em que a tradição cristã vai além do que consta nos evangelhos canônicos, como os nomes atribuídos aos três magos que viram o Cristo recém-nascido: “*Eram os chamados Reis Magos: Gaspar, Melquior e Baltazar. De onde surgiram esses nomes só Deus sabe: nem mesmo consta que fossem três, muito menos reis.*” (SABINO, 1995, p. 32)

A partir dessas características e do que se observa ao longo da narrativa, pode-se dizer que a obra de Sabino é na verdade uma grande demonstração da fé por parte do narrador, que confirma a sua crença em

Jesus Cristo como o filho de Deus, ainda que de um ponto de vista particular. Daí a afirmação de Dom Timóteo (apud SABINO, 1995, p. 7) em relação a Sabino e a sua criação: “*É na paixão de uma fé estonteante que ele segue passo a passo a vida de Jesus. E trabalha com amor, apresentando-o como homem verdadeiro, que é ao mesmo tempo um Deus verdadeiro.*”

3.1 A FAMÍLIA NAZARENA

A imagem que a tradição cristã faz de José e Maria é um aspecto importante no que diz respeito à divinização de Jesus. Para a tradição, seria impossível acreditar que o Filho de Deus tivesse vindo ao mundo sob os cuidados de uma família profana, por isso José e Maria são tidos como santos.

Na concepção católica, a virgindade de Maria é algo que assegura essa condição da personagem, uma vez que o ato sexual é encarado como algo tipicamente humano e, conseqüentemente, impuro, por isso os católicos ignoram a possibilidade de que ela pudesse ter tido outros filhos com José após o nascimento de Jesus. Os protestantes também creem que Maria concebeu Jesus virginalmente. Contudo, consideram que ela teve outros filhos com José:

A Igreja Católica defende a virgindade perpétua de Maria, antes e depois do nascimento de Cristo, e acredita que os irmãos de Jesus, citados nos Evangelhos, seriam, na verdade, primos do mesmo. Por outro lado, os protestantes aceitam o fato de que, após o nascimento virginal de Cristo, José e Maria se “conheceram”, na acepção legítima do termo bíblico, e seus irmãos seriam legítimos, filhos de José e Maria. (FERRAZ, 1998, p. 75)

Tanto *Com a Graça de Deus* quanto *O Evangelho Segundo o Filho* parecem enveredar para a concepção protestante nessa discussão. Na obra de Mailer, Maria concebe Jesus virginalmente e o narrador é categórico em afirmar que o casal nazareno teve outros filhos decorrentes da relação sexual: “*José voltou a Nazaré, onde deu a minha*

mãe dois filhos, Tiago e João.” (MAILER, 2007, p. 17) Na obra de Sabino, a gravidez de Maria também é virginal e, embora não faça nenhuma afirmação como a do narrador de *O Evangelho Segundo o Filho*, o narrador sabiniano não extingue a possibilidade de que Jesus pudesse ter tido irmãos consanguíneos. Além disso, ele não entende que a hipótese de Maria ter tido relações sexuais com o marido possa comprometer o caráter divino de seu primogênito: “*a dúvida sobre os irmãos de Jesus é sempre levantada, como se o fato de existirem de certo modo compromettesse a sua origem divina.*” (SABINO, 1995, p. 62)

A divergência entre essas duas obras está no modo como o casal nazareno é retratado. Nesse sentido, *Com a Graça de Deus* é mais tradicional. As personagens sabinianas José e Maria são tidas como santas e é somente em função disso que puderam cumprir com o papel de pais do filho de Deus: “*Maria jamais poderia adivinhar que, além de virgem e pura, ela era imaculada desde que fora gerada pela mãe, de acordo com os desígnios de Deus, pois somente assim poderia conceber o filho d’Ele.*” (SABINO, 1995, p. 20-1)

Além da citação acima, o processo de santificação de Maria se comprova na sequência da narrativa, quando o narrador afirma que ela não sentiu nenhum tipo de dor ao dar à luz Jesus: “*não se aplicava à mãe de Jesus a sentença de Deus: ‘Com dor conceberás teus filhos...’ O certo é que o menino nasceu direitinho*” (SABINO, 1995, p. 28). Vale lembrar que no Pentateuco (Gênesis, capítulos três e quatro)¹³, Eva havia sido tentada por uma serpente (o Diabo) a comer o fruto proibido e, posteriormente, a oferecê-lo ao marido. Após terem se alimentado do fruto do discernimento, homem e mulher se conheceram como tal e tiveram o primeiro filho, Caim, pondo fim ao paraíso e dando origem à humanidade. O castigo atribuído a Eva em função de sua desobediência foi o de sofrer com as dores do parto, algo comum a todas as mulheres que vieram depois dela. Sendo assim, o fato de a personagem de Sabino não ter sido submetida à mesma pena comprova que ela não se iguala às demais mulheres, muito pelo contrário, ela é uma santa, livre de pecados, e por isso escolhida por Deus para dar à luz o messias.

Do mesmo modo que Maria, a personagem José de *Com a Graça de Deus* também é santificada. Mesmo que sua participação na

¹³ Javé Deus disse então para a mulher: “Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará”. (Gen 3,16)

narrativa seja discreta - assim como nos evangelhos canônicos, nada mais se sabe sobre o seu destino após o retorno do Egito -, o narrador é categórico ao atribuir-lhe o *status* de santo: “*Mas José era um santo – e não vai nisso nenhum jogo de palavras: tanto assim que, para não difamá-la, decidiu desmanchar o noivado sem revelar o motivo.*” (SABINO, 1995, p. 26).

Essa santificação do casal nazareno não ocorre em *O Evangelho Segundo o Filho* e em nenhuma outra das demais obras analisadas. Na obra de Mailer, ainda que José e Maria vivam rigorosamente em conformidade com os preceitos religiosos de seu povo, eles não passam de pessoas comuns. José é apenas descrito como o bondoso e religioso carpinteiro que ensinou para Jesus uma profissão, e Maria, como uma mulher apegada às tradições. O fato de ela ser virgem é visto como algo comum às demais mulheres religiosas, uma vez que todas elas não se prestavam ao sexo antes do casamento: “*Maria também era uma essênia, assim como sua mãe. A virtude construíra uma cerca em torno de outra, guardando-a.*” (MAILER, 2007, p. 13).

Vale destacar que, em *O Evangelho Segundo o Filho*, o casal nazareno é descrito como essênio, o que contribuiu para a naturalização do comportamento dessas personagens, uma vez que os membros dessa seita eram extremamente apegados aos preceitos de sua religião. Segundo Leminski (2003, p. 28), os essênios “*procuravam preservar o judaísmo em sua máxima pureza mosaica, numa época em que as influências gregas e romanas seduziam os espíritos.*” (LEMINSKI, 2003, p. 28) Nesse sentido, a devoção de José e Maria é vista como algo trivial em face da realidade da comunidade à qual pertenciam.

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de Saramago, o casal nazareno também é destituído da condição de santo. No caso de José, o narrador destaca a retidão de caráter dessa personagem, descrevendo-o como justo, piedoso, frequentador da sinagoga e cumpridor de seus deveres enquanto judeu. Entretanto, isso não é o suficiente para que ele seja rotulado como santo. Pelo contrário, José em pouco se difere dos demais homens de Nazaré. Assim como a maioria dos nazarenos, o carpinteiro tem pouca instrução para realizar trabalhos mais apurados e para compreender na íntegra o que ouvia na sinagoga, sendo igualmente incapaz de falar com propriedade sobre o Reino do Céu:

Já sabemos ser José carpinteiro de ofício, regularmente hábil no mister, porém sem talento para perfeições sempre que lhe encomendem obra

de mais finura. Estas insuficiências não deveriam escandalizar os impacientes, pois o tempo e a experiência, cada um com seu vagar, ainda não são bastantes para acrescentar, ao ponto de dar-se por isso no trabalho de todos os dias, o saber oficial e a sensibilidade estética de um homem que mal passou dos vinte anos e vive em terra de tão escassos recursos e ainda menores necessidades (...) e não tendo sido a sua fortuna tanta que o tivesse dotado Deus duma facúndia capaz de o distinguir dos mortais comuns, sabe discorrer com propriedade e comentar com acerto, mormente se vem a propósito introduzir no discurso alguma imagem ou metáfora relacionadas com o seu ofício, por exemplo, a carpintaria do universo. Porém... nunca na sua breve vida será capaz de produzir parábola que se recorde, dito que se merecesse ter ficado na memória das gentes de Nazaré... (SARAMAGO, 2005, p. 20-1)

Em relação à personagem Maria, o evangelho de Saramago é ainda mais herege. Contrariamente ao que ocorre na obra de Sabino, em que a imagem de Maria contrasta com a de Eva, em Saramago, ela se assemelha à pecadora do mito genesíaco, sofrendo as dores do parto ao conceber Jesus:

Zelomi já perdera o conto às crianças que vira nascer, e o padecimento desta pobre mulher é igual ao de todas as outras mulheres, como foi determinado pelo Senhor Deus quando Eva errou por desobediência, Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez, os teus filhos nascerão entre dores, e hoje, passados já tantos séculos, com tanta dor acumulada, Deus ainda não se dá por satisfeito e a agonia continua. (SARAMAGO, 2008, p. 64)

A releitura que se faz no romance em relação ao pecado original é o marco inicial para que se possa compreender a natureza do Deus saramaguiano. Ao se analisar a passagem acima, sob a influência das palavras do narrador, o leitor é colocado diante de um Deus impiedoso para com os erros humanos. O narrador saramaguiano é enfático ao

dizer que Deus “*não se dá por satisfeito*” com a punição de Eva, e por isso Maria de Nazaré, assim como todas as mulheres, também sofre com as dores do parto: uma extensão da pena atribuída à mulher do mito genesíaco. Essa idéia do ser humano como um pecador incondicional aos olhos de Deus permeia todo o enredo. É justamente em função da culpa assumida pelo “pecado” de José que Jesus mergulha numa grande crise existencial e sai em busca da sua verdadeira identidade, como se verá na sequência do presente estudo.

Voltando a falar da personagem Maria de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, ela não só é destituída da condição de santa que lhe é atribuída pela tradição cristã, como também ocupa uma posição contrária em relação ao herói da narrativa, não acreditando em suas palavras quando este lhe revela ter se encontrado com Deus, e abandonando-o no momento em que ele mais se sente desamparado:

O Diabo está contigo desde que nasceste, Tu o sabes, Sim, sei-o, viveste com ele e sem Deus durante quatro anos, E ao fim de quatro anos com o Diabo encontrei-me com Deus, Estás a dizer horrores e falsidades, Sou o filho que tu puseste no mundo, crê em mim, ou rejeita-me, Não creio em ti, E tu, Tiago, Não creio em ti, E tu, José, que tens o nome do nosso pai, Eu creio em ti, mas não no que dizes. Jesus levantou-se, olhou-os do alto e disse, Quando em mim se cumprir a promessa que o Senhor fez, sereis obrigados a acreditar no que então de mim se disser. (SARAMAGO, 2008, p. 251)

A cena acima ocorre quando Jesus volta para a casa depois de ter convivido quatro anos com o Diabo e ter tido o seu primeiro encontro com Deus. Ao fazer esta revelação à Maria e aos irmãos no seu retorno a Nazaré, ele é praticamente ridicularizado. O episódio remete ao evangelho de Lucas (22, 54-64)¹⁴, em que Pedro nega ser discípulo de Cristo depois que seu mestre é capturado. No entanto, em *O*

¹⁴ Ora, uma criada viu Pedro sentado perto do fogo. Encarou-o bem, e disse: “Este aqui também estava com Jesus!” Mas Pedro negou: “Mulher, eu nem o conheço.” Pouco depois, outro viu Pedro, e disse: “Você também é um deles.” Mas Pedro respondeu: “Homem, não sou, não.” Passou mais ou menos uma hora, e outro insistia: “De fato este aqui também estava com Jesus, porque é galileu.” Mas Pedro respondeu: “Homem, não sei do que você está falando!” (Lc 22, 56-60)

Evangelho Segundo Jesus Cristo, é a própria família de Jesus, estimulada por Maria, que tem uma atitude semelhante. Outro dado importante a se destacar é que, no romance saramaguiano, Maria de Nazaré não engravida virginalmente, mas curiosamente esse fato é um dos únicos que engrandecem a personagem, como se discutirá na sequência do presente estudo.

Conforme se observa ao longo da narrativa, o evangelho de Saramago promove uma inversão no papel atribuído às personagens bíblicas em relação aos seus arquétipos. Isso fica nítido em se tratando das personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala. A Virgem Maria, tão exaltada pela tradição cristã, aparece no romance como a mãe que rejeita o próprio filho, ao passo que a prostituta Maria Madalena é aquela que acolhe Cristo e o ama incondicionalmente. A afirmação de Pinheiro (2007, p. 88) vem ao encontro dessa leitura:

Analisar Maria e Maria de Magdala configurou-se outro desafio: sabemos que Maria não é leviana, tampouco Maria de Magdala é santa; ambas não têm seu arquétipo invertido entre elas, mas são, separadamente, inversões das imagens que a elas são associadas. Maria, mãe de Jesus, comporta-se com omissão, desacreditando seu filho e agindo com orgulho; Maria de Magdala, por outro lado, revela-se a esposa perfeita para um filho de Deus: conselheira, sábia, experiente e companheira. (PINHEIRO, 2007, p. 88)

Em *El Evangelio de Lucas Gavilán* o casal nazareno também é destituído da condição de santo, o que não poderia ser diferente para uma obra que remonta a história de Cristo sob uma ótica racional, desmitificadora e contemporânea, como afirma o próprio autor no prólogo da mesma:

Os estudos de Jon Sobrino, de Leonardo Boff, de Gustavo Gutiérrez e de tantos outros, mas sobretudo o trabalho prático que já realizam numerosos cristãos ao contrário do catolicismo institucional, animaram-me a escrever esta paráfrase do evangelho de Lucas buscando, com o máximo rigor, uma tradução de cada ensinamento, de cada milagre e de cada passagem ao ambiente

contemporâneo do México de hoje sob uma ótica racional e com propósito desmitificador. (LEÑERO, 1993, p. 11-2, tradução nossa)¹⁵

Diante dessa proposta de releitura, a família sagrada dos evangelhos canônicos aparece sob a condição de um humilde casal mexicano, residente da cidade de San Martín El Grande. José é retratado como um pedreiro devotado, preocupado com o bem-estar da esposa, mas pouco consciente da realidade social que o cerca, principalmente em relação à sua comunidade religiosa. Ele é um dos muitos que se submetem às imposições feitas pelos sacerdotes, os quais se beneficiam da ingenuidade dos fiéis para a ostentação de poder e enriquecimento próprio. Isso pode ser observado na discussão que ele trava com María em função do batizado de Jesus:

- E com o quê pagamos o padre – retrucava José Gómez.
- Não lhe pagamos nada, que se dane. Sua obrigação é batizar grátis as crianças.
- Mas sempre cobra – dizia José Gómez.
- Porque é um oportunista – dizia María David - . Lhe interessa mais a grana do que as coisas de Deus.
- O padre também precisa comer.
- Sim, como não. Nunca lhe falta. É tão rico como qualquer rico. (LEÑERO, 1993, p. 35-6, tradução nossa)¹⁶

Como se observa na passagem acima, o pedreiro é até mesmo ingênuo ao ser incapaz de enxergar a corrupção presente no meio

¹⁵ Los estudios de Jon Sobrino, de Leonardo Boff, de Gustavo Gutiérrez y de tantos otros, pero sobre todo el trabajo práctico que realizan ya numerosos cristianos a contrapelo del catolicismo institucional, me animaron a escribir esta paráfrasis del *Evangelio según San Lucas* buscando, con el máximo rigor, una traducción de cada enseñanza, de cada milagro y de cada pasaje al ambiente contemporáneo del México de hoy desde una óptica racional y con un propósito desmitificador. (LEÑERO, 1993, p. 11-2)

¹⁶ - Y con qué le pagamos al cura – repelaba José Gómez.

- No le pagamos nada, que se friegue. Su obligación es bautizar gratis a los niños.

- Pero siempre cobra – decía José Gomez.

- Porque es un tal por cual – decía María David - . Le interesan más los centavos que las cosas de Dios.

- También el cura necesita comer.

- Sí, comó no. Nunca le falta. Él es tan rico como cualquier rico. (LEÑERO, 1993, p. 35-6)

sacerdotal. Enquanto a esposa queria batizar Jesus imediatamente após terem chegado a San Martín El Grande com a criança recém-nascida, José entende ser melhor aguardar até que tivessem dinheiro o suficiente para pagar ao sacerdote pela realização do sacramento. Ele sequer chega a se questionar se era lícito ou não que o pároco cobrasse por isso. José se mostra ainda mais inocente ao imaginar que o sacerdote dependesse do seu dinheiro para se alimentar, tendo em vista que este estava, na verdade, em uma situação financeira muito mais favorável do que a sua.

María, por sua vez, é o oposto do marido. Mesmo sendo de pouca instrução, ela se mostra uma mulher muito inteligente, sendo capaz de fazer uma leitura fiel da estrutura política e religiosa de seu país, conforme pode se observar no citado diálogo com o marido: “*Lhe interessam mais os centavos do que as coisas de Deus.*” A Maria de *El Evangelio de Lucas Gavilán*, ao contrário da personagem saramaguiana, é uma mulher grandiosa. Ela luta por seus direitos perante os poderosos, como o faz ao ir grávida à capital para evitar que ela e o marido fossem expropriados. Vale destacar que o seu sobrenome é David, o que remete ao rei dos judeus. Ainda que María em nada tenha a ver com o rei Davi da história bíblica, é sobre ela, e não sobre José, que recai essa referência, deixando nítida a intenção do autor em valorizá-la, ainda que sob um viés humanizado.

3.2 ANUNCIAÇÃO ÀS AVESSAS

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Saramago vale-se dos evangelhos canônicos para remontar a história de Cristo sem qualquer impedimento imposto pela história ou pela religião. Nesse sentido, os episódios da anunciação e do nascimento de Cristo tratam-se de uma grande paródia do texto bíblico.

A primeira grande discrepância em relação à Bíblia está na negação da gravidez virginal de Maria. No romance, Jesus continua sendo o filho de Deus que veio ao mundo, mas sua geração no ventre de Maria ocorre sob circunstância semelhante a dos seres humanos comuns, ou seja, em função da relação sexual entre homem e mulher:

Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pelo do outro,

como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria, sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida, em verdade há coisas que o próprio Deus não entende, embora as tivesse criado. Tendo pois saído para o pátio, Deus não pôde ouvir o som agônico, como um estertor, que saiu da boca do varão no instante da crise, e menos ainda o levíssimo gemido que a mulher não foi capaz de reprimir. (SARAMAGO, 2005, p. 19)

Ainda que em contrariedade com os evangelhos canônicos, no romance de Saramago, a gravidez de Maria por meio da relação sexual não descaracteriza a origem divina de Jesus. Vale lembrar que Deus havia misturado o seu sêmen ao de José e por isso o casal nazareno é apenas o veículo utilizado por ele para enviar o seu filho ao mundo. O que ocorre é que o ato sexual é naturalizado e tido como sagrado justamente porque é a partir dele que se dá origem a uma nova vida. Daí a afirmação anterior de que esse fato não desqualifica a personagem Maria de Nazaré, pelo contrário, a sua capacidade de gerar uma vida juntamente com o marido é algo que lhe confere grandeza. É interessante observar na passagem acima a ironia com a qual o narrador saramaguiano se refere a Deus ao enfatizar a voluptuosidade presente no ato sexual: *“Deus não pôde ouvir o som agônico, como um estertor, que saiu da boca do varão no instante da crise, e menos ainda o levíssimo gemido que a mulher não foi capaz de reprimir.”* Esse narrador irônico é uma das marcas da obra do escritor português, assim como a aversão desse mesmo narrador à personagem Deus, a qual se configura no grande carrasco da humanidade.

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, é após o ato sexual de José e Maria que se dá a releitura para episódio bíblico da anunciação, inscrito no evangelho de Lucas (1,26-37)¹⁷. A exemplo da inversão dos

¹⁷ No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era Maria...O anjo disse: “Não tenha medo, Maria, porque você encontrou graça diante de Deus. Eis que você vai ficar grávida, terá um filho e dará a ele o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor dará a ele o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó. E o seu reino não terá fim.” (Lc 1, 26-33)

papeis assumidos pelas personagens romanescas Maria de Nazaré e Maria de Magdala em relação aos seus arquétipos, esse episódio bíblico também é remontado às avessas. Em vez de o anjo Gabriel aparecer para revelar à nazarena que ela daria à luz uma criança divina, é o próprio Diabo, sob a forma de um mendigo, o responsável por tarefa semelhante. O que difere o anúncio feito pela personagem saramaguiana em relação ao anjo anunciador da Bíblia é que ela não menciona o fato de Jesus ser o Filho de Deus e é justamente a partir daí que Saramago começa a dar formato ao seu Cristo.

Enquanto no evangelho de Lucas, o anjo do Senhor aparece para anunciar o nascimento de uma criança divina, cujo destino está previamente definido - *“Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor dará a ele o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó. E o seu reino não terá fim.”* (Lc 1,32-33) – no romance, a fala do Diabo enfatiza a condição humana assumida pelo Cristo saramaguiano: *“Mulher, tens um filho na barriga, e esse é o único destino dos homens, começar, acabar e começar”* (SARAMAGO, 2005, p. 23). O fato permite dizer que o episódio da anunciação traz à tona uma versão humanizada para a personagem cristã. Versão essa que se confirmará ao longo da narrativa, pois, como afirma Alcaraz (1998, p. 216), Saramago *“comete a “heresia” de reduzir Jesus Cristo à dimensão puramente humana, enquanto as Igrejas cristãs eliminaram, na prática, a humanidade do seu fundador – o que não é menos herético.”*

3.3 O NASCIMENTO DO AMALDIÇOADO

Do mesmo modo que ocorre no evangelho de Lucas, o Cristo de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* também nasce em Belém por causa do recenseamento ordenado pelo imperador César Augusto, o qual fez com que seu pai, descendente de Davi, tivesse que se registrar em sua terra de origem. A novidade que se faz presente a essa altura da narrativa romanesca está na detalhada descrição que se faz dessa viagem: uma longa e sofrida jornada, principalmente para Maria, que seguia grávida no lombo de um burro.

Durante essa viagem, Simeão, o mais idoso do grupo de peregrinos no qual estavam José e Maria, tem uma espécie de

premonição em relação ao menino que a nazarena tinha em seu ventre. Essa premonição tem grande importância para que se possa compreender a proposta com a qual o Saramago relê a história de Cristo:

Não vi coisas, foi como se, de repente, tivesse a certeza de que seria melhor que os romanos não soubessem da existência do teu filho, que dele ninguém viesse a saber nunca, e que, se tem mesmo de vir a esse mundo, ao menos que nele viva sem pena nem glória, como aqueles homens que além vão e essas mulheres que aí vêm, ignorado como qualquer de nós até a hora da sua morte e depois dela... (SARAMAGO, 2005, p. 49)

As palavras de Simeão são, na verdade, uma prolepse em relação ao futuro de Jesus e ao futuro da humanidade após a sua passagem pela terra. Com relação ao primogênito de José e Maria, faz-se uma nítida referência à tentativa de Herodes de assassiná-lo em Belém e à morte sofrida que Jesus teria que enfrentar ao ser crucificado pelos homens. E com relação à humanidade, faz-se referência a todas as mortes e conflitos religiosos que se originariam em função do surgimento do cristianismo. Isso porque, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Deus é um ser que se compraz do sangue e do sofrimento humano, e a vinda do messias está associada a um plano divino para promover o fanatismo religioso, e com isso, instaurar o caos no mundo.

A seqüência da narrativa trata do nascimento de Cristo. Assim como seu homônimo bíblico, ele também nasce em um estábulo nas mediações de Belém após o povo da cidade ter negado abrigo ao casal nazareno. Saramago vai além dos evangelhos canônicos ao dar detalhes sobre o modo como o messias veio ao mundo: “*O filho de José e de Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio. Chorou porque o fizeram chorar, e chorará por esse mesmo e único motivo.*” (SARAMAGO, 2005, p. 65)

O que se observa a partir dessa passagem é, inicialmente, a proposta humanizada com a qual Saramago retrata a personagem cristã, destacando que ele saiu do ventre de sua mãe aos prantos, e sujo de sangue e muco como qualquer outra criança. Além disso, vê-se novamente uma referência ao trágico futuro do protagonista, que chorará por ser obrigado a se submeter aos desígnios de seu pai,

entregando-se à sofrida morte na cruz e tendo que conviver com o sentimento de culpa por contribuir para com a desgraça da humanidade.

Nesse episódio, também se observam duas grandes discrepâncias entre o romance e a Bíblia, que confirmam o teor paródico com o qual Saramago relê a história dos evangelhos canônicos. A primeira delas dá-se em função da presença de uma escrava para auxiliar Maria no parto, e a segunda, pela visita do Diabo ao recém-nascido. Este novamente assumindo o papel de uma personagem bíblica, no caso, um dos três pastores que, segundo o evangelista Lucas, haviam ido até o local para contemplar o messias. Essas duas personagens (Zelomi e Diabo) têm fundamental importância na narrativa porque elas ajudarão o Cristo saramaguiano a compreender o mundo no qual está inserido e, principalmente, a enxergar com outros olhos a figura divina, reconhecendo toda a sua malevolência.

3.4 O PECADO PERPÉTUO

Segundo o evangelho de Mateus (2,13-18)¹⁸, ao saber que o messias havia nascido em Belém, o Rei Herodes ordenou que seus soldados matassem todas as crianças de até dois anos de idade do local. Ele calculava que Jesus deveria ter no máximo essa idade e queria dar fim à vida do filho de Deus, porque temia que este pudesse se tornar o novo líder do povo judeu. Jesus só não é morto porque um anjo do Senhor aparece para José, avisando-lhe sobre as ordens reais e orientando-o a fugir com a família para o Egito.

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, o episódio da salvação de Jesus recebe uma interpretação diferente. José toma conhecimento da chacina ordenada por Herodes porque ouve um cabo e três soldados conversando sobre as ordens reais. E Jesus é salvo porque o carpinteiro

¹⁸ Depois que os magos partiram, o Anjo do Senhor apareceu em sonho a José, e lhe disse: “Levante-se, pegue o menino e a mãe dele, e fuja para o Egito! Fique lá até que eu avise. Porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo”. José levantou-se de noite, pegou o menino e a mãe dele, e partiu para o Egito. Aí ficou até a morte de Herodes, para se cumprir o que o Senhor havia dito por meio do profeta: “Do Egito chamei o meu filho.” (...)

Quando Herodes percebeu que os magos o haviam enganado, ficou furioso. Mandou matar todos os meninos de Belém e de todo o território ao redor, de dois anos para baixo, calculando a idade pelo que tinha averiguado dos magos. (Mt 2, 9-16)

se esconde com a família na mesma cova nas mediações de Belém em que Maria havia dado à luz o seu primogênito. Na mesma noite em que a chacina havia sido realizada, José é assolado por um sonho que passa a acompanhá-lo por todo o restante de sua vida:

A meio da noite, José teve um sonho. Cavalgava por uma estrada que descia em direcção a uma aldeia de que já se avistavam as primeiras casas, ia de uniforme e com todos os petrechos militares em cima, armado de espada, lança e punhal, soldado entre soldados, e o comandante perguntava-lhe, Tu aonde vais, ó carpinteiro, ao que ele respondia, orgulhoso de conhecer tão bem a missão de que fora incumbido, Vou a Belém matar o meu filho, e quando o disse despertou com um ronco abominável, o corpo crispado, torcido de terror... (SARAMAGO, 2008, p. 95-6)

O sonho de José representa a culpa que ele passa a sentir pelas mortes ocorridas em Belém. Ao se posicionar no lugar dos soldados de Herodes e estar prestes a matar o próprio filho, o carpinteiro vê-se na condição de assassino. Ele percebe que se tivesse repassado a conversa que ouvira dos soldados às demais famílias do local, várias outras crianças, além de Jesus, possivelmente teriam sido salvas.

Enquanto no evangelho de Mateus, a atitude de José em fugir com a família para o Egito corresponde a uma atitude santa, tendo em vista a intervenção do anjo do Senhor para que o fato se consumasse, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, atitude de José em se esconder com a família em uma cova, trata-se uma “*ação covarde, indigna, uma culpa inexprável.*” (FERRAZ, 1998, p. 66).

No romance de Saramago, a atuação de José em Belém tem grande influência na trajetória do protagonista. Depois que o carpinteiro morre, Jesus herda o sonho do mesmo, e assim, toma conhecimento da história do seu nascimento. Nesse momento, ele entende que tanto José quanto Maria são responsáveis pela morte das crianças em Belém, e, revoltado com sua própria família, decide sair de casa:

O meu pai matou os meninos de Belém, Que loucura estás dizendo, mataram-nos os soldados de Herodes, Não, mulher, matou-os o meu pai, matou-os José filho de Heli, que sabendo que os

meninos iam ser mortos não avisou os pais deles, e quando essas palavras ficaram todas ditas ficou também perdida a esperança de consolação (...) Não me toques, a minha alma tem uma ferida, Jesus, meu filho, Não me chames teu filho, tu também tens culpa. (SARAMAGO, 2005, p. 154)

Na verdade, Jesus também passa a se sentir culpado pela tragédia em Belém, uma vez que o Deus saramaguiano repassa aos filhos a responsabilidade pelos pecados dos pais. Vale lembrar que as dores de Maria ao dar à luz o seu primogênito são uma extensão da pena atribuída a Eva em função do pecado original. Sendo assim, a revolta de Jesus para com José e Maria acontece porque estes são os responsáveis por lhe proporcionarem um grande sofrimento. Sofrimento esse decorrente da culpa que ele passa a carregar consigo em função de um erro que não cometeu.

A vida de Jesus longe de Nazaré abre espaço para o início do processo formativo do herói do romance. Vale lembrar que o heroísmo do Cristo saramaguiano, ao contrário do seu homônimo bíblico, está na sua tentativa de impedir o sucesso de sua própria carreira messiânica, visto que esta faz parte de um plano divino para instaurar o caos na terra. Para tal, faz-se necessário que ele reconheça que o Deus da benevolência, que lhe fora apresentado na sinagoga, é uma fraude, e que Deus é, na verdade, o principal responsável por todas as desgraças da humanidade. Com a saída de Nazaré, Jesus passa a conviver com pessoas de fora do seu meio religioso, as quais contribuem substancialmente para que ele chegue a uma conclusão nesse sentido.

3.5 O SEGREDO DE MARIA

Em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, María David descobre estar grávida de Jesucristo Gómez por meio de uma espécie de feiticeira, chamada dona Gabi, a qual lhe dá a notícia depois de lhe tocar o corpo e observar as mudanças naturais decorrentes da gravidez: “*Depois de examiná-la de cima abaixo e tateá-la com muito cuidado, dona Gabi lhe*

deu a notícia.” (LEÑERO, 1993, p. 21, tradução nossa)¹⁹. A partir daí começa a se instaurar um grande enigma em relação à verdadeira origem do protagonista: seria Jesucristo um homem comum ou seria ele o filho que Deus enviou ao mundo?

Depois da anunciação, María revela que o pai da criança engendrada em seu ventre não era o seu noivo, o carpinteiro José. Contudo, ela não faz mais nenhuma menção à paternidade da criança ou às circunstâncias que deram origem à sua gravidez. Sendo assim, o leitor não sabe se Jesucristo é fruto de uma relação sexual dela com outro homem ou se ela engravidou virginalmente:

- É de José, não é mesmo? – presumiu dona Gabi.
- Não – disse María David. (LEÑERO, 1993, p. 22, tradução nossa)²⁰

O que é mais intrigante, no entanto, ocorre na sequência do episódio. Imaginando que María tivesse traído o futuro esposo, dona Gabi sugere a ela a realização de um aborto. Eis que, de súbito, uma forte chuva vem abaixo:

- Não te aflijas, se quiseres posso dar um jeito, ainda temos tempo.
Começou a chover. As gotas caíam como pedradas sobre o teto de tijolo. (LEÑERO, 1993, p. 22, tradução nossa)²¹

Aparentemente não há nenhuma justificativa meteorológica para a ocorrência do temporal. Pelo contrário, ele se forma justamente quando Jesucristo está sob risco de vida, como se fosse uma retaliação divina ao aborto sugerido pela feiticeira. Essa tese se reforça quando María, no desfecho do episódio, nega-se a realizar o procedimento:

¹⁹ “Después de revisarla de arriba abajo y tentearla con muchu cuidado, doña Gabi le dio la noticia.” (LEÑERO, 1993, p. 21)

²⁰ - Es de José, ¿verdad? – agregó doña Gabi.

- No – dijo María David. (LEÑERO, 1993, p. 22)

²¹ - No te aflijas, si quieres you puedo arreglarlo, todavía estamos a tiempo.

Empezó a llover. Las gotas caían como pedradas sobre el techo de ladrillo. (LEÑERO, 1993. p. 22)

“*Non – disse María David com uma voz muito forte -. Que se faça a vontade de Deus.*” (LEÑERO, 1993, p. 22, tradução nossa)²²

Diante dos fatos discutidos acima, pode-se dizer que o episódio da anunciação de *El Evangelio de Lucas Gavilán* é muito pouco revelador em relação à origem do protagonista. A suposta traição de Maria, cogitada por dona Gabi, e a ausência do anjo anunciador podem levar o leitor a entender que Jesucristo Gómez se trate de um homem comum. Por outro lado, a possibilidade de que Maria tivesse engravidado virginalmente, a chuva que ocorre em associação direta à criança trazida em seu ventre, e a justificativa apresentada por ela para não realizar o aborto - cumprir com a vontade divina – sugerem que ele seja o messias. Esse mistério se sustenta ao longo de toda a narrativa, ficando a cargo do leitor construir uma tese em relação à verdadeira identidade do protagonista.

3.6 UM CRISTO REGIONALIZADO

A história de *El Evangelio de Lucas Gavilán* se passa no México do século XX. O episódio do nascimento de seu protagonista é, na verdade, um retrato da sociedade mexicana da época: o Cristo de Leñero nasce junto do lixo e dos ratos de um bairro suburbano da Cidade do México. Esse episódio mostra a realidade de um casal que está à margem da sociedade, sem dispor de uma moradia digna e de um atendimento médico de qualidade, mas principalmente, sem ter voz para exercer sua cidadania.

Na obra do escritor mexicano, a viagem da família nazarena para Belém, narrada no evangelho de Lucas, é substituída pela viagem de José e María rumo à capital mexicana para reivindicar o direito de posse da casa deles em San Martín El Grande. O governo iria construir uma estrada que passaria pelo local do imóvel e por isso eles haviam recebido uma ordem de expropriação. Diante do descaso dado pelas autoridades ao problema, José e Maria não conseguem regularizar a situação da casa. É em função dessa viagem que Jesucristo vem a nascer sob condições miseráveis no subúrbio da maior cidade do mundo.

²² “No – dijo María David con voz muy fuerte -. Que se haga la voluntad de Dios. – Y salió rápidamente de casa de doña Gabi.” (LEÑERO, 1993, p. 22).

Como não havia mais vagas nos hotéis, chegando à Cidade do México, a família nazarena do evangelho de Leñero fica à mercê da caridade alheia. O local que conseguem de abrigo é a lavanderia de um cortiço, junto do lixo e dos ratos que ali se encontravam. Nesse ambiente, María dá à luz com o auxílio de uma prostituta, a qual havia ido ao seu encontro depois de ter ouvido seus gritos de dor, fato que se consuma porque o serviço médico não havia chegado ao local em tempo hábil para lhe proporcionar um atendimento mais adequado: “*Algunas das prostitutas entraram no cortiço alertadas por seus gritos. Uma delas, a que chamavam de La Pestañas, ajudou no parto.*” (LEÑERO, 1993, p. 32, tradução nossa)²³

Para contrastar com a imagem negativa que a tradição cristã faz de Maria Madalena, justamente em função de sua condição de prostituta e, como tal, pecadora, em *El Evangelio de Lucas Gavián*, as prostitutas são as que mais se solidarizam com o casal desamparado. Além de uma delas ter servido de parteira, elas abrigam a família de Jesus no hotel em que trabalhavam. Tudo isso seria uma grande heresia aos olhos da tradição cristã, que sequer admite a hipótese de que Maria de Nazaré pudesse ter se relacionado sexualmente, quanto menos seria capaz de aceitar que Jesus tivesse sido abrigado em um prostíbulo, e ainda, nascido com o auxílio de uma pecadora.

Depois disso, os que acompanharam o inesperado parto de María David promovem uma festa em comemoração ao nascimento de Jesucristo. Ao invés dos pastores comemorando o nascimento do messias, como ocorre em Lucas (2:8-20)²⁴, a obra de Leñero retrata um momento de confraternização entre pessoas que celebram a chegada de uma criança, que estava saudável mesmo tendo nascido em condições tão adversas.

Por fim, após passar pelo hospital para receber os devidos cuidados médicos e ser registrado perante a lei dos homens, Jesucristo volta com a família para San Martín El Grande e é batizado pelo pároco local: um sacerdote corrupto, que exige remuneração financeira pela realização do sacramento. Vale observar que o batismo em San Martín não corresponde a uma releitura para o episódio bíblico do batismo no Jordão, este, no romance, é representado pelo ingresso do protagonista

²³ “Algunas de las prostitutas entraron en La vecindad alertadas por los gritos. Una de ellas, a la que apodaban La Pestañas, ayudó em el parto.” (LEÑERO, 1993, p. 32)

²⁴ Os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que haviam visto e ouvido, conforme o anjo lhes tinha anunciado. (Lc 2,20)

no grupo revolucionário de Juan Bautista (a *Frente Común*), o que acontecerá somente anos mais tarde.

A imagem do pároco serve para retratar a própria igreja, tida como uma instituição com ambições políticas e financeiras, despreocupada com questões verdadeiramente espirituais ou sociais. Nada muito diferente da realidade em que o Cristo bíblico veio ao mundo. O que chama atenção nesse episódio dá-se em função da participação das personagens Simeón Terrones e Ana la Caraja, que identificam Jesucristo Gómez como o messias:

- Jesucristo voltou ao mundo! Voltou para nos salvar!
- Bendito seja o nome de Jesucristo! – gritava em coro Ana la Caraja, (LEÑERO, 1993, p. 37, tradução nossa)²⁵

Simeón era cego e tido pela população como louco. Ana la Caraja era idosa e igualmente considerada louca. Em face dessa realidade, eles não ganham crédito diante da população. No entanto, para o leitor, o episódio contribui para manter o clima enigmático em relação à real identidade do protagonista da obra.

²⁵ - ¡ Regresó Jesucristo al mundo! ¡ Regresó para salvarnos!

- ¡ Bendito sea el nombre de Jesucristo! – coreaba Ana la Caraja. (Leñero, 1993, p. 37)

Quadro 1 – Comparativo referente à vinda de Cristo ao mundo

CGD	OSF	OSJC	ELG
José e Maria são santos.	José e Maria não são santos.	José e Maria não são santos.	José e Maria não são santos.
Gravidez virginal.	José e Maria relacionam-se sexualmente.	José e Maria relacionam-se sexualmente.	A gravidez de Maria é um mistério.
Presença do anjo anunciador (JC nasce como o salvador).	Presença do anjo anunciador (JC nasce como o salvador).	O Diabo substitui o anjo Gabriel (JC nasce como aquele que será o responsável pela desgraça da humanidade).	Uma vidente substitui o anjo Gabriel (nada se profetiza sobre o futuro de JG).
Evento sobrenatural: estrela do oriente.	Não há a estrela do oriente (contestação dos EC).	Evento sobrenatural: terra luminosa.	Evento sobrenatural: chuva (enigma sobre a verdadeira origem de JG).
		A fuga para o Egito se converte em uma ação covarde.	JG nasce em um cortiço com o auxílio de uma prostituta (regionalização do enredo).

4 A VIDA DE CRISTO ANTES DO BATISMO

Após o nascimento do Filho de Deus e o retorno da família sagrada a Nazaré, há um grande salto cronológico nos evangelhos de Mateus²⁶ e Lucas. Com exceção do evangelho de Lucas (2,41-51)²⁷, Cristo só torna a aparecer nessas narrativas já em fase adulta, após ter sido batizado pelo primo João Batista, o que, segundo o evangelista, ocorre quando ele já tem completado seus trinta anos de idade: “*Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou sua atividade pública.* (Lc 3,23). Os evangelhos de Marcos e João conseguem ser ainda mais enigmáticos, pois suas narrativas partem do episódio do batismo, não havendo qualquer menção ao modo como Cristo veio ao mundo, quanto menos à sua infância e juventude. Segundo Souza (2007, p. 9):

A fase da infância e adolescência não aparece nos evangelhos canônicos talvez porque não tenha a menor importância para o que pretendiam os seus autores, cujo objetivo principal era apresentar a seus leitores a carreira de Jesus no cumprimento das promessas divinas. (SOUZA, 2007, p. 9).

De fato, a trajetória do Cristo bíblico está incondicionalmente ligada à carreira messiânica. Depois do batismo, já em meio aos seus trinta anos de idade, ele aparece se anunciando aos homens como filho de Deus, discursando e fazendo uso de seus poderes sobrenaturais,

²⁶ Mateus faz um breve comentário sobre a infância de Cristo: “... José partiu para a região da Galiléia, e foi morar numa cidade chamada Nazaré. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelos profetas: “Ele será chamado Nazareno.” (Mt 2,22-23)

²⁷ Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, para a festa de Páscoa. Quando o menino completou doze anos, subiram para a festa, como de costume. Passados os dias da Páscoa, voltaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. Pensando que o menino estivesse na caravana, caminharam um dia inteiro. Depois começaram a procurá-lo entre parentes e conhecidos. Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém à procura dele. Três dias depois, encontraram o menino no Templo, Estava sentado no meio dos doutores, escutando e fazendo perguntas. Todos os que ouviam o menino estavam maravilhados com a inteligência de suas respostas. Ao vê-lo, seus pais ficaram emocionados. Sua mãe lhe disse: “Meu filho, por que você fez isso conosco? Olhe que seu pai e eu estávamos angustiados, à sua procura.” Jesus respondeu: “Por que me procuravam? Não sabiam que eu devo estar na casa do meu Pai?” Mas eles não compreenderam o que o menino acabava de lhes dizer.

Jesus desceu então com seus pais para Nazaré, e permaneceu obediente a eles. E sua mãe conservava no coração todas essas coisas. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e dos homens. (Lc 2, 41-51)

exigindo do povo o arrependimento dos pecados e o cumprimento das leis divinas, enfim, realizando uma série de atividades que compreendem a sua missão divina, a qual será discutida mais detalhadamente no capítulo seguinte do presente estudo. Contudo, o que teria acontecido antes disso é um grande mistério.

A partir da única referência mais detalhada que se tem na bíblia em relação à vida de Cristo entre o nascimento e o batismo - o mencionado episódio de Lucas (2,41-51), no qual ele aparece aos doze anos de idade envolvido em uma provável discussão teológica com os doutores do templo -, pode-se dizer que o Cristo bíblico é retratado como uma criança divina. Mesmo que o leitor não tenha acesso ao conteúdo dessa discussão, fica claro que Jesus é uma criança com inteligência extraordinária: *“Todos os que ouviam o menino estavam maravilhados com a inteligência de suas respostas.”* (Lc 2,47). Não obstante, ele demonstra ter consciência da sua condição de filho de Deus: *“Por que me procuravam? Não sabiam que eu devo estar na casa do meu Pai?”* (Lc 2, 49). Por fim, o apontamento de Lucas no desfecho do episódio dá a entender que dali em diante (até o momento do batismo) Jesus teria vivido como uma criança comum, não dando mais nenhuma demonstração de sua divindade e não realizando nenhum tipo de atividade relacionada à sua missão divina: *“Jesus desceu então com seus pais para Nazaré, e permaneceu obediente a eles. E sua mãe conservava no coração todas essas coisas. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e dos homens.”* (Lc 2, 51-52)

Nos evangelhos de Mateus, Marcos e João, nada pode se depreender nesse sentido. Como não há nenhuma referência à vida de Cristo entre o nascimento e o batismo, o leitor desses textos não sabe ao certo se Jesus atuava como messias nesse intervalo de tempo ou se ele teria se resignado a uma vida comum, como se estivesse à espera do momento certo para se apresentar aos homens como filho de Deus e dar início à sua missão divina. Além disso, também não é possível saber se Deus precisou se apresentar ao jovem nazareno para colocá-lo a par de sua origem divina e de suas incumbências na terra ou se Jesus já tinha esse discernimento por essência, como sugere a doutrina trinitária, segundo a qual Pai, Filho e Espírito Santo são manifestações de um único Deus.

Das obras literárias analisadas, *Com a Graça de Deus* é a que menos faz referência à vida de seu protagonista antes do batismo. Vale

lembrar que, na apresentação da obra, o autor assume a intenção de se manter fidedigno aos evangelhos canônicos por se tratarem de textos nos quais acredita e, sendo assim, não cria nenhum episódio ficcional a partir dos mesmos: “*tratando-se de textos sagrados nos quais acredito, o caso muda de figura: eu não ousaria tomar Jesus como assunto, para tentar recriar o que realmente se passou, imaginando cenas, reinventando ambientes ou personagens. Ao contrário, não suprimo nem acrescento nada.*” (SABINO, 1995, p. 14). Como se discutiu anteriormente, o Cristo sabiniano é fruto da leitura que o narrador faz dos episódios bíblicos. Diante dessa proposta, ele simplesmente cita o mencionado episódio de Lucas e, depois disso, apresenta sua visão em relação a como deve ter sido a infância do protagonista:

Nada mais informam os Evangelhos sobre a infância e a juventude de Jesus, que devem ter sido normais, sem nenhum acontecimento especial a registrar. É possível que ele consumisse a maior parte do tempo ajudando o pai na carpintaria. (SABINO, 1993, p. 36)

O Evangelho Segundo o Filho, O Evangelho Segundo Jesus Cristo e El Evangelio de Lucas Gavilán dão mais detalhes sobre a vida de Cristo antes do batismo. Batismo esse que, em Leñero, corresponde ao ingresso de Jesucristo Gómez no grupo revolucionário de Juan Bautista. Em cada uma dessas obras, os capítulos que dão conta de narrar essa fase respondem a alguns dos questionamentos deixados pelos evangelhos de Mateus, Marcos e João, e possibilitam ao leitor confrontar o evangelho de Lucas.

Nas obras de Saramago e Leñero, esses capítulos ganham uma importância ainda maior, pois auxiliam o leitor a compreender no que consiste o heroísmo das respectivas personagens e como elas vieram a se tornar grandes heróis, tendo em vista que, nesses aspectos, suas histórias contrastam com a do homônimo bíblico. Em função disso, diferentemente do que ocorre nos evangelhos canônicos, nos quais o protagonista surge para o leitor como um herói pronto e acabado - sempre consciente da sua divindade, da sua missão na terra e dos seus poderes sobrenaturais -, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo e El Evangelio de Lucas Gavilán*, os protagonistas se formam diante dos olhos do leitor. Segundo Souza (2007, p. 105), a personagem saramaguiana “*é construída diante dos olhos do leitor e ao contrário do*

herói dos evangelhos não tem nada que possa defini-la de antemão, seu caráter é algo que vai se constituindo com o decorrer da narrativa.” Na obra de Mailer, também ocorre algo semelhante, porém o herói só começa a se formar depois do batismo, o que será tema para o próximo capítulo.

Antes de se prosseguir com a presente discussão, é importante reconhecer que, do mesmo modo que se pode depreender do evangelho de Lucas, em *O Evangelho Segundo o Filho*, o encontro com João Batista marca o início efetivo da carreira messiânica do protagonista. Analogamente, em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, o engajamento de Jesucristo Gómez na *Frente Común* marca o início da sua carreira como líder popular. Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, por sua vez, ocorre algo diferente.

O Cristo saramaguiano também é batizado por João Batista, no entanto, o início efetivo da sua carreira messiânica ocorre muito antes disso, o que se dá depois que ele, aos vinte e cinco anos de idade, encontra-se com Deus e o Diabo em uma barca à deriva. É nesse episódio que o protagonista descobre ser filho de Deus e toma ciência das tarefas que lhe cabiam realizar enquanto messias. Sendo assim, para que se possa estabelecer um paralelismo com as demais obras analisadas e com o texto bíblico, analisar-se-á neste capítulo os episódios do romance de Saramago que retratam a vida do protagonista antes do episódio da barca.

4.1 A INFÂNCIA TRAUMÁTICA

Em *O Evangelho Segundo o Filho*, antes do batismo, Jesus leva uma vida praticamente igual a das demais pessoas da sua comunidade. Durante a infância, entre os cinco e oito anos de idade, ele vai à sinagoga para aprender a língua escrita e os preceitos de sua religião e, aos treze, inicia o aprendizado de uma profissão na carpintaria do pai:

Como as outras crianças, havia começado a frequentar a escola antes dos 5 anos de idade, em nossa pequena sinagoga estudávamos até ao cair da tarde. Aos 8 anos, já sabia ler a escrita dos velhos israelitas e conhecia os Mandamentos de Moisés e as leis que derivavam deles. Posto que

cada lei gerava dez e mais dez, havia mil leis concernentes à oração, à dieta e às regras do sacrifício no altar. Também estudávamos os cinco livros do Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterônimo. (MAILER, 2007, p. 17, grifo nosso)

...aos treze anos, perdera totalmente a memória do que José havia me contado, e me tornei idêntico aos demais rapazes da minha idade. Iniciei a experiência na oficina de carpintaria, onde *passei sete anos como simples aprendiz e outros sete como aprendiz pleno, antes de me tornar um jovem mestre.*” (MAILER, 2007, p. 18, grifo nosso).

É interessante notar que, durante o seu aprendizado na sinagoga e na carpintaria, Jesus precisa passar pelas etapas de construção do conhecimento. Nessa época, ele não demonstra nenhum tipo de precocidade ou inteligência extraordinária, quanto menos poderes sobrenaturais, que o pudessem caracterizar como filho de Deus. Ele mesmo reconhece que em nada se diferenciava das demais crianças de mesma idade: *“Após as aulas, brigando uns com os outros, eu ganhava e perdia, com igual freqüência, as pejejas em que me envolvia. Como então podia ser o Filho de Senhor?”* (MAILER, 2007, p. 18)

O único momento em que o protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* demonstra um traço de divindade antes do batismo se dá na sua primeira ida a Jerusalém, uma releitura para o mencionado episódio do Evangelho de Lucas (2:41-51). Em Mailer, a novidade fica por conta do acesso que o leitor tem ao discurso do protagonista, uma fala carregada de lirismo a respeito da criação do mundo e da relação existente entre Deus e suas criaturas:

De repente, lembrava-me de ter dito àqueles homens instruídos que o Verbo existira antes na água, da mesma forma como o ar que expelimos dos pulmões e transporta o que sai de nossa boca, tal qual a névoa de uma fria manhã de inverno. Porque as nuvens trazem a chuva, o Verbo vive no líquido contido em nossa respiração. Consequentemente, pertencemos a Deus, já que todas as águas são Dele, assim como todos os rios

descem na direção do mar. (MAILER, 2007, p. 12)

Assim como ocorre no episódio bíblico, no do romance, Jesus também é retratado como uma criança de inteligência extraordinária: *“Naquela hora, voltando-se para minha mãe, os sacerdotes lhe afiançaram que ‘nunca escutamos alguém tão jovem demonstrar tamanha sabedoria’ ”* (MAILER, 2007, p.12). Se por um lado, na sinagoga e na carpintaria, ele não havia demonstrado nenhum tipo de precocidade ou inteligência fora do comum, no episódio do templo, suas palavras revelam uma sabedoria acima dos padrões, a qual só poderia estar associada à sua origem divina, como reconhecem Maria e José: *“Segundo José e Maria, minhas palavras eram dignas de um profeta: um milagre.”* (MAILER, 2007, p. 11).

Depois de presenciar a atuação divina do seu primogênito, José decide pôr Jesus a par da sua verdadeira origem, contando-lhe toda a história do seu santo nascimento. Contudo, por se sentir culpado pela morte das crianças em Belém, Jesus apaga da sua memória tudo o que o carpinteiro havia lhe revelado e retoma sua vida como um ser humano comum. A lembrança dessa história é algo que só lhe ocorre dezoito anos mais tarde, quando José vem a falecer:

...suas palavras estavam bastante longe da compreensão de um menino; além do mais, logo a seguir, caí num longo estado febril. Aparentemente, toda a narrativa de José se perdeu. Contudo, *não considero que tenha sido a febre a causa do esquecimento, mas minha própria resistência a tais recordações.* Só depois de passados 18 anos, quando ingressei na casa dos trinta, e enlutado pela sua morte, é que pude recuperar o que ele dissera quando eu tinha 12 anos. (MAILER, 2007, p. 10, grifo nosso)

...aos treze anos, perdera totalmente a memória do que José havia me contado, e me tornei idêntico aos demais rapazes da minha idade. Iniciei a experiência na oficina de carpintaria, onde passei sete anos como simples aprendiz e outros sete como aprendiz pleno, antes de me tornar um jovem mestre.” (MAILER, 2007, p. 18).

Sendo assim, pode-se considerar que o episódio do templo é um evento excêntrico na vida do Cristo de Mailer. Com exceção dessa ocasião, antes do batismo, não há nenhum outro momento em que ele atue divinamente ou realize alguma atividade relacionada à carreira messiânica. Segundo Laranjeira (2006, p. 68): “*No romance, o conflito de ser homem e deus parece ter estado sempre com Jesus. O intervalo entre os doze e os trinta anos de sua vida manteve esse conflito latente.*”

4.2 A TENTAÇÃO NO DESERTO

Até ter completado vinte e cinco anos de idade, quando se encontra com Deus no mencionado episódio da barca, o protagonista de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* não tem conhecimento de que é filho de Deus e não sabe do papel que teria que cumprir na terra enquanto messias.

Durante a infância, o Cristo saramaguiano é uma criança com características exclusivamente humanas, não demonstrando nenhum tipo de comportamento, habilidade ou característica física que pudessem ser considerados indícios de sua divindade. Nesta época, nem Maria nem José sabiam da natureza divina de seu primogênito, visto que os dois se relacionavam sexualmente e acreditavam que Jesus fosse fruto de uma dessas relações:

Maria olha o seu primogênito, que por ali anda gatinhando como fazem todos os crios humanos na sua idade, olha-o e procura nele uma marca distintiva, um sinal, uma estrela na testa, um sexto dedo na mão, e não vê mais do que uma criança igual às outras, baba-se, suja-se e chora como elas, a única diferença é ser seu filho... (SARAMAGO, 2005, p. 103)

Enquanto o Cristo saramaguiano vive em Nazaré, o que ocorre até os treze anos de idade, sua vida se confunde com a do protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho*. Nesse período, ele é instruído nos preceitos religiosos da sua comunidade e aprende a profissão de seu pai, enfim, submete-se à mesma realidade das pessoas ao seu redor:

Todas as manhãs, logo ao nascer do dia, a mãe levava-o ao encarregado da sinagoga, que, sendo os estudos do nível elementar, bastava para o efeito, e era ali, na própria sinagoga, feito sala de aula, que ele e os outros rapazinhos de Nazaré, até os dez anos, realizavam a sentença do sábio, *A criança deve criar-se na Tora como o boi se cria no curral*. (SARAMAGO, 2005, p. 107, grifo nosso)

...começava José a instruir os seus filhos mais velhos, um após o outro, à medida que chegavam à idade, primeiro Jesus, depois Tiago, depois José, depois Judas, nos segredos e tradições da arte carpinteira... (SARAMAGO, 2005, p. 109)

O que mais importa atentar para que se possa compreender a trajetória do Cristo saramaguiano está na primeira dessas atividades. Devido ao contexto religioso em que está inserido, Jesus aprende a enxergar Deus como um ser misericordioso e benevolente, o que, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, não corresponde à realidade: “*Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que, pelo poder da tua misericórdia, assim me restituísse, viva e constante, a minha alma*” (SARAMAGO, 2005, p. 166). Sendo assim, sua educação religiosa se constitui em um grande entrave para que ele entenda como proceder em benefício da humanidade, tendo em vista que ele leva praticamente todo o seu tempo de vida para descobrir que Deus é, na verdade, o principal responsável pelas mazelas humanas, portanto, o inimigo a ser combatido.

O primeiro contato do Cristo saramaguiano com sua divindade ocorre somente quando ele completa dezoito anos. Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, esse episódio corresponde a uma paródia para o episódio bíblico da tentação no deserto, na qual Deus é quem assume o papel de tentador:

Quem te disse que tenciono dar-te alguma coisa, Prometeste, Uma troca, nada mais que uma troca, A minha vida por não sei que pago, O poder, E a glória, não me esqueci, mas se não me dizes que poder, e sobre que glória, e perante quem, será como uma promessa que veio cedo demais...(SARAMAGO, 2008, p. 219)

Como se pode observar no fragmento acima, no evangelho de Saramago, é Deus quem aparece oferecendo poder e glória a Cristo. Contudo, pior do que o Diabo dos evangelhos canônicos, ele não deixa claro o que pediria a Jesus em troca, ou seja, qual seria a missão que este teria que cumprir na terra e qual seria a repercussão da mesma. Não obstante, ele também não oferece ao nazareno uma oportunidade de escolha, sendo este obrigado a se submeter à tentação: *“Seja como queres, o mundo todo pertence-te e eu sou o teu servo...”* (SARAMAGO, 2008, p. 219).

A ratificação desse pacto simbólico é caracterizada pelo sacrifício de uma ovelha que Jesus havia se negado a realizar durante as comemorações de páscoa em Jerusalém. É Deus quem exige a morte do animal mesmo diante do protesto de Cristo, o que serve para ilustrar o seu caráter sanguinário e, ao mesmo tempo, a sua onipotência, uma vez que sua vontade sempre prevalece sobre a dos homens: *“O cutelo subiu, tomou o ângulo do golpe, e caiu velozmente como o machado das execuções ou a guilhotina que ainda falta a inventar. A ovelha não soltou um som, apenas se ouviu, Aaaaah, era Deus suspirando de satisfação.”* (SARAMAGO, 2008, p. 220).

Do encontro com Deus no deserto, o Cristo saramaguiano adquire as habilidades de realizar milagres e praticar exorcismos. A partir de então, ele passa por algumas vilas e cidades em torno do Mar da Galiléia, realizando esses tipos de prodígios, mas sem saber como e nem o porquê os realizava.

Os episódios em que o protagonista de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* se envolve nessa fase tratam-se de releituras para os principais episódios bíblicos que registram os feitos prodigiosos da personagem cristã, como os milagres da pesca e da água transformada em vinho, e o exorcismo de legião:

Para obrar aquelas coisas, a Jesus bastava querê-lo, mas, se alguém lhe perguntasse para que as fizera, não saberia dar-lhe resposta, ou apenas que assim tinha sido preciso, uns pescadores sem peixe, uma tempestade sem recurso, uma boda sem vinho, verdadeiramente, ainda não chegara a hora do senhor falar pela sua boca. (SARAMAGO, 2008, p. 291)

É somente no episódio da barca que Deus revela que era ele quem realizava os prodígios por intermédio de Jesus e que estes faziam parte da missão divina que estava reservada a seu filho: “*Que ideia, os milagres, tanto os pequenos como os grandes, quem os faz sempre sou eu, na tua presença, claro, para que estejas lá a receber os benefícios que me convêm*” (SARAMAGO, 2005, p. 312). Sendo assim, após o encontro no deserto, o Cristo saramaguiano dá os primeiros passos da sua carreira messiânica, o que, no entanto, ocorre de modo inconsciente.

4.3 A ESCOLA HEREGE

Se por um lado a carreira messiânica do Cristo saramaguiano começa aos dezoito anos de idade, o processo de transformação do jovem nazareno no herói da humanidade tem início aos treze. É nessa época que ele se depara com a morte de José, toma conhecimento da história do seu nascimento e abandona a casa da família em Nazaré, o que o permite enxergar Deus e o mundo a sua volta sem uma visão limitada pela religiosidade. Enquanto vive longe de sua comunidade religiosa, Jesus “*se depara com fatos e questionamentos das pessoas a sua volta que põem em xeque a educação religiosa e moral que recebeu em sua infância, passa aos poucos a questionar tais preceitos e se dar conta das contradições existentes em suas crenças*” (SOUZA, 2007, p. 108-9). Em outras palavras, ele vai reconhecendo, aos poucos, que Deus é o principal responsável pelo caos no mundo, o grande inimigo a ser combatido.

A primeira personagem que contribui para a subversão das crenças e convicções que Jesus trazia consigo de Nazaré é o escriba com o qual ele trava um debate teológico no templo de Jerusalém. Episódio esse que corresponde a uma releitura para o tão citado episódio do evangelho de Lucas (2, 41-52). A discussão é gerada depois que Cristo questiona o escriba sobre a perpetuação do pecado, em uma clara alusão ao sentimento de culpa pela morte das crianças em Belém que ele havia herdado de José:

...a vontade do senhor não se contenta com prevalecer sobre todas as coisas, ela é o que faz que tudo seja como é, Mas tu próprio disseste que a desobediência de Adão é causa de que não

conheçamos o projecto que Deus tinha concebido para ele, Assim é, segundo a razão, mas na vontade de Deus, criador e regedor do universo, estão contidas todas as vontades possíveis, a sua, mas também a de todos os homens nascidos e por nascer, Se isso fosse como dizes, interveio Jesus, numa súbita iluminação, cada um dos homens seria uma parte de Deus, Provavelmente, mas a parte representada por todos os homens juntos seria como um grão de areia no deserto infinito que Deus é... A culpa é um lobo que come o filho depois de ter devorado o pai, Esse lobo de que falas já comeu meu pai, Então só falta que te devore a ti, E tu, na tua vida, foste comido ou devorado, Não apenas comido e devorado, mas vomitado. (SARAMAGO, 2008, p. 174-5)

As palavras do escriba colocam Jesus pela primeira vez diante de uma nova versão para a tragédia ocorrida em Belém, segundo a qual Deus teria sido o verdadeiro responsável pela morte das crianças, tendo em vista que a vontade do senhor “*é o que faz que tudo seja como é*”, e que o homem trata-se apenas de “*um grão de areia no deserto infinito que Deus é*”. Além disso, o escriba confirma a Jesus que os pecados não são extintos após a morte e, por isso, são repassados de pai para filho: “*A culpa é um lobo que come o filho depois de ter devorado o pai*”. Sendo assim, Deus é retratado como um ser inescrupuloso, hipócrita e intolerante; e o homem, comparado a um grão de areia, como um ser insignificante que não tem poderes para influenciar no projeto divino.

Depois de deixar o grande templo, Jesus segue para Belém e encontra-se com a escrava Zelomi, aquela que havia auxiliado Maria no parto do seu primogênito. A escrava é a segunda personagem que aparece no caminho do protagonista para contradizer o que ele havia aprendido sobre Deus e o mundo em meio a sua comunidade religiosa:

Vim para conhecer este lugar onde nasci, e também para saber dos meninos que foram mortos, Só Deus saberá por que morreram, o anjo da morte, tomando a figura de uns soldados de Herodes, desceu em Belém e condenou-os, Crês então que foi vontade de Deus, Não sou mais do que uma escrava velha, mas, *desde que nasci, ouço dizer que tudo quanto tem acontecido no*

mundo, só pôde acontecer porque Deus, antes, o quis, Assim é que está escrito, Compreendo que Deus queira, um destes dias, a minha morte, mas não a de crianças inocentes. A tua morte decidi-lá Deus, a seu tempo, a morte dos meninos decidi-a a vontade de um homem, Pode bem pouco, afinal, a mão de Deus, se não chega para interpor-se entre o cutelo e o sentenciado, Não ofendas ao Senhor, mulher, Quem, como eu, nada sabe, não pode ofender, Hoje, no Templo, ouvi dizer que todo o acto humano, por mais insignificante que seja, interfere com a vontade de Deus, e que o homem só é livre para poder ser castigado, Não é de ser livre que o meu castigo vem, mas de ser escrava, disse a mulher. (SARAMAGO, 2008, p. 180-1, grifo nosso)

No trecho acima, é possível se identificar uma nítida semelhança entre a fala de Zelomi e a do escriba. A escrava também afirma que a vontade divina é soberana e, conseqüentemente, que Deus tem poder para intervir nas decisões humanas. Sendo assim, Jesus é novamente colocado diante de um argumento que aponta Deus como o responsável, não só pela chacina ocorrida em Belém, como também por todas as desgraças do mundo.

É importante destacar que Jesus é um jovem extremamente apegado aos preceitos religiosos nos quais fora educado, por isso ele reluta em aceitar essa nova imagem para Deus que lhe fora apresentada pelo escriba e por Zelomi. No entanto, é certo que essas personagens o fazem cogitar pela primeira vez que o Deus misericordioso e benevolente podia ser uma grande fraude, conforme pode se ver nos trechos abaixo:

Jesus desce em direcção a Belém, poderia agora reflectir nas respostas dadas pelo escriba, não apenas à sua pergunta, às outras antes da sua também, mas o que o perturba é a embaraçosa impressão de que todas as perguntas eram, afinal, uma só, e que a resposta dada a cada uma a todas servia, principalmente a última, que resumia tudo, a fome eterna do lobo da culpa, que eternamente come, devora e vomita. (SARAMAGO, 2008, p. 176)

Mal tinha ouvido as palavras de Zelomi porque o pensamento, como uma súbita fresta, abriu-se para a ofuscante evidência de ser o homem um simples brinquedo nas mãos de Deus, eternamente sujeito a só fazer o que a Deus aprouver, quer quando julga obedecer-lhe em tudo, quer quando em tudo supõe contrariá-lo. (SARAMAGO, 2008, p. 181)

Findada a discussão com Zelomi, Jesus encontra-se com aquele que, juntamente com Maria de Magdala, é um dos principais responsáveis pela subversão de suas crenças e convicções de infância: o próprio Diabo. O encontro entre essas duas personagens dá-se quando Jesus vai à cova em que havia nascido e se refugiado dos soldados romanos. No local, o Diabo lhe aparece sob a forma de um pastor de ovelhas e o convida para auxiliá-lo na lida com os animais, um pretexto para colocar Jesus a par das verdades sobre Deus e o mundo a sua volta. Daí em diante, as personagens convivem por quatro anos, tempo em que se envolvem em uma série de discussões teológicas. Para que se possa compreender a influência que o Diabo exerce em Jesus, faz-se necessário, primeiramente, compreender a proposta com a qual a personagem é concebida no romance.

A primeira aparição do Diabo em *O evangelho segundo Jesus Cristo* dá-se em uma releitura para o episódio do evangelho de Lucas (1, 26-37)²⁸. Conforme discutido no terceiro capítulo do presente estudo, a substituição do anjo do Senhor pelo próprio Anjo Caído parece surgir como uma tentativa de aproximar o universo divino do diabólico, relativizando os conceitos de *bem* e de *mal*. Além disso, através das palavras desse novo anunciador, enfatiza-se o lado humano daquele que estava para nascer, uma vez que ele não vem ao mundo como o filho de Deus, mas sim, como alguém que estaria fadado ao nascimento e a morte como todos os demais homens: “*Mulher, tens um filho na barriga, e esse é o único destino dos homens, começar e acabar, acabar e começar*” (SARAMAGO, 2008, p. 23). A nova proposta apresentada

²⁸ No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era Maria... O anjo disse: “Não tenha medo, Maria, porque você encontrou graça diante de Deus. Eis que você vai ficar grávida, terá um filho e dará a ele o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor dará a ele o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó. E o seu reino não terá fim.” (Lc 1, 26-33)

pelo romance para o Diabo surge ainda nessa primeira aparição. Quando a personagem, sob a aparência de mendigo, aparece batendo à porta da casa de José e Maria, o leitor depara-se com a seguinte descrição:

Sem dúvida estaria o mendigo com fome de três dias, que essa, sim, é fome autêntica, para em tão poucos minutos ter rapado e lambido o prato, e eis que já está batendo à porta para devolver a escudela e agradecer a caridade. Maria veio abrir, o pedinte ali estava, de pé, mas inesperadamente grande, muito mais alto do que antes lhe tinha parecido... porquanto a este homem era como se lhe resplandecesse a cara e faiscassem os olhos, ao mesmo tempo em que as roupas que vestia, velhas e esfarrapadas, se agitavam sacudidas por um vento que não se sabia donde vinha, e com esse contínuo movimento se nos confundia a vista, a ponto de, em um instante, parecerem os farrapos finas e sumptuosas telas, o que só estando presente se acredita. (SARAMAGO, 2008, p. 23)

Aqui, vê-se o esforço do narrador para remontar a figura do Diabo, afastando-se das mais diversas imagens atribuídas a este pela crença popular, que normalmente descrevem um ser horrendo e desprezível, com seus chifres e odores. Logo de início, o leitor é colocado diante de um Diabo com uma aparência angelical: alto, com feições resplandecentes e vestes finas, o que, segundo Ferraz (1998, p. 105), ilustra *“certa predileção especial do narrador pelo Diabo e como ele se esforça para delinear, claramente, um novo perfil para o caráter dessa personagem.”*

De posse dessa leitura, o que se observa é que o objetivo de Pastor, ao longo dos quatro anos em que convive com Jesus, é fazer com que seu jovem companheiro enxergue a verdadeira face de Deus e compreenda o modo egocêntrico e arbitrário com o qual este administra o mundo, talvez até mesmo para se livrar da atribuição de ser o responsável por todas as mazelas humanas, conforme se pregava entre os judeus. O trecho abaixo corresponde a uma das discussões teológicas travadas entre Pastor e Jesus que ilustra bem o papel desempenhado pelo Anjo Caído nesse sentido:

Nessas diferenças não sou entendido, mas o que te posso dizer é que não gostaria de me ver na pele de *um deus que ao mesmo tempo guia a mão do punhal assassino e oferece a garganta que vai ser cortada*, Ofendes a Deus com esses pensamentos ímpios, Não valho tanto, Deus não dorme, um dia te punirá, Ainda bem que não dorme, dessa maneira evita os pesadelos do remorso, Por que me falas tu de pesadelos e remorso, Porque estamos a falar do teu deus, E o teu, quem é, Não tenho deus, *sou como uma das minhas ovelhas, Ao menos dão filhos para os altares do Senhor, E eu digo-te como lobos uivariam essas mães se o soubessem*. (SARAMAGO, 2008, p. 192-3, grifo nosso)

Primeiramente, vale se observar que o Diabo é um ser onipresente. Como tal, tem conhecimento do drama vivenciado por Jesus, ou seja, o sentimento de culpa pela morte das crianças em Belém. Diante disso, ele tenta se utilizar do exemplo da tragédia como uma estratégia de convencimento para fazer com que Jesus descubra a verdade sobre Deus e o mundo a sua volta. Através do discurso de Pastor, Deus é retratado como um ser sanguinário e inescrupuloso - daí a sua não intervenção para a salvação das crianças -; e os homens, como seres fadados ao eterno sofrimento por estarem à mercê dos interesses inescrupulosos dessa entidade.

Depois de conhecer Pastor, Jesus dá uma primeira mostra de desapego aos preceitos religiosos judeus e, principalmente, de que estava se abrindo para a possibilidade de que Deus fosse um grande carrasco. O fato se dá quando ele vai a Jerusalém para comemorar a páscoa e se nega a sacrificar um cordeiro como oferta a Deus:

Jesus apertou o cordeiro contra o peito, não compreende por que não aceita Deus que no seu altar se derrame uma concha de leite, sumo da existência que passa de um ser a outro ser, ou nele se espalhe, com um gesto de semeador, um punhado de trigo, matéria entre todas substantiva do pão imortal. O seu cordeiro, que ainda há pouco foi oferta admirável de um velho a um rapaz, não verá pôr-se o sol deste dia, é tempo de subir a escada do Templo, tempo de levá-lo ao

cutelo e ao fogo, como se não fosse merecedor de viver ou tivesse cometido, contra o eterno guardião dos pastos e das fábulas, o crime de beber do rio da vida. Então Jesus, como se uma luz houvesse nascido dentro dele, decidiu, contra o respeito e a obediência, contra a lei da sinagoga e a palavra de Deus, que este cordeiro não morrerá, que o que lhe tinha sido dado para morrer continuará vivo, e que, tendo vindo a Jerusalém para sacrificar, de Jerusalém partirá mais pecador do que quando cá entrou, já não lhe bastavam as faltas antigas, agora caiu em mais esta, o dia chegará, porque Deus não esquece, em que terá de pagar por todas elas. (SARAMAGO, 2008, p. 207)

Jesus reconhece que, em oposição à oferta de elementos que pudessem simbolizar a vida, como o leite ou a semente, agradava-se a Deus com um animal em sacrifício, justamente a materialização da morte. Em função disso, ele identifica que por detrás do ritual judeu está justamente a figura do Deus sanguinário que lhe havia sido apresentada pelo Diabo, e por isso se nega a cumprir com a tradição.

A outra grande responsável por colocar Jesus diante das contradições existentes em suas crenças e convicções de infância é Maria de Magdala. Além disso, ela também contribui para que Jesus compreenda o destino que lhe é reservado enquanto messias e saiba conviver com essa realidade. Para que se possa distinguir o papel assumido por Maria de Magdala no processo de formação do herói do romance, vale atentar para a proposta com a qual essa personagem é retratada na obra e o momento em que ela surge na trajetória do protagonista.

Depois que Jesus se submete à tentação divina no deserto, ele é abandonado por Pastor. Este sabia que o jovem nazareno não tinha opção diante da vontade divina, mas sua atitude vem em represália à ingenuidade de seu jovem companheiro, que ainda não havia se convencido por completo de que Deus era um grande carrasco, quanto menos percebido que seu envolvimento em uma missão planejada pelo Todo Poderoso levaria o sofrimento e a morte a milhares de pessoas: *“Com a ponta do cajado, Pastor fez um risco no chão, fundo como rego de arado, intransponível como uma vala de fogo, depois disse, Não aprendeste nada, vai.”* (SARAMAGO, 2005, p. 220). Quando isso

ocorre, Jesus sente novamente a mesma inquietude que o fez sair de Nazaré. Motivado por entender o real sentido da sua existência e os mistérios que acompanham a sua vida - a matança das crianças em Belém, a morte trágica de José e seu encontro com Deus – ele entende que, agora, precisaria seguir um caminho inverso, ou seja, regressar à casa da família, esperando que Maria de Nazaré pudesse auxiliá-lo a compreender a sua realidade diante de tudo o que havia descoberto e vivenciado no período em que esteve longe de casa.

A primeira aparição de Maria de Magdala ocorre no momento em que Jesus seguia rumo a Nazaré. A mulher recebe o rapaz em sua casa para lhe curar uma ferida no pé, oriunda do encontro com Deus no deserto, e depois esconde dinheiro no alforje dele para que Jesus pudesse dar continuidade à sua viagem:

Foi dentro e voltou com uma bacia de barro e um pano branco. Encheu de água a bacia, molhou o pano, e ajoelhando-se aos pés de Jesus, sustendo na palma da mão esquerda o pé ferido, lavou-o cuidadosamente, limpando-o da terra, amaciando a crosta estalada através da qual surdia, com o sangue, uma matéria amarela, purulenta, de um mau aspecto. (SARAMAGO, 2008, p. 230)

Jesus reflectia em seu coração e não encontrava nele qualquer irritação contra Maria de Magdala, só uma infinita gratidão pela sua generosidade, por essa delicadeza de querer dar-lhe um dinheiro que sabia que ele teria pejo em aceitar da mão dela directamente. (SARAMAGO, 2008, p. 245)

Nessa passagem, é nítida a intenção do narrador de remontar a imagem de Maria de Magdala em relação ao seu arquétipo. A prostituta pecadora, possuída por demônios, “*conspurcada e apedrejada durante séculos*” (FERRAZ, 1998, p. 90) no meio cristão, assume o papel do bom samaritano da famosa parábola do Cristo bíblico, inscrita no evangelho de Lucas (10,25-37)²⁹. Maria de Magdala acolhe Jesus no

²⁹ Jesus respondeu: “Um homem ia descendo de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos de assaltantes, que lhe arrancaram tudo, e o espancaram. Depois foram embora, e o deixaram quase morto. Por acaso um sacerdote estava descendo por aquele caminho; quando viu o homem, passou adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu, e passou adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto

momento em que ele, abandonado por Pastor, sentia-se mais desamparado, não sabendo a quem recorrer na busca de respostas sobre sua verdadeira identidade e o real sentido de sua vida na terra. Não obstante, ela não só cura a ferida do corpo de Jesus, como também a da alma. Jesus fica oito dias na casa de Maria de Magdala e só volta a ter o pesadelo herdado de José na última noite de sua estadia, quando se preparava para seguir viagem rumo a Nazaré. Junto da prostituta, ele se vê livre do sentimento de culpa pela morte dos inocentes em Belém, que sempre o acompanhara desde a morte do carpinteiro.

Nesses oito dias, Jesus e Maria de Magdala também se relacionam sexualmente. O ato surge como um rito de purificação para ambas as partes. Ele se vê livre dos dogmas e da ortodoxia religiosa na qual havia sido educado - *“O que me ensinas, não é prisão, é liberdade.”* (SARAMAGO, 2005, p. 235) - e ela deixa de ser a prostituta marginalizada pela sociedade para se tornar a mulher do filho de Deus: *“Por todo o tempo que estiveres comigo, não serei uma prostituta, não sou prostituta desde que aqui entraste, está nas tuas mãos que continue a não o ser”* (SARAMAGO, 2005, p. 216).

Na sequência da narrativa, Jesus finalmente chega a Nazaré e conta à sua família sobre seu encontro com Deus. Maria de Nazaré, não só não acredita na revelação do filho, como afirma que ele está em poder do Diabo, que, na sua visão, é o grande responsável por todas as desgraças ocorridas em sua família. Em função disso, ela não faz questão de ter o filho por perto e Jesus é novamente abandonado, desta vez, por sua própria família. Conforme se discutiu anteriormente, essa cena remete ao evangelho de Lucas (22, 54-64), no entanto, ao invés de ser Pedro o responsável por negar Cristo por três vezes, são os três familiares de Jesus – os irmãos Tiago e José, e a mãe Maria - que viram as costas para ele:

O Diabo está contigo desde que nasceste, Tu o sabes, Sim, sei-o, viveste com ele e sem Deus durante quatro anos, E ao fim de quatro anos com o Diabo encontrei-me com Deus, Estás a dizer horrores e falsidades, Sou o filho que tu puseste no mundo, crê em mim, ou rejeita-me, Não creio

dele, viu, e teve compaixão. Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. No dia seguinte, pegou duas moedas de prata, e as entregou ao dono da pensão, recomendando: ‘Tome conta dele. Quando eu voltar, vou pagar o que ele tiver gasto a mais’.” (Lc 10,30-35)

em ti, E tu, Tiago, Não creio em ti, E tu, José, que tens o nome do nosso pai, Eu creio em ti, mas não no que dizes. Jesus levantou-se, olhou-os do alto e disse, Quando em mim se cumprir a promessa que o Senhor fez, sereis obrigados a acreditar no que então de mim se disser. (SARAMAGO, 2008, p. 251)

Depois da decepção em Nazaré, Jesus volta para a casa de Maria de Magdala, que novamente o recebe de braços abertos. Eis que ele finalmente decide revelar a ela toda a história de seu passado, inclusive o seu encontro com Deus. Ao contrário de Maria de Nazaré, a prostituta acredita em Jesus e mostra-se disposta a lhe dar apoio em tudo aquilo que ele tivesse de enfrentar dali em diante, tanto que Jesus passa o resto da sua vida ao lado dela. Sendo assim, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a personagem Maria de Magdala cumpre com o papel atribuído à Maria de Nazaré da tradição cristã. Segundo Ferraz (1998, P. 87), “*Madalena tem consciência de que vai assumir o papel que era destinado à mãe de Jesus, o poder mátrio, como protetora e conselheira*” (FERRAZ, 1998, p. 87).

As duas vezes em que Maria de Magdala acolhe Jesus – primeiramente, quando ele é abandonado por Pastor; e num segundo momento, quando ele é abandonado pela própria família – fazem com que ela ganhe a confiança do jovem nazareno. Em consequência disso, a visão que ela tem de Deus e da realidade mundana também ganha crédito diante do mesmo. Através dela, Jesus é novamente colocado perante argumentos que contradizem as suas crenças e convicções de infância:

Se eu não acreditasse em ti, não teria de viver contigo as coisas terríveis que te esperam, E como podes saber tu que me esperam coisas terríveis, Não sei nada de Deus, a não ser que tão assustadoras devem ser as suas preferências como os seus desprezos, Onde foste buscar tão estranha ideia, *Terias de ser mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus, e agora vais ter de ser muito mais que um homem para viveres e morreres como seu eleito*, Queres assustar-me, Vou-te contar um sonho que tive, uma noite apareceu-me em sonho um menino, de

repente apareceu vindo de parte nenhuma, apareceu e disse Deus é medonho, disse-o e desapareceu, não sei quem fosse aquela criança, donde veio e a quem pertencia, Sonhos, Ninguém menos do que tu pode dizer a palavra nesse tom, E depois, que aconteceu, Depois comecei a ser prostituta, Já deixaste tal vida, Mas o sonho não foi desmentido, nem mesmo depois que te conheci, Diz-me outra vez, como foram as palavras, Deus é medonho. Jesus viu o deserto, a ovelha morta, o sangue na areia, ouviu a coluna de fumo suspirando de satisfação, e disse, Talvez, talvez, porém uma coisa é ouvi-lo em sonho, outra será vivê-lo em vida, Prouvera a Deus que não viesses a saber, Cada um tem de viver o seu destino, *E do teu já tu recebeste o primeiro aviso solene.* (SARAMAGO, 2005, p. 258, grifo nosso)

Na fala de Maria de Magdala, Deus é responsabilizado pelo fato de ela ter se tornado uma prostituta e, conseqüentemente, pelo fato de ela conviver com o desprezo da sociedade em função dessa sua atividade. Na verdade, esses dois fatos correspondem ao “pecado” cometido por essa mulher e à respectiva punição que Deus hipocritamente atribuiu pelo mesmo. Desse modo, Deus é mais uma vez caracterizado como um ser inescrupuloso, hipócrita e intolerante; e o homem, como uma criatura impotente à mercê dos seus caprichos.

Vale atentar para o fato de que a Madalena de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* também possui certo dom profético. Na passagem acima, ela faz duas referências à carreira messiânica de Jesus, como se pode observar nos fragmentos destacados. Em função disso, de acordo com o que se afirmou anteriormente, ela também contribui para que Jesus vá, aos poucos, compreendendo o destino que terá de cumprir na terra enquanto de filho de Deus.

No diálogo com Maria de Magdala, Jesus dá mais uma mostra de que já estava se convencendo de que o Deus benevolente e misericordioso que lhe havia sido apresentado na sinagoga era uma fraude. Isso pode ser visto na forma como ele se lembra do seu encontro com Deus no deserto, atentando para o suspiro de prazer da entidade divina ao ver o sangue da ovelha sacrificada: *“Jesus viu o deserto, a ovelha morta, o sangue na areia, ouviu a coluna de fumo suspirando de satisfação”*.

Mesmo diante de todas as evidências apresentadas depois da sua saída de Nazaré, o Cristo saramaguiano só se convence definitivamente da verdade sobre Deus e os homens no episódio da barca. No entanto, é certo que as pessoas e os fatos com os quais ele se depara nessa fase têm implicância fundamental para que ele chegue a uma conclusão nesse sentido, uma vez que lhe despertam a dúvida sobre suas crenças e convicções de infância. É motivado por essa dúvida que ele sente a necessidade de fazer uma série de questionamentos para Deus na barca, o que o leva a descobrir o real sentido da sua vinda ao mundo, e assim, comprovar que a entidade divina é de fato o grande carrasco da humanidade.

Diante das observações feitas no presente subcapítulo, é possível se dizer que por meio dos episódios que dão conta de narrar a vida do protagonista antes do episódio da barca, o leitor de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* consegue acompanhar o processo de formação do herói do romance. Isso porque, a vida do Cristo saramaguiano após a morte de José converte-se em uma verdadeira escola herege, na qual ele coleta subsídios para compreender quem é o Deus judeu e o que acontece no mundo a sua volta: o primeiro passo para que ele, no futuro, tente frustrar a sua própria carreira messiânica em prol da salvação da humanidade, sendo este o seu grande ato de heroísmo.

4.4 A ESCOLA DA VIDA

A primeira aparição do protagonista de *El Evangelio de Lucas Gavilán* entre o nascimento e o ingresso no grupo revolucionário *Frente Común* se dá aos sete anos de idade. Nessa fase, ele é uma criança precoce, que aprende a ler antes dos demais colegas de classe, e que tem uma grande capacidade de observação:

Na escola rural, Jesucristo Gómez aprendeu a ler mais rapidamente que seus companheiros e, desde os sete anos, deu sinal de ser bem crítico. De José Gómez, agarrou o gosto pelas coisas de Deus; e de sua mãe, o impertinente costume de andar criticando e perguntando sobre tudo.

- Por que há poucos que têm muito e muitos que têm pouco? – perguntava Jesucristo.

- Por que há prisões na comunidade?
- Por que demos dinheiro para a senhora da mercearia?
- Por que o padre é tão rico?
- Por que dona Mercedes bate em seus filhos?
- Por que as pessoas morrem? – Jesucristo perguntava à sua mãe. (LEÑERO, 1993, p. 39, tradução nossa)³⁰

Como pode se notar no trecho acima, já aos sete, Jesucristo Gómez consegue identificar os problemas sociais existentes em sua comunidade: a criminalidade, a desigualdade social e a falta de planejamento familiar. Inteligentemente, ele percebe que os sacerdotes se encontram em uma posição social privilegiada em comparação com a grande massa populacional. Sendo assim, é possível se afirmar que a personalidade do Cristo de Leñero é formada em decorrência do contexto sócio-cultural no qual ele está inserido, não havendo nenhuma influência divina como ocorre com o Cristo bíblico.

O convívio com os pais é um aspecto a ser levado em consideração no que tange a formação da personalidade de Gómez. Ao longo da narrativa, é possível se perceber que ele acaba se parecendo muito mais com María David do que com José, pois, a exemplo da mãe, sua crença em Deus não faz com que ele deixe de contestar a instituição religiosa na qual foi catequizado, como ocorre com o carpinteiro.

A próxima aparição da personagem ocorre aos doze anos de idade, numa releitura para o episódio do templo do evangelho de Lucas. Em Leñero, o templo de Jerusalém dá lugar ao santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, e os doutores dão lugar a um grupo de jovens católicos, o que faz parte da proposta de Vicente Leñero de se regionalizar o enredo bíblico:

³⁰ En la escuela rural Jesucristo Gómez aprendió a leer más pronto que sus compañeros, y desde los siete años dío señales de ser bien abusado. De José Gómez agarró el gusto por las cosas de Dios, y de su madre esa latosa costumbre de andar criticando y preguntando todo.

- ¿ Por qué hay pocos que tienen mucho y muchos que tienen poco? – preguntaba Jesucristo.
- ¿ Por qué hay cárcel en el pueblo?
- ¿ Por qué le damos dinero a la señora de la tienda?
- ¿ Por qué el señor cura es tan rico?
- ¿ Por qué doña Mercedes les pega a sus hijos?
- ¿ Por qué se muere la gente? – preguntava Jesucristo Gómez a su madre. (LEÑERO, 1993, p. 39)

Este começou lhes fazendo perguntas capciosas sobre religião, como se o menino fosse protestante, pensaram, e agora discutia de igual para igual com eles sobre a Virgem de Guadalupe, a riqueza da Igreja e a justiça social. Os fazia de bobos com seus argumentos, e os seminaristas, sem falar nos jovens da Ação Católica, já não sabiam como contestar tanta heresia. (LEÑERO, 1993, p. 45, tradução nossa)³¹

Primeiramente, vale lembrar que, em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, a igreja católica e as igrejas de um modo geral aparecem como instituições preocupadas com a ostentação de poder e riqueza. Por conseguinte, os fiéis são retratados como pessoas sem discernimento e que se deixam explorar por essas instituições. Desse modo, a fala de Jesus aos jovens católicos trata-se de uma exposição desse quadro e, conseqüentemente, uma tentativa de mobilizá-los a lutar por uma sociedade mais igualitária.

Ao longo da narrativa, o leitor observa que Jesucristo Gómez se envolve em uma série de atividades de cunho social e consegue grandes conquistas. Nesse sentido, ele providencia atendimento médico para a população carente, consegue um acordo salarial para os trabalhadores de uma fábrica, organiza uma cooperativa para os catadores de papel, enfim, luta em prol de uma sociedade mais igualitária, o que, na obra de Leñero, trata-se de uma releitura para a missão divina do Cristo bíblico. Sendo assim, esse seu papel como líder popular e mobilizador social é o que caracteriza o seu heroísmo. Diante desse reconhecimento, é possível se dizer que o episódio do santuário de Nossa Senhora de Guadalupe é o primeiro momento em que ele atua nesse sentido.

Depois do episódio do santuário, Jesucristo Gómez não torna a agir em função de causas sociais até ingressar na *Frente Común*. Ainda assim, diferentemente dos evangelhos bíblicos, o evangelho de Leñero dá mais detalhes sobre a vida do protagonista durante a fase que antecede esse momento: inicialmente, Gómez retorna para San Martín

³¹ Éste empezó haciéndoles preguntas capciosas sobre religión, como si el chiquillo fuera protestante, pensaron, y ahora discutia al tú por tú con ellos sobre la Virgen de Guadalupe, la riqueza de la Iglesia y la justicia social. Los traía hechos bolas con sus razones, y los seminaristas, ni qué decir de los jóvenes de Acción Católica, ya no hallaban cómo refutar tanta herejía. (LEÑERO, 1993, p. 45)

El Grande, onde passa a se dedicar aos estudos, à sua religiosidade e ao aprendizado de uma profissão; e, num segundo período, passa a viajar pelas cidades da região trabalhando como pedreiro e cavando poços:

Non tornou a haver outro incidente parecido entre Jesucristo e seus pais. O rapaz foi crescendo calado e obediente. Sem descuidar de seus estudos nem de suas idas à igreja, começou a aprender a profissão de José Gómez: acompanhava-o às obras, servia-lhe de office-boy, logo, de servente. Na comunidade, ganhou fama de inteligente e trabalhador, como poucos rapazes dali. (LEÑERO, 1993, p. 45-6, tradução nossa)³²

Durante essa época, Jesucristo mostra ter se transformado em um ótimo pedreiro, mas ele se destacava ainda mais quando se tratava de cavar poços. Quanto a esta atividade, o narrador sugere inclusive que ele tivesse algum dom sobrenatural: *“Igualmente era bom para cavar poços: tinha um sexto sentido para encontrar a corrente subterrânea por onde quer que passasse, e quando sentava a picareta, era porque ali o poço não teria perda.”* (LEÑERO, 1993, p. 57, tradução nossa)³³. Fato esse que mais uma vez coloca o leitor diante do grande mistério sobre a origem do protagonista.

Diferentemente da Bíblia, em que Cristo é tentado pelo Diabo depois do batismo no Jordão, em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, a tentação ocorre antes do seu ingresso na *Frente Común*, justamente no tempo em que ele viajava a trabalho pelas cidades da região. No romance mexicano, o Diabo é um colega de profissão de Jesucristo Gómez e a tentação se constitui em uma tentativa sua de convencer Gómez a ir trabalhar na Cidade do México, incitando-o a enriquecer, a se tornar um político ou um membro do clero:

³² No volvió a ocurrir otro incidente parecido entre Jesucristo y sus padres. El muchacho fue creciendo callado y sumiso. Sin descuidar sus estudios ni sus idas a la iglesia empezó a aprender el oficio de José Gómez: lo acompañaba a las obras, le servía de mandadero, luego de peón. En el pueblo cobró fama de listo y trabajador como pocos muchachos de por ahí. (LEÑERO, 1993, p. 45-6)

³³ Igual era de bueno para cavar pozos: tenía un sexto sentido em lo de hallar por dónde pasaba la corriente subterránea, y cuando al fin clavaba el pico allí, era porque allí el pozo no tenía pierde.” (LEÑERO, 1993, p. 57)

- Com o tempo até poderemos trabalhar por nossa conta – disse-lhe Diablo Samperio -. É a melhor maneira de se garantir o pão e juntar um troco. (LEÑERO, 1993, p. 58, tradução nossa)³⁴

- Pois aonde chegues está bom. Do jeito que tu pensas, a única maneira de se mudar as coisas nessas comunidades ferradas é pelo poder, irmão, se metendo na política. E queres melhor político do que tu, que não queres o poder para ganhar dinheiro para ti, mas para ajudar os ferrados. Aproveita esta chance. Falamos amanhã mesmo com o Güero Salinas, e começa debaixo, devagarzinho, mas com segurança. Não te tenta a oportunidade? (LEÑERO, 1993, p. 59, tradução nossa)³⁵

- Sabe por onde podes entrar também nesse negócio? Pela igreja, irmão, tu que queres tanto ser católico. Te mete a ser padre e já era. (LEÑERO, 1993, p. 59, tradução nossa)³⁶

- Eu falo sério. Além disso, vê a influência que os padres têm sobre as pessoas da comunidade. E se não fossem tão pentelhos, um bocado de coisas poderiam fazer pelos ferrados. Com eles não há quem possa. Nem os políticos. Vê a história. Agora há pouco, não? (LEÑERO, 1993, p. 60, tradução nossa)³⁷

³⁴ - Con el tiempo hasta podremos trabajar por nuestra cuenta – le dijo el Diablo Samperio -. Es la mejor manera de asegurar el pan y juntar centavos. (LEÑERO, 1993, p. 58)

³⁵ - Pues a donde llegues es bueno. Para como tú piensas, la única manera de cambiar las cosas en estos pinches pueblos es desde el poder, hermano, girándole a la política. Y qué mejor político que tú, que no quieres el poder para enriquecerte sino para ayudar a los jodidos. Aprovecha este chance. Hablamos mañana mismo con el Güero Salinas y empiezas desde abajito, despacio pero seguro. ¿No te tienta la oportunidad? (LEÑERO, 1993, p. 59)

³⁶ - ¿Sabes por dónde le puedes entrar también a este negocio? Por la iglesia, hermano, tú que eres tan católico. Métete de cura y ya chingaste. (LEÑERO, 1993, p. 59)

³⁷ - Hablo en serio. Nomás ve la influencia que tienen los curas entre la gente del pueblo, tú lo sabes. Y si no fueran tan pendejos y tan cabrones, la de cosas que podrían hacer por los fregados. Con ellos no hay quien pueda. Ahí se rajan hasta los políticos, nomás revisa la historia. ¿A poco no? (LEÑERO, 1993, p. 60)

Jesucristo Gómez nega veemente a possibilidade de ir trabalhar na capital, demonstrando não ter nenhuma ambição ligada ao dinheiro ou a poder. Nesse momento da narrativa, ele já demonstra a mesma ideologia que o fará ingressar no grupo de Juan Bautista: fazer valer os princípios registrados nos evangelhos canônicos, abrindo mão do benefício pessoal em prol do bem comum. Nesse sentido, vale destacar a citação que Gómez faz do próprio Livro Sagrado em resposta à tentação de Diabolo Samperio: “- *Nem só de pão vive o homem, já dizia o Evangelho – respondeu Jesucristo Gómez.*” (LEÑERO, 1993, p. 58, tradução nossa)³⁸

Diante dos episódios analisados acima, pode-se dizer que, por meio das referências feitas à vida do protagonista antes de encontro com Juan Bautista, o leitor de *El Evangelio de Lucas Gavilán* consegue acompanhar o processo de formação do herói do romance. Algo que também ocorre em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, em se tratando dos episódios que narram a vida do respectivo protagonista antes do encontro na barca. Nesse sentido, como se pontuou acima, o contexto social no qual Jesucristo está inserido, a sua capacidade de observação e o seu senso crítico são fatores que se somam para que ele se transforme em um grande líder popular e mobilizador social no futuro.

³⁸ - No sólo de pan vive el hombre, ya lo dice el Evangelio – respondió Jesucristo Gómez.” (LEÑERO, 1993, p. 58)

Quadro 2 – Comparativo referente à vida de Cristo antes do batismo

CGD	OSF	OSJC	ELG
<p>- Há apenas a paráfrase do episódio do templo (Lc 2,41-51).</p> <p>- JC aparece como uma criança divina: possui inteligência extraordinária e sabe que é filho de Deus.</p> <p>- O narrador admite não criar a partir dos EC (textos nos quais acredita).</p>	<p>- Também se parafraseia o episódio no templo, no qual JC aparece como uma criança divina. Contudo, esse é um evento isolado.</p> <p>- JC descobre ser filho de Deus, mas ignora o fato.</p> <p>- JC não possui poderes sobre-humanos.</p>	<p>- O episódio do templo acontece quando JC tem 18 anos de idade. Nessa ocasião, ele recebe poderes sobre-humanos, mas não descobre ser filho de Deus.</p> <p>- JC dá início à atividade messiânica de modo inconsciente.</p>	<p>- O episódio do templo ocorre no Santuário da Virgem de Guadalupe. Os doutores são jovens católicos e JG tenta convencê-los a se voltarem contra a igreja (1ª mostra de sua missão).</p> <p>- JG é uma criança inteligente.</p> <p>- Mistério sobre os poderes divinos.</p>
Nada se sabe ao certo sobre a vida de JC antes do batismo.	JC vive como uma pessoa comum.	JC vive como uma pessoa comum até os 13 anos de idade.	JG vive como uma pessoa comum.
		Aos 13, JC assume o pecado de José, deixa a cidade de Nazaré e começa a descobrir a verdade sobre Deus.	

5 ATIVIDADE MESSIÂNICA

Em face do pecado original, para a tradição cristã, Jesus vem ao mundo como uma possibilidade de redenção à humanidade. Através do seu discurso e do seu exemplo, ele instrui os homens a seguirem a palavra de Deus em prol da salvação do espírito, ou seja, do ingresso no Reino dos Céus após a morte. A correspondência para com a palavra de Deus trata-se, na verdade, da obediência às leis que Javé apresentou a Moisés após a fuga do Egito e que serviriam para regulamentar a conduta do povo de Israel³⁹. Na Bíblia, o texto é encontrado no livro do Êxodo, capítulo vinte:

Então Deus pronunciou todas estas palavras:

“Eu sou Javé seu Deus, que fiz você sair da terra do Egito, da casa da escravidão.

Não tenha outros deuses diante de mim. Não faça para você ídolos, nenhuma representação daquilo que existe no céu e na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não se prostre diante desses deuses, nem sirva a eles, porque eu, Javé seu Deus, sou um Deus ciumento...

Não pronuncie em vão o nome de Javé seu Deus, porque Javé não deixará sem castigo aquele que pronunciar o nome dele em vão.

Lembra-se do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalhe durante seis dias e faça todas as suas tarefas. O sétimo dia, porém, é o sábado de Javé seu Deus. Não faça nenhum trabalho...

³⁹ No meio cristão, as leis divinas apresentadas a Moisés são comumente divulgadas como dez mandamentos. Conforme apresenta a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB):

1) Amar a Deus sobre todas as coisas.

2) Não tomar seu santo nome em vão.

3) Guardar domingos e festas.

4) Honrar pai e mãe.

5) Não matar.

6) Não pecar contra a castidade.

7) Não furtar.

8) Não levantar falso testemunho.

9) Não desejar a mulher do próximo.

10) Não cobiçar as coisas alheias. (CNBB, 2007, p. 127)

Honre seu pai e sua mãe: desse modo você prolongará sua vida, na terra que Javé seu Deus dá a você.

Não mate.

Não cometa adultério.

Não roube.

Não apresente testemunho falso contra seu próximo.

Não cobice a casa do seu próximo, nem a mulher do próximo, nem o escravo, nem a escrava, nem o boi, nem o jumento, nem coisa alguma que pertença ao seu próximo”. (Ex 20, 1-17)

No conhecido sermão da montanha, inscrito no evangelho de Mateus, capítulos cinco, seis e sete, vê-se, na fala de Jesus, a reiteração das leis mosaicas: *“Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento.”* (Mt 5,17) Além disso, o discurso mostra-se muito revelador em relação à atividade do filho de Deus na terra, que também compreendia o combate à instituição religiosa da época e a busca pela ampliação do reino de Deus diante do paganismo que ia, aos poucos, ganhando espaço em Israel.

No evangelho de Lucas, o início da atividade messiânica de Cristo é antecedido por seu encontro com João Batista, o qual o batiza nas águas do Jordão. Esse momento também é marcado por ser aparentemente a primeira ocasião em que Jesus surge na presença do Espírito Santo diante do povo: *“Depois de ser batizado, Jesus logo saiu da água. Então o céu se abriu, e Jesus viu o Espírito de Deus, descendo como pomba e pousando sobre ele.”* (Mt. 3:16). Segundo Souza (2007, p. 131), *“o batismo pode ser visto como um rito iniciatório, em que o herói da narrativa, mediante esse “novo nascimento”, vê-se pronto para iniciar sua missão para a salvação do gênero humano.”* Esta afirmação, contudo, também pode ser relacionada a outra passagem presente nos evangelhos sinópticos: o encontro de Cristo com o Diabo no deserto.

De acordo com o evangelho de Mateus (4,1-11)⁴⁰, Jesus jejuava por quarenta dias e quarenta noites no deserto por orientação divina,

⁴⁰ Então o Espírito conduziu Jesus ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, depois disso, sentiu fome. Então, o tentador se aproximou e disse a Jesus: “Se tu és filho de Deus, manda que essas pedras se tornem pães!” Mas Jesus respondeu: “A escritura diz: ‘Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.’”

quando passou a sentir fome. Eis que surge o Anjo Caído para lhe oferecer pão, em desafio ao ritual de purificação ao qual Jesus estava se submetendo. Cristo não aceita, assim como também não aceita o pedido seguinte do Diabo, desafiando-lhe a pular do templo de Jerusalém para dar mostras de seu poder enquanto filho de Deus.

Ao ignorar o Diabo, Cristo está, na verdade, demonstrando o seu comprometimento para com a entidade divina, o que também permite se analisar o episódio como um momento de preparação de Cristo para dar início à sua carreira de messias.

Levando em consideração o que sugere o evangelho de Lucas, o fato é que é somente depois do encontro com João Batista que Cristo aparece efetivamente engajado na sua carreira messiânica. É a partir desse momento que ele passa a anunciar o Reino de Deus, a discursar em parábolas, a realizar milagres e praticar exorcismos, em suma, a realizar as principais atividades que caracterizam a sua missão divina. Vale lembrar que, nesse mesmo evangelho, é possível inclusive encontrar uma referência à idade de Jesus na época: *“Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou sua atividade pública.”* (Lc 3,23).

Em *Com a Graça de Deus e O Evangelho Segundo o Filho* os episódios do batismo e da tentação no deserto ocorrem de modo semelhante aos episódios bíblicos correspondentes. Nessas obras, o batismo no Jordão também surge como um divisor de águas na vida dos respectivos protagonistas que, a partir daí, dão início efetivamente à carreira messiânica. No entanto, as realidades desses dois Cristos são diferentes entre si nesse momento de suas vidas.

O Cristo de Sabino sempre se mostra consciente da sua condição de filho de Deus ao longo da narrativa. Não há ninguém que precise lhe fazer uma revelação nesse sentido. Ainda que o narrador sabiniano sugira que seu protagonista tenha tido uma infância igual a das demais crianças, o fato é que ele sempre tem em mente que é filho de Deus, ou seja, o divino sempre está ao lado do humano em sua

Então o Diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o na parte mais alto de Templo. E lhe disse: “Se tu és filho de Deus, joga-te para baixo! Por que a Escritura diz: ‘Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, e eles te levarão nas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra.’” Jesus respondeu-lhe: “A Escritura também diz: ‘Não tente o Senhor seu Deus.’”

O diabo tornou a levar Jesus, agora para um monte muito alto. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. E lhe disse: “Eu te darei tudo isso, se te ajoelhares diante de mim, para me adorar.” Jesus disse-lhe: “Vá embora, Satanás, porque a Escritura diz: ‘Você adorará ao Senhor seu Deus e somente a ele servirá.’”

Então o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e serviram a Jesus. (Mt 4,1-11)

pessoa. Quando ele vai ao encontro de João Batista, ele já sabe da sua origem divina e que havia chegado o momento de dar início às suas atividades enquanto messias.

Com o Cristo de Mailer, por sua vez, ocorre algo diferente. É somente aos doze anos de idade que, por meio de José, ele descobre ser filho de Deus. Mesmo assim, ele ignora essa realidade pelos dezoito anos seguintes. Nessa fase, ele não vê em si nenhum atributo que o caracterize como um ser divino, como a capacidade de realizar milagres ou fazer profecias. É somente depois da morte do carpinteiro que ele se lembra do que José havia lhe dito aos doze anos de idade e então vai ao encontro de João Batista, tido como santo e profeta, na esperança de que o primo pudesse lhe revelar algo sobre sua verdadeira origem. É neste momento que ele se encontra com Deus pela primeira vez, o qual revela ser seu verdadeiro pai e o adverte de que ele teria uma missão a cumprir na terra. Sendo assim, para o Cristo de Mailer, o batismo é um momento em que ele, que até então vivia exclusivamente como homem, passa a viver também como messias:

- Certa vez, instruí o profeta Ezequiel e ele salvou nosso povo na Babilônia. Agora, o que falei a Ezequiel te servirá: “Filho do Homem, te enviei aos filhos de Israel, nação que até hoje tem se rebelado contra Mim, pois são filhos impudentes e de coração duro. Mas falarás a eles com Minhas palavras. Como não são um povo de linguagem estranha, cujas palavras terás dificuldade para entender, e posto que são, sim, a casa de Israel, toma cuidado! Farei forte a tua face contra a face deles. Portanto, não os tema.”

(...)

- Foi isso, exatamente, o que disse a Ezequiel. Mas és Meu filho, e serás mais poderoso que um profeta, muito mais do que o próprio Ezequiel. (MAILER, 2007, p. 28)

Vale ressaltar que a atividade messiânica dos protagonistas de *Com a Graça de Deus* e *O Evangelho Segundo o Filho* também correspondem a do Cristo bíblico. Nesse sentido, eles realizam uma série de atividades para promover a fé em Deus, incluindo peregrinações, discursos e realizações de prodígios. Não obstante, exigem o arrependimento dos pecados e a obediência às leis divinas, e

confrontam escribas e fariseus visando uma reforma sócio-religiosa em Israel. No entanto, o Cristo sabiniano tem plena consciência de como atuar na condição de messias, ao passo que o Cristo de Mailer vai descobrindo como proceder para o sucesso da sua missão divina à medida que já se vê envolvido nela.

Quanto ao modo como a vida de Cristo após o batismo é retratada nas quatro obras literárias analisadas, observa-se que *Com a Graça de Deus* é aquela em que a narrativa mais se assemelha a dos evangelhos canônicos. Na verdade, o protagonista da obra segue exatamente o mesmo caminho do homônimo bíblico, do nascimento, passando pelo batismo e tentação no deserto, até a ressurreição. O próprio narrador esclarece a sua intenção de se manter fidedigno aos evangelhos canônicos, nos quais assume acreditar, abrindo mão da possibilidade de recriar a história de Cristo através da liberdade de criação literária:

Sei que é tarefa temerária. Como escritor de ficção, que busca a verdade além da realidade, lá onde só a imaginação alcança, seria para mim uma fascinante aventura literária, como foi para tantos outros. Só que, tratando-se de Livros Sagrados nos quais acredito, o caso muda de figura: eu não ousaria tomar Jesus como assunto, para tentar recriar o que realmente se passou, imaginando cenas, reinventando ambientes ou personagens. Ao contrário, não suprimo nem acrescento nada. (SABINO, 1995, p. 14)

Como vem se observando ao longo do presente estudo, a obra de Fernando Sabino é, na verdade, uma grande paráfrase dos evangelhos canônicos. Isso, contudo, não a impede de dar origem a um Cristo original. Essa personagem é resultado da leitura que o narrador da obra faz dos próprios episódios bíblicos que, na sua perspectiva, trazem à tona uma personagem cuja imagem contraria à do “*super-homem*” (SABINO, 1995, p. 12) concebida pela tradição cristã. Nesse sentido, é importante deixar claro que, para o narrador sabiniano, o Cristo da tradição, ainda que apareça sob a forma humana, não é mais do que uma reprodução da entidade divina e, como tal, incapaz de apresentar os sentimentos e imperfeições tipicamente humanos, quanto menos de

conviver de igual para igual com aqueles com os quais se assemelha fisicamente:

A concepção tradicional apresenta sua dimensão divina revestida de humanidade, mas só em doutrina: o perfil que dele fica das pregações e ensinamentos religiosos durante séculos é o de um super-homem que pairava acima de todos, desdenhoso dos sentimentos e das paixões a que se entregavam seus semelhantes, com quem viera conviver. (SABINO, 1995, p. 12)

Primeiramente, deve-se levar em conta que o protagonista de *Com a Graça de Deus* não deixa de ser divino. Ele possui todos os dons sobre-humanos de seu homônimo bíblico, assim como o mesmo raciocínio rápido e habilidade no uso da palavra, demonstrado em seus discursos ao povo e discussões com escribas e fariseus. Como discutido acima, o Cristo de Sabino se mostra consciente da sua condição de filho de Deus, e dos poderes e responsabilidades que lhe cabem enquanto tal. Entretanto, sua natureza divina não é capaz de reprimir o homem que também está presente nele. Nesse sentido, ele é um Cristo que brinca, ri, chora, decepiona-se, irrita-se, enfim, realiza uma série de atividades e demonstra uma gama de sentimentos que, na óptica do narrador, são típicos dos seres humanos. O interessante é que o Cristo sabiniano consegue administrar bem suas facetas humana e divina, e, em momento algum, sua carreira messiânica é prejudicada.

A fusão quase sempre harmoniosa entre o humano e o divino na pessoa de Jesus Cristo é justamente a principal característica da personagem sabiniana, e também a sua peculiaridade em relação aos demais cristos analisados, sendo que no Cristo de Leñero nenhum dom sobre-humano é manifestado e, no caso dos protagonistas de Mailer e Saramago, essa fusão entre humano e divino se mostra conflituosa.

5.1 UM CRISTO BEM-HUMORADO

Os evangelistas canônicos demonstram uma grande preocupação em enfatizar a condição divina de Cristo, por isso, além do nascimento, eles concentraram seus esforços em fazer o registro da vida

da personagem após os trinta anos, ou seja, a partir do momento em que ela se engaja no cumprimento de sua missão divina. Como em *Com a Graça de Deus* não se propõe ficcionar a partir do texto bíblico, também não há praticamente nenhum registro sobre a infância e juventude de Cristo. Contudo, os episódios bíblicos que dizem respeito à sua vida após o batismo são tomados com um propósito inverso: trazer à tona a face mais humana da personagem. Essa humanidade, como se pontuou anteriormente, é representada justamente por seu envolvimento em atividades que nada têm a ver com sua missão divina e pela demonstração de sentimentos que são típicos dos seres humanos.

O que se afirma acima pode ser visualizado já no primeiro episódio da série, quando Jesus, seus familiares e discípulos vão a uma festa de casamento em Caná. Esse episódio trata-se de uma paráfrase do evangelho de João (2,1-12)⁴¹, como tal, igualmente fazendo referência ao milagre em que Cristo transforma água em vinho mediante o aviso de Maria de que esta bebida havia acabado.

Já de início, o narrador sabiniano associa a presença de Cristo na festa, junto da mãe e dos amigos, com a sua disposição para conviver de igual para igual com os seres humanos. Não obstante, ele destaca a alegria de Cristo ao fazer isso. Nessa proposta de se enfatizar o comportamento humano do protagonista, o narrador, amparado pelas palavras de Dom Hélder (apud SABINO, 1995, p. 45), não descarta a hipótese de que Jesus pudesse inclusive ter dançado na ocasião.

Ainda no episódio, o narrador de *Com a Graça de Deus* destaca outra demonstração de humanidade por parte de Cristo, esta em função da irritação com a qual ele responde à sua mãe no momento em que ela lhe avisa sobre a falta da bebida: “*E o que é que isso tem a ver conosco, mulher? Minha hora ainda não chegou.*” (SABINO, 1995, p. 45). A propósito, essa resposta é alvo de muitas discussões por parte de teólogos e religiosos, mas, para o narrador sabiniano, ela é tomada como exemplo para enfatizar que Jesus, assim como qualquer outra pessoa do gênero humano, era capaz de se irritar ou demonstrar impaciência em

⁴¹ Faltou vinho e a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho!” Jesus respondeu: “Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou.” A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: “Façam o que ele mandar.”

Havia seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. Jesus disse aos que serviam: “Encham de água esses potes.” Eles encheram os potes até a boca. Depois Jesus disse: “Agora tirem e levem ao mestre-sala”. Então levaram ao mestre-sala.

Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. (Jo 2,3-9)

certas situações. Nesse sentido, em relação às palavras de Cristo, ele diz: *“convenhamos que nela poderíamos detectar um toque de irritação, quanto mais não seja de impaciência da parte de Jesus.”* (SABINO, 1995, p. 46)

Se por um lado alegria e impaciência são tomadas como características humanas presentes na personagem, por outro, o milagre da transformação da água em vinho serve como a comprovação de sua origem divina: *“Foi o primeiro milagre de Jesus, que assim manifestou a sua glória, e os discípulos aprenderam a crer nele.”* (SABINO, 1995, p. 47). Nesse sentido, vale ressaltar que não são apenas as habilidades metafísicas que promovem a divinização do protagonista de *Com a Graça de Deus*. A divindade é algo tão presente nele que pode ser reconhecida apenas em função da sua presença ou do seu discurso, como observa o narrador no momento em que ele se reúne com o povo às margens do mar da Galiléia para lhes contar a parábola do semeador, episódio constante nos evangelhos de Mateus (13,1-23), Marcos (4,1-15) e Lucas (8,4-15): *“...a surpreendente retórica de Jesus, ora de uma admirável simplicidade, ora de um hermetismo surrealista, acrescida do magnetismo de sua presença ao vivo, era mais que suficiente para fascinar os ouvintes”* (SABINO, 1995, p.88). Sendo assim, pode-se afirmar que a postura do Cristo sabiniano na festa de Caná dá uma mostra de que ele convive simultaneamente com o humano e o divino.

Isso também pode ser observado no modo como o episódio do evangelho de João (4,1-42)⁴², que diz respeito ao encontro de Jesus com uma mulher samaritana, é retratado no romance brasileiro. Na cena, Cristo se depara com a mulher junto do Poço de Jacó e pede para que ela lhe dê um pouco de água. O próprio evangelista João, chama atenção para o fato de judeus e samaritanos não se darem bem, por isso a abordagem de Jesus causa estranhamento à mulher. No entanto, Jesus consegue fazer com que ela se abra ao diálogo e, em seguida, demonstra saber que ela havia tido cinco maridos antes do atual, impressionando a mulher que nada tinha lhe dito sobre isso. Por fim, Jesus revela à samaritana que é o messias e ela sai pela cidade contando sobre o seu encontro com o misterioso judeu e se questionando se ele era de fato

⁴² Então chegou uma mulher da Samaria para tirar água. Jesus lhe pediu: “Dê-me de beber.” (Os discípulos tinham ido à cidade para comprar mantimentos). A samaritana perguntou: “Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou samaritana? (De fato, os judeus não se dão bem com os samaritanos). Jesus respondeu: “Se você conhecesse o dom de Deus, e quem lhe está pedindo de beber, você é que lhe pediria. E ele daria a você água viva.” (Jo 4,7-10)

quem dizia ser. Em *Com a Graça de Deus*, o episódio é seguido do seguinte comentário:

Este diálogo que só o evangelista São João relata, a um tempo franco e descontraído – pelo menos da parte de Jesus – é um bom exemplo da sua condição de homem normal e da sua naturalidade em face das mulheres. Sugere uma mulher ainda jovem, possivelmente bela e atraente, meio intimidada pelo tom profético de seu fascinante interlocutor. (SABINO, 1995, p. 52)

Mesmo que Jesus tivesse falado metaforicamente à mulher sobre o papel que ele teria a cumprir diante dos homens – “*Quem bebe desta água torna a ter sede... Mas quem beber da água que eu der nunca mais terá sede.*” (SABINO, 1995, p. 52) - para o narrador sabiniano, não parece ter havido nenhum propósito maior na abordagem de Cristo a ela além da sua vontade de dialogar descontraidamente. O narrador sugere ainda que a samaritana, possivelmente jovem e bela, pudesse ter chamado a atenção de Jesus, o que é visto com naturalidade diante da condição humana assumida por este. Por outro lado, como vem se observando até então, o protagonista de *Com a Graça de Deus* não deixa de ser divino por causa disso. Ao revelar saber da vida da mulher mesmo sem conhecê-la em circunstâncias naturais, Jesus dá uma mostra da sua onisciência, atributo que só poderia ser apresentado por alguém que fosse efetivamente o filho de Deus.

Na sequência da narrativa, o narrador sabiniano segue comentando alguns episódios bíblicos que, ao seu ver, revelam um Cristo muito mais humano do que o cultuado no meio cristão. Essa leitura ele faz, por exemplo, do episódio constante nos evangelhos de Mateus (9,9-17)⁴³, Marcos (2,13-22) e Lucas (5,27-39), o qual diz respeito à segunda festa em que Jesus teria estado. Para o narrador, Cristo teria se deixado envolver na ocasião festiva como os demais

⁴³ Saindo daí, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e lhe disse: “Siga-me!” Ele se levantou, e seguiu a Jesus. Estando Jesus à mesa em casa de Mateus, muitos cobradores de impostos e pecadores foram e sentaram-se à mesa com Jesus e seus discípulos. Alguns fariseus viram isso, e perguntaram aos discípulos: “Por que o mestre de vocês come com os cobradores de impostos e os pecadores?” Jesus ouviu a pergunta e respondeu: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. Aprendem, pois, o que significa: ‘Eu quero a misericórdia e não o sacrifício’. Porque eu não vim para chamar justos, e sim pecadores.” (Mt 9,9-13)

convidados, sem que sua condição de filho de Deus regulasse seu comportamento: “*Sendo uma festa, naturalmente todos se divertiam, comendo, bebendo e conversando com bom humor e alegria, Jesus entre eles.*” (SABINO, 1995, p. 58). Essa imagem de Cristo comendo e bebendo junto dos seus companheiros é reafirmada posteriormente através de uma passagem dos evangelhos de Mateus (11,2-19) e Lucas (7,18-35), na qual Cristo se compara com o primo João Batista:

Veio João, que não come nem bebe, e disseram: ‘Ele está com um demônio’. Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: ‘Ele é um comilão e beberrão, amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores.’ Mas, a sabedoria foi justificada por suas obras. (Mt 11, 18-19)

Segundo o narrador, o contraste identificado pelo próprio Cristo ao se comparar com o primo, demonstra que, enquanto João tinha uma vida cheia de restrições e dedicava-se exclusivamente às atividades espirituais, Jesus, por sua vez, comportava-se como um homem comum em diversas situações, inclusive nas festas:

Com esta última frase um tanto hermética, e que varia de tradução para tradução, Jesus encerra a comparação de si próprio com João Batista, deixando claro um traço de comportamento humano na sua passagem por este mundo: admite com altivez que costumava comer e beber em rodas de companheiros, como qualquer um de nós, sem que sua missão de redimi-los do pecado implicasse julgamento, como faziam os fariseus. (SABINO, 1995, p. 87)

5.2 UM CRISTO ENTRE AMIGOS

A relação existente entre Jesus e os discípulos retratada em *Com a Graça de Deus* merece um destaque especial. Junto deles, o Cristo de Sabino se demonstra ainda mais humano, principalmente em função de suas variações de humor, demonstrando-se espirituoso, compreensivo e

também colérico. Fato que é novamente ressaltado pelo narrador como sendo uma comprovação de sua humanidade.

Com relação ao milagre da multiplicação dos pães, constante nos quatro evangelhos canônicos – Marcos (6,30-44), João (6,1-14), Mateus (14,13-21), Lucas (9,10-17) - o narrador de *Com a Graça de Deus* identifica na ocasião uma brincadeira da parte de Jesus para com seus apóstolos. No episódio, um grande número de pessoas havia seguido Jesus até o deserto, local onde não havia como se conseguir alimento. Em função disso, os apóstolos pedem para Jesus mandar o povo embora. Este, por sua vez, não atende ao pedido e lhes encarrega de providenciar alimento para todos, o que, para o narrador sabiniano, trata-se de um lance espirituoso da parte de Jesus, tendo em vista que ele sabia que seus amigos não tinham meios nem poderes para conseguir tal proeza: “*Jesus às vezes mal conseguia disfarçar o seu senso de humor.*” (SABINO, 1995, p. 110). Vale lembrar que, no desfecho do episódio, os discípulos apresentam a Jesus um menino que trazia cinco pães e dois peixes, os quais Jesus transforma milagrosamente em alimento para todos os ali presentes.

Esse mesmo senso de humor é identificado pelo narrador na fala de Cristo a Pedro, inscrita no evangelho de Mateus (17, 24-27)⁴⁴. Pedro havia sido abordado por coletores de impostos em Cafarnaum e, quando perguntado se Jesus pagava os tributos, respondeu positivamente. Sabendo do ocorrido, Jesus então o orientou para que retirasse o dinheiro da boca de um peixe: “*...vá ao mar, e jogue o anzol. Na boca do primeiro peixe que pescar, vai encontrar o dinheiro para pagar o imposto.*” (Mt 17,27) Para o narrador sabiniano, Jesus estava era troçando de Pedro, que respondeu aos coletores de impostos ao acaso, por ter se sentido pressionado por eles:

Com seus poderes milagrosos, não custaria a Jesus resolver com um milagrezinho menos complicado a alhada em que Pedro se metera, quando disse ao publicano que o Mestre pagava o tal imposto.

⁴⁴ Quando chegaram a Cafarnaum, os fiscais do imposto do Templo foram a Pedro, e perguntaram: “O mestre de vocês não paga o imposto do Templo?” Pedro respondeu: “Paga sim.” Ao entrar em casa, Jesus adiantou-se, e perguntou: “O que é que você acha, Simão? De quem os reis da terra recebem taxas e impostos: dos filhos ou dos estrangeiros?” Pedro respondeu: “Dos estrangeiros!” Então Jesus disse: “Isso quer dizer que os filhos não precisam pagar. Mas, para não provocar escândalo, vá ao mar, e jogue o anzol. Na boca do primeiro peixe que você pegar, vai encontrar o dinheiro para pagar o imposto. Pegue-o, e pague por mim e por você.” (Mt 17, 24-27)

Afinal, era ou não devido? O que parece claro, pelo menos desta vez, é que aquilo não passava de mais uma bem-humorada troça de Jesus com o seu um pouco desastrado mas querido apóstolo Pedro. Tanto assim, que não consta ter-se realizado o milagre do peixe. (SABINO, 1995, p. 122)

Para finalizar essa série de episódios envolvendo Cristo e seus discípulos, vale citar a interpretação do narrador sabiniano para o episódio encontrado nos evangelhos de Marcos (8, 27-33)⁴⁵, Mateus (16,13-23) e Lucas (9,18-22). Trata-se do momento em que Cristo revela aos seus discípulos que seria morto pelos homens. Na ocasião, Pedro se mostra contra a vontade divina, o que desperta uma retaliação enérgica da parte de Jesus: *“Fique longe de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, porque não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens!”* (Mt 16, 23) No romance, o episódio bíblico é seguido do seguinte comentário:

Satanás. Pedra no seu caminho. Aqui, obviamente não há como captar jovialidade ou mesmo ironia que abrandasse palavras tão brutais para com Pedro. Elas confirmam que, ao contrário da figura serena de Deus feito homem, pairando acima das paixões, que se procurou perpetuar, Jesus, como todos nós, era sujeito a rompantes de temperamento: chamou Pedro de Satanás poucos minutos depois de tê-lo sagrado Chefe da sua Igreja – fazendo até um trocadilho com o nome do apóstolo e a palavra “pedra”, e portanto certamente estando então de bom humor. Esta súbita mudança de comportamento só pode ser compreendida à luz da perturbação causada pela dolorosa consciência de sua Paixão, ao prever o martírio que iria sofrer. (SABINO, 1995, p. 180-1)

⁴⁵ Em seguida, Jesus começou a ensinar os discípulos, dizendo: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e doutores da Lei, deve ser morto, e ressuscitar depois de três dias. E Jesus dizia isso abertamente. Então Pedro levou Jesus para um lado e começou a repreendê-lo. Jesus virou-se, olhou para os discípulos e repreendeu a Pedro, dizendo: “Fique longe de mim, satanás! Você não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens.” (Mc 8,31-33)

Como se observa acima, o narrador de *Com a Graça de Deus* entende que a rispida resposta a Pedro trata-se de um rompante de fúria de Jesus por saber que o momento da paixão se aproximava. Esse descontrole emocional é tido como mais uma demonstração de humanidade por parte de Cristo: “*Jesus, como todos nós, era sujeito a rompantes de temperamento*”. Sendo assim, observa-se que o convívio do Cristo sabiniano com os discípulos durante a atividade messiânica traz à tona a face mais humana do protagonista, ao passo que os momentos de suas pregações públicas e realizações de prodígios ressaltam a sua divindade.

Por fim, a impressão que fica ao se analisar a fase da vida do protagonista de *Com a Graça de Deus* compreendida entre o batismo e sua condenação é que a condição de ser humano assumida por ele acaba por influenciar inclusive no seu comportamento enquanto Deus. A imagem que se faz da personagem nessa fase se contrapõe à do Deus cruel e arbitrário do Antigo Testamento, que condenou milhares de judeus só porque Davi havia contado o seu povo por meio de um senso, conforme consta no segundo livro de Samuel: “*Então Javé enviou a peste sobre Israel, desde essa manhã até o dia marcado. De Dã até Bersabéia, morreram setenta mil homens do povo.*” (2 Sam 24,15).

Além de humano na forma, o protagonista de *Com a Graça de Deus* se mostra extremamente humanitário e tolerante, demonstrando boa-vontade em cumprir com o papel de redentor. Por isso, ele ignora a lei do descanso nos sábados, permite que os discípulos se alimentem do pão do ofertório, e luta incansavelmente contra os escribas e fariseus, que escravizavam o povo através do discurso religioso:

Diga-se em louvor de Jesus que, embora em espírito ele fizesse questão de cumprir com o que anunciavam os profetas, não tinha a casmurrice de seguir ao pé da letra o que eles profetizavam em palavras de uma eloqüência não raro enigmática. Pode ser que não gritasse – mas, ao contrário do que prenunciava Isaías, tudo indica que ele volta e meia protestava, às vezes de forma bem gritante, contra a injustiça e a iniquidade, principalmente dos fariseus e escribas. (SABINO, 1995, p. 80)

5.3 APRENDENDO A SER MESSIAS

Para o protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho*, a vida como filho de Deus se transforma em um grande desafio. Como até o momento do batismo ele só conhecia o mundo sob a ótica humana – estudando a *Torah* na pequena sinagoga de Nazaré, brincando com as demais crianças e trabalhando na carpintaria do pai – ele tem muita dificuldade em saber como proceder para o sucesso de sua missão messiânica, e ainda mais em como utilizar os seus poderes sobre-humanos. É justamente essa a realidade retratada nos capítulos da obra que dão conta de narrar a vida do protagonista após o batismo. Diante do quadro, surge a imagem de um Cristo que se demonstra humano por meio de seus sentimentos e atitudes errantes, mas que passa por um processo de divinização ao longo de sua jornada à medida que vai aprendendo a atuar como messias.

Igualmente ao que ocorre em *Com a Graça de Deus*, o primeiro episódio da série em *O Evangelho Segundo o Filho* é o do milagre da transformação da água em vinho durante a festa de casamento em Caná, episódio relido do evangelho de João (2,1-12). Em Mailer, não há nenhum sentido simbólico por detrás do milagre, nenhuma intenção em se representar, por exemplo, a prosperidade existente no Reino do Céu, como se pode interpretar no evangelho canônico. Visto que não havia mais vinho para se servir aos convidados, o protagonista do romance simplesmente viu uma oportunidade para testar sua habilidade de taumaturgo: “Assim, pensei em testar os poderes que imaginava ter recém-adquirido” (MAILER, 2007, p. 46). Diante da gratuidade do milagre realizado, o próprio Deus se manifesta em represália à atitude de seu filho: “Assim como um barril transbordante de mel pode ser esvaziado, o Filho tolo desperdiça seu estoque de milagres.” (MAILER, 2007, p. 47)

A atitude do protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* em Caná revela um Cristo humanizado, capaz de agir arbitrariamente e cometer falhas. Além disso, a falta de consciência de seus poderes e leviandade em relação ao uso dos mesmos demonstram que ele ainda não sabia atuar como messias. Isso também pode ser visualizado no seu primeiro discurso, o qual se trata de uma releitura para o episódio do evangelho de Lucas (4,22-30).

No episódio bíblico, Jesus fala aos nazarenos na pequena sinagoga local. O evangelista não dá detalhes sobre suas palavras, mas é certo que ele havia impressionado seus ouvintes: *“Todos aprovavam Jesus, admirados com as palavras cheias de encanto que saíam da sua boca.”* (Lc 4,22) Na sequência da cena, Jesus se compara aos profetas Elias e Eliseu, que, assim como aconteceria com ele, não foram aceitos por seus conterrâneos e, portanto, não realizaram milagres em seus locais de origem. Dito isso, ele é expulso da cidade e quase atirado de um precipício. Mesmo diante do ocorrido, o Cristo bíblico demonstra no episódio da sinagoga duas grandes virtudes: a extrema habilidade no uso das palavras e a consciência de seu futuro, características essas que, para a tradição cristã, são marcas de sua divindade.

O protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho*, por sua vez, não demonstra nenhum atributo divino nesse momento. Primeiramente, vale destacar que não há nenhum propósito catequizador no seu discurso. Ele admite ter escolhido Nazaré como palco para a sua primeira pregação por não se sentir preparado para falar a um público estrangeiro: *“Como minha língua não era nem de longe tão hábil quanto minhas mãos no trabalho com a madeira, pensei em começar onde pelo menos algumas pessoas me conheçam.”* (MAILER, 2007, p. 47-8) A fala de Cristo, por si só, já demonstra o seu despreparo para atuar como messias. Fica claro que ele tem muito mais competência para o trabalho na carpintaria do que para a carreira messiânica. Além disso, ele não demonstra o mesmo poder no uso da palavra que seu homônimo bíblico, quanto menos vê na sua expulsão de Nazaré alguma relação com o que lhe ocorreria no futuro. Nesse sentido, as palavras de Cristo são vagas, desmedidas e espontâneas. A reação indignada do povo em resposta a elas não é esperada, mas sim, algo que foge ao seu controle: *“Mas, inicialmente, não podia dizer à congregação mais do que “arrependei-vos, pois o Reino dos Céus está próximo.” Tais palavras não suscitaram nada além do silêncio. Como alguém podia desejar que o Dia do Juízo chegasse, e tão cedo?”* (MAILER, 2007, p. 48)

Devido à sua segunda tentativa falha de representar Deus, Jesus sofre uma nova represália por parte de seu pai celestial, que o atira ao solo e o adverte de que as palavras dos profetas não correspondiam à palavra divina, exigindo um discurso diferente por parte de Cristo. Eis que se dá o primeiro passo para o amadurecimento de Jesus enquanto messias. Como ele não conseguia ser um representante das causas

divinas por si próprio, Deus o orienta sobre como proceder em seus discursos e como utilizar adequadamente os seus poderes. Além disso, o Todo Poderoso também dá a entender que iria intervir inclusive na reação das pessoas quando Jesus cometesse algum deslize:

- Podes ir bem em Cafarnaum. Trata de frisar um ponto, qualquer um. As pessoas são surdas como pedras, e é preciso repetir aquilo que se pretende que aprendam. Sublinha tua fala com um bordão “Assim diz o Senhor”, por exemplo. Não importa o que eles ouvem: as palavras também são criaturas Minhas e viajam por muitas estradas.

(...)

- Se acreditares em Mim, tuas mãos, teus olhos e tua voz produzirão milagres. (MAILER, 2007, p. 49)

Depois do episódio em Nazaré, Cristo se envolve em outras situações que demonstram certo grau de amadurecimento no que tange à sua atuação enquanto messias. Se antes ele havia transformado a água em vinho em Caná somente para testar seus poderes, a partir de então ele tenta associá-los às causas divinas. Na prática do seu primeiro exorcismo, por exemplo, ele mostra-se ciente de que a expulsão de demônios era algo de sua responsabilidade: “*Sabia que um espírito mau tomara conta de seu coração, e que era preciso tirá-lo de lá, tal qual um animalzinho deve ser arrancado da toca, e também sabia que ele viera a mim para que esse demônio pudesse ser expelido.*” (MAILER, 2007, p. 53).

Com o mesmo discernimento, ele realiza o primeiro milagre da cura, cujo beneficiado é o cervo de um centurião romano. Jesus entende que era sua responsabilidade levar a graça divina inclusive aos pagãos: “*Assim, compreendi que estava em meu poder mandar o poder de Deus aos que dele necessitassem, mesmo que não fossem judeus. Senti-me sublime por isso e muito contente, dada a aclamação com que fui saudado pelo povo, nas ruas.*” (MAILER, 2007, p. 57).

Por outro lado, há também momentos de recaída, em que ele novamente deixa transparecer certo despreparo para atuar na condição de messias. No episódio do exorcismo de Legião, por exemplo, releitura de Marcos (5,1-20), Jesus demonstra medo ao se deparar com o homem possesso e duvida da sua capacidade de expulsar tantos demônios de

uma só vez: “*Realmente, eu estava com medo; aquele infame parecia um touro.*” (MAILER, 2007, p. 69) Devido a isso, é Deus quem novamente tem que intervir para a consumação do ato.

Se não fosse pela intervenção divina, o medo e a falta de consciência de Jesus em relação aos seus próprios poderes possivelmente seriam entraves para o sucesso do exorcismo: “*Então era isso! Tratava-se de um possesso. Mas eu daria conta de todos os demônios que haviam entrado nele? A mão do Senhor, pressionando minhas costas, impelia-me à frente.*” (MAILER, 2007, p. 70) A insegurança demonstrada por Jesus na ocasião, assim como a intervenção de Deus para que ele tomasse uma atitude diante do possesso, comprova mais uma vez que Jesus ainda não estava totalmente preparado para cumprir com sua missão divina.

Há vários outros episódios nos quais Jesus demonstra esse mesmo despreparo. Na ressurreição da filha de Jairo – releitura para Mateus (9,18-26), Marcos (5,21-43), e Lucas (8,40-56) – ele não sabe se é capaz de realizar um milagre de tamanha grandiosidade: “*Não sabia se teria o poder de trazer de volta à vida aqueles que estavam realmente mortos.*” (MAILER, 2007, p. 72). Quando os fariseus o contestam por estar na presença de pecadores durante uma festa na casa de Levi, ele se questiona se seria capaz de converter os pagãos: “*Havia tão pouco tempo e tantos obstáculos...O pagão que buscasse o batismo estaria pronto para repudiar seus falsos ídolos? Sua família o acompanharia nesse gesto?*” (MAILER, 2007, p. 62-3). Até mesmo ao falar da sua ressurreição aos discípulos, ele demonstra incerteza sobre tal acontecimento: “*Se eu morrer, voltarei após três dias – disse, mas sem convicção.*” (MAILER, 2007, p. 91)

Sendo assim, a vida do protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* após o batismo trata-se de um momento de aprendizado em relação à sua própria divindade. Tendo incorporado atributos divinos, o grande desafio do Cristo de Mailer se constitui em compreender os seres humanos para que assim possa cumprir com seu papel de redentor. À medida que ele peregrina pela região, depara-se com doentes e possessos, observa o modo miserável como muitas pessoas vivem, é confrontado pelos escribas e fariseus, ele vai descobrindo como proceder no cumprimento da sua missão divina, sendo sempre acompanhado de perto pelo Espírito Santo. No entanto, a compreensão plena sobre o real sentido da sua vinda ao mundo é algo que ocorre

somente após a sua morte, quando ele “*Reconcilia-se, enfim, com sua própria divindade.*” (LARANJEIRA, 2006, p. 67)

5.4 O CONFLITO EXISTENCIAL DE CRISTO

Após o batismo e os quarenta dias no deserto o protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* passa a viver um grande conflito existencial. Ele, que havia vivido até os trinta anos como um homem comum, após o encontro com Deus e o Diabo, assume uma personalidade tripla, incorporando à sua personalidade traços do comportamento divino e diabólico. Mesmo que a subserviência a Deus e o comprometimento com a missão divina estejam sempre em primeiro plano para ele, essa tripla personalidade se transforma em um entrave para o sucesso da sua carreira messiânica. Diante do quadro, ainda que seja um homem nato, ironicamente ele demonstra muita dificuldade para compreender o gênero humano, algo essencial para que ele chegue ao objetivo final da sua missão divina: servir de redentor para a humanidade. É nesse momento que ele se envolve em um caleidoscópio de sentimentos enquanto tenta administrar suas facetas humana, divina e diabólica.

O lado humano do Cristo de Mailer se manifesta justamente pelos diversos sentimentos por ele manifestados, assim como pela falta de controle em relação aos mesmos e por suas atitudes errantes. A exemplo do Cristo de Sabino, ele também se sujeita a todas as injunções humanas. Nesse sentido, ele é completamente o oposto do Cristo da tradição cristã, o qual tem total autocontrole, é seguro de suas palavras e decisões, e tem finalidade para cada um de seus gestos, em suma, que atua com perfeição divina. O contraste entre essas duas personagens pode ser visto em vários episódios ao longo da vida do protagonista do romance após o batismo.

Quando o protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* profere a frase “*Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?*” (MAILER, 2007, p. 66) no momento em que Maria o recrimina por estar realizando curas no *Sabbath* o leitor é colocado diante de um Cristo irritado e que demonstra descontrole emocional, uma vez que no calor da situação ele diz algo do qual depois se arrepende: “*Bem gostaria de*

não as ter dito. Devia muito a ela, mesmo considerando que nossa convivência nunca fora tranqüila.” (MAILER, 2007, p. 67).

Vale lembrar que essa fala diz respeito ao episódio bíblico presente em Mateus (12,46-49) e Marcos (3,31-35). Na obra de Mailer, a tão polêmica frase do Cristo bíblico recebe interpretação dupla: no sentido figurado, Jesus faz referência a uma grande família, formada por aqueles que seguem a palavra de Deus; e no sentido literal, ela diz respeito à negação de Jesus a sua mãe quando esta o repreende em sua atividade messiânica.

Além do sentimento de ira, a covardia e falta de confiança em si mesmo também fazem parte da personalidade humana do Cristo de Mailer, como se apontou acima, nos episódios do exorcismo de Legião, e no momento em que ele é recriminado pelos escribas e fariseus na casa de Levi: *“Havia tão pouco tempo e tantos obstáculos...O pagão que buscasse o batismo estaria pronto para repudiar seus falsos ídolos? Sua família o acompanharia nesse gesto?”* (MAILER, 2007, p. 62-3). Contudo, talvez a maior demonstração de humanidade dada pelo protagonista do romance tenha ocorrido durante o sermão da montanha, quando ele deixa transparecer que, assim como os homens, também fraquejava em sua fé. Sendo assim, ele faz uso da mesma hipocrisia dos escribas e fariseus em seu discurso: *“Em verdade, eu não tinha nele a mesma fé que exigia dos homens que me seguiam.”* (MAILER, 2007, p. 80)

O lado diabólico do protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho*, por sua vez, é resultante do encontro que ele teve com o Diabo no deserto. Com o Anjo Caído, ele adquire as habilidades de elaborar discursos carregados de brilhantismo (parábolas) e de ser persuasivo, seja por meio de suas palavras ou pela sua simples presença. Jesus se beneficiou dessas habilidades quando encontrou com André e Simão e tomou-os como discípulos: *“Em verdade, adquirira a mesma eloqüência de Satã. Dirigia-me a estranhos com a mais fina cortesia e o incitamento mais íntimo, como se partilhássemos o prodígio de muitas coisas não ditas.”* (MAILER, 2007, p. 51) É claro que os irmãos já haviam sido escolhidos por Deus para ocuparem tal posto, pois eles haviam desfrutado de uma pesca extraordinariamente abundante na véspera do encontro com Jesus. Além disso, Simão havia visto o rosto do messias durante uma prece de agradecimento. Mesmo assim, a abordagem diabólica de Jesus os incitou a segui-lo de prontidão, mesmo que para isso tivessem que abrir mão do trabalho e da família.

Por outro lado, a habilidade discursiva adquirida do Diabo também se transforma em um entrave para o sucesso de sua missão messiânica, pois Cristo passa a ter dificuldades em discernir quando é Deus e quando é o Diabo quem fala por seu intermédio. Nesse sentido, suas parábolas subjetivas são caracterizadas como discursos diabólicos que, por serem humanamente incompreensíveis, correspondem a uma forma encontrada pelo Anjo Caído para impedi-lo de levar aos homens a palavra de Deus. Isso fica claro quando Jesus se utiliza de uma parábola para recriminar Pedro quando este o pergunta sobre a recompensa que teria por tê-lo seguido. Esta corresponde à parábola dos trabalhadores contratados de última hora, presente no evangelho de Mateus (20,1-16).

Em vez de se utilizar de uma linguagem simples para dar uma lição ao seu discípulo, o messias se utiliza de uma linguagem metafórica, que foge à compreensão do mesmo. É somente com a intervenção divina que ele muda seu discurso e finalmente entende como atingir o coração dos homens:

Estasiado com o poder de minha voz, falei com tamanha firmeza que o Senhor sussurrou: “Basta! Teu discurso contém o germe da discórdia. Quando não estás Comigo, o Diabo te faz companhia.” Foi o mesmo que enfiar um espinho na minha testa. De que modo eu poderia identificar as vozes que ouvia? Mas entendi que o Filho de Deus não era um Príncipe Celestial, e que precisava aprender a falar sabiamente e da maneira mais simples, em vez de confundir os outros com o brilho das minhas palavras. Difícil seria distinguir quando o Senhor falava por meu intermédio e quando não. (MAILER, 2007, p. 97)

Quanto ao lado divino de Jesus, percebe-se que ele vai se afluando cada vez mais à medida que se aproxima o momento da paixão. Como vem se discutindo, a vida do Cristo de Mailer após o batismo se transforma em um grande aprendizado em relação à sua própria divindade. Sendo assim, a santa ceia, última refeição junto dos apóstolos, trata-se de um momento em que Jesus revela muita maturidade no que tange à sua carreira messiânica, demonstrando ter maior clareza sobre a realidade divina e sobre sua importância para a humanidade:

O vinho me aproximava de meu Pai, e eu O via como se fosse um grande rei. Menos ofegante, agora, meu amor a Ele e às Suas obras tinha superado o temor que sentira pela manhã. Era Ele o responsável por levar ordem ao caos que nosso povo criava – tarefa árdua e constante – e que O fazia incorrer em fúria e nos mandar para o exílio, devido aos pecados que cometíamos. Mas mesmo tendo nos dispersado, trouxera-nos de volta, perdoadando o quanto espoliáramos Sua criação. Aqueles 12 homens em torno da mesa estariam aptos a escutar de mim que Deus não tardaria a vir, que o dia da glória eterna logo chegaria? Não podia dar a eles tal certeza. Sabia que nós, israelitas, povo errante e pecador, certamente haveríamos de preferir o julgamento à salvação. (MAILER, 2007, p. 139)

Durante a santa ceia, Jesus demonstra compreender que os homens estão propensos ao pecado, mas que Deus lhes oferece oportunidade para que sejam perdoados. Finalmente, ele entende que sua passagem pela terra representa uma oportunidade de perdão concedida por Deus aos homens e, por isso, assim como o homônimo bíblico, entrega-se à paixão, numa grande demonstração de amor à humanidade.

5.5 O ENCONTRO COM A VERDADE

Depois que se submete à tentação no deserto, o Cristo saramaguiano passa a viver em concubinato com Maria de Magdala, encontrando trabalho e moradia em diferentes aldeias de pescadores às margens do Mar da Galiléia. Isso até que ele, aos vinte e cinco anos de idade, pressente que havia chegado o momento de cumprir com a sua parte no pacto simbólico firmado com Deus naquele dia. Diante desse pressentimento, ele lança-se sozinho ao mar, onde se encontra com Deus e o Diabo em uma barca à deriva: “...ainda que com os pescadores seja o seu viver e trabalhar, assoma à porta da casa como para certificar-se de que é hoje o seu dia e, olhando o céu opaco, diz para dentro, Vou ao mar.” (SARAMAGO, 2008, p. 303)

Como se discutiu anteriormente, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, o episódio da barca marca o início efetivo da carreira messiânica do protagonista, uma vez que, a partir de então, ele passa a ter a sua vida associada às causas divinas. Além disso, o episódio se configura em um momento de grandes revelações para o Cristo saramaguiano. Durante a ocasião, ele faz vários questionamentos a Deus, os quais o levam a tomar conhecimento de toda a realidade que o cerca. Em outras palavras, ele finalmente descobre ser filho de Deus, compreende o sentido da missão que teria que cumprir na terra em nome de seu pai celestial e, conseqüentemente, tira a prova final de que este é o grande responsável por todas as desgraças ocorridas no mundo.

Para que se possa chegar a qualquer conclusão sobre a história do Cristo saramaguiano, antes de tudo, faz-se necessário atentar para dois pontos-chaves do enredo: primeiro, que Deus só tem poder sobre as pessoas que o reconhecem como tal; segundo, que existe um pacto entre os deuses que o impede de exercer influência direta na fé das pessoas, ou seja, que o impossibilita de tentar catequizar o povo pagão.

...a prova disso tem-la tu no facto, em que nunca se repara, de os demónios de uma religião não poderem ter qualquer acção noutra religião, como um deus, imaginando que tivesse entrado em confronto directo com outro deus, não o pode vencer nem por ele ser vencido... Mas com o poder que só tu tens, não seria muito mais fácil e eticamente mais limpo, ires tu próprio à conquista desses países e dessa gente, Não pode ser, impede-o o pacto que há entre os deuses, esse, sim, inamovível, nunca interferir diretamente nos conflitos, imaginas-me a mim numa praça pública, rodeado de gentios e pagãos, a tentar convencê-los de que o deus deles é uma fraude e que o verdadeiro deus sou eu, não são coisas que um deus faça a outro, além disso nenhum deus gosta que venham fazer na sua casa aquilo que seria incorrecto ir ele fazer à casa dos outros (SARAMAGO, 2005, p. 310)

Diante do quadro apresentado acima, a carreira messiânica do Cristo saramaguiano trata-se de um plano arquitetado por Deus para

ampliar a sua jurisdição na terra, e assim, utilizar-se dos homens para saciar a sua sede por sangue e sofrimento:

Desde há quatro mil e quatro anos que venho sendo deus dos judeus, gente de seu natural conflituosa e complicada, mas com quem, feito um balanço das nossas relações, não me tenho dado mal, uma vez que me tomam a sério e assim se irão manter até tão longe quanto minha visão do futuro pode alcançar, Estás, portanto, satisfeito, disse Jesus, Estou e não estou, ou melhor, estaria se não fosse este inquieto coração meu que todos os dias me diz Sim senhor, bonito destino arranjaste, depois de quatro mil anos de trabalho e preocupações, que os sacrifícios nos altares, por muito abundantes e variados que sejam, jamais pagarão, continuas a ser o deus de um povo pequeníssimo que vive numa parte diminuta do mundo que criaste com tudo o que tem em cima... (SARAMAGO, 2005, p. 308-9)

Serás a colher que eu mergulharei na humanidade para a retirar cheia de homens que acreditarão no deus novo em que me vou tornar, Cheia de homens, para os devorares, Não precisa que eu o devore, quem a si mesmo se devorará. (SARAMAGO, 2005, p. 311)

No plano divino, Jesus deveria realizar prodígios para se fazer reconhecido como messias e para chamar a atenção do povo, vendendo a falsa imagem de um Deus benevolente e misericordioso: *“Que ideia, os milagres, tanto os pequenos como os grandes, quem os faz sempre sou eu, na tua presença, claro, para que estejas lá a receber os benefícios que me convêm”* (SARAMAGO, 2005, p. 312). À medida que fosse ganhando fama, Jesus deveria proferir discursos para fazer com que os homens se sentissem pecadores incondicionais e para adverti-los de que esse mesmo Deus se torna colérico e intolerante diante daqueles que não correspondem aos seus anseios. Como se discutirá no subcapítulo seguinte, essas atividades o levariam a conquistar os seus primeiros adeptos:

E que deverei eu dizer mais a essa gente, além de injungi-los a um duvidoso arrependimento, se, fartos do teu recado, me virarem as costas, Sim, mandá-los arrependerem-se não creio que seja suficiente, vais ter de recorrer à imaginação, não digas que não a tens, ainda hoje admiro a maneira como conseguiste não me sacrificar o cordeiro, Foi fácil, o animal não tinha nada de que se arrepender, Graciosa resposta, porém sem sentido, mas até isso é bom, há que deixar as pessoas inquietas, duvidosas, levá-las a pensar que se não conseguem compreender, a culpa é só delas, Devo-lhes contar história, então, Sim, histórias, parábolas, exemplos morais, mesmo que tenhas de torcer um bocadinho a lei... (SARAMAGO, 2005, p. 314)

Por fim, Jesus deveria se submeter à morte na cruz, o que desencadearia um processo de catequização em massa, tendo em vista que ele se transformaria em um mártir e sua história se tornaria mundialmente conhecida. Nesse sentido, ele seria interpretado como a possibilidade de redenção que Deus ofereceu à humanidade e que foi negada pela mesma. Desse modo, povos de diferentes partes do mundo passariam a conviver com o medo de serem punidos pela entidade divina em função de terem lhe crucificado o filho, e assim, dariam início a uma nova religião para consagrar essas duas entidades, na expectativa de se redimirem desse grande pecado, e conseqüentemente, livrarem-se da punição divina. Religião essa que, em nome do fanatismo, daria origem a uma série de conflitos religiosos, os quais ocasionariam a morte de milhares de pessoas ao longo dos séculos.

Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que te reservei no meu plano, estou certíssimo de que em pouco mais de meia dúzia de séculos, embora tendo de lutar, eu e tu, com muitas contrariedades, passarei de Deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos, à grega. E qual foi o papel que me destinaste no teu plano, O de mártir, meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé. As duas palavras, mártir, vítima, saíram da boca de Deus como se a língua que dentro tinha fosse de

leite e mel, mas um súbito gelo arrepiou os membros de Jesus, tal qual se o nevoeiro se tivesse fechado sobre ele, ao mesmo tempo que o Diabo o olhava com uma expressão enigmática, misto de interesse científico e involuntária piedade. (SARAMAGO, 2005, p. 309)

Vale destacar que a missão divina do Cristo saramaguiano trata-se da visão do autor implícito em relação à doutrina cristã que, para ele, tem como base uma tríade: o pecado, o medo e a falsa promessa de redenção. O enredo da obra como um todo é uma referência direta à doutrina e à história do cristianismo. Isso fica ainda mais nítido quando Jesus pergunta a Deus sobre como seria o futuro da humanidade após a sua passagem pela terra. Em resposta, o Todo Poderoso faz uma exposição das páginas funestas da religião, citando o tempo da Santa Inquisição Católica e das Cruzadas, e destacando o nome de vários mártires do cristianismo, os quais são tidos como vítimas do fanatismo religioso:

Joana d'Arc, queimada viva, João de Brito, degolado, João Fisher, decapitado, João Nepomuceno, afogado, Juan de Prado, apunhalado na cabeça, Júlia de Córsega, cortaram-lhe os seios e depois crucificaram-na... (SARAMAGO, 2005, p. 321)

Ora bem, a estas bandas por aqui darão os vindouros o nome de Santos Lugares, pela razão de cá teres nascido, vivido e morrido, então não ficava nada bem, à religião que vais ser, estar o berço dela nas mãos indignas de infíeis, motivo, como vês, mais do que suficiente para justificar que, durante uns duzentos anos, grandes exércitos vindos do ocidente tentem conquistar e conservar na nossa religião a cova onde nasceste e o monte onde irás morrer, para só falar dos principais lugares, Esses exércitos são as cruzadas, Assim, é, E conquistaram o que queriam, Não, mas mataram muita gente, E os das cruzadas, Morreram outros tantos, se não mais... (SARAMAGO, 2005, p. 325)

A Inquisição, também chamada Tribunal do Santo Ofício, é o mal necessário, o instrumento crudelíssimo com que debelaremos a infecção que um dia, e por longo tempo, se instalará no corpo da tua Igreja por via das nefandas heresias em geral e seus derivados e conseqüentes menores, a que se somam umas quantas perversões do físico e do moral, o que, tudo reunido e posto no mesmo saco de horrores, sem preocupações de prioridade e ordem, incluirá luterano e calvinistas, molinistas e judaizantes, sodomitas e feiticeiros, mazelas algumas que serão do futuro, outras de todos os tempos... A Inquisição é uma polícia e é um tribunal, por isso haverá de prender, julgar e condenar como fazem os tribunais e as polícias, Condenará a quê, Ao cárcere, ao degredo, à fogueira, À fogueira, dizes, Sim, vão morrer queimados, no futuro, milhares e milhares e milhares de homens e mulheres... (SARAMAGO, 2008, p. 326-7)

Após o encontro na barca, o Cristo saramaguiano é obrigado a se submeter ao destino que lhe fora imposto por Deus, tendo em vista que este tem pleno controle sobre todas as suas palavras e atitudes:

Logo, não tenho saída, Nenhuma, e não faças como o cordeiro irrequieto que não quer ir ao sacrifício, ele agita-se, ele geme que corta o coração, mas o seu destino está escrito, o sacrificador espera-o com o cutelo, Eu sou esse cordeiro, O que tu és, meu filho, é o cordeiro de Deus, aquele que o próprio Deus leva ao seu altar, que é o que estamos preparando aqui. (SARAMAGO, 2005, p. 313)

Ainda assim, diferentemente do que prega o conceito da santíssima trindade, o Cristo saramaguiano não assume a personalidade divina, ou seja, não passa a se interessar por sangue e sofrimento. Pelo contrário, à medida que dá sequência à sua irrevogável carreira messiânica e observa as desgraças as quais Deus submete as pessoas, ele vai se tornando cada vez mais humanitário.

5.6 O CRISTO RENEGADOR

Num primeiro momento após o episódio da barca, o Cristo saramaguiano não esboça nenhuma reação contrária ao destino que lhe fora imposto por Deus. Em cumprimento à sua missão divina, ele se anuncia como filho de Deus, reúne um grupo de discípulos, realiza prodígios e discursa ao povo. Conforme afirma Ferraz (1998, p. 102):

Ele sabe que sua situação se assemelha à de um animal que está sendo preparado para um sacrifício, que não tem outra alternativa, que é indispensável aos planos divinos e que será usado para preparar o caminho da purgação da raça humana. (FERRAZ, 1998, p. 102)

Dos prodígios realizados pelo protagonista de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* após o episódio da barca, a grande maioria corresponde aos realizados por seu homônimo bíblico. Dentre eles, a cura do leproso, que pode ser lida em Mateus (8,1-4)⁴⁶, Marcos (1,40-45) e Lucas (5,12-16); a do paralítico no catre, do evangelho de Mateus (9,1-8)⁴⁷, Marcos (2,1-12) e Lucas (5,17-26); e a do mudo, que pode ser associada ao milagre presente no evangelho de Mateus (9,32-34)⁴⁸.

Através dos prodígios, além de dar prova de sua origem divina, Jesus também conquista os seus primeiros adeptos. Como se discuti no subcapítulo anterior, por meio dessas manifestações sobrenaturais, ele transmite às pessoas a imagem de um Deus benevolente e

⁴⁶ Quando Jesus desceu da montanha, grandes multidões começaram a segui-lo. Eis que um leproso aproximou-se e ajoelhou-se diante de Jesus, dizendo: “Senhor, se queres, tu tens o poder de me purificar.” Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: “Eu quero, fique purificado.” No mesmo instante o homem ficou purificado da lepra. Então Jesus lhe disse: “Não conte isso a ninguém! Vá pedir ao sacerdote para examinar você, e depois faça a oferta que Moisés mandou, a fim de que seja um testemunho para eles.” (Mt 8,1-4)

⁴⁷ Jesus subiu numa barca, passou para a outra margem e chegou à sua cidade. Nisso, levaram a ele um paralítico deitado numa cama. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: “Coragem, filho! Os seus pecados estão perdoados.”

(...)

O paralítico então se levantou, e foi para a sua casa. Vendo isso, a multidão ficou com medo e louvou a Deus, por ter dado tal poder aos homens. (Mt 9,1-8)

⁴⁸ Quando já tinham saído os dois cegos, levaram a Jesus um mudo que estava possuído pelo demônio. Quando o demônio foi expulso, o mudo falou, e as multidões ficaram admiradas, e diziam: “Nunca se viu uma coisa assim em Israel.” Mas os fariseus diziam: “É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios.” (Mt 9,32-34)

misericordioso, tal qual lhe havia sido apresentado na sinagoga em Nazaré. Desse modo, aqueles que se beneficiavam ou que tomavam conhecimento dos mesmos passavam a bendizer esse Deus, enxergando-o como a única alternativa para se por um fim às mazelas do mundo:

Todos davam muitas graças a Deus pela misericórdia de ter mandado adiante, a dar formal aviso da iminência do sucesso, um que se dizia seu Filho, o que bem podia ser verdade, porquanto sem mais nem quê obrava milagres por onde quer que passava, a única condição, se assim se lhe deve chamar, mas essa imprescindível, era a convicta fé de quem lhos rogasse... (SARAMAGO, 2005, p. 336)

Os discursos de Jesus igualmente se mostram uma eficiente forma de catequização. Através dos mesmos, como também se pontuou acima, Jesus fala do lado colérico e intolerante de Deus para com aqueles que cometessem pecados e, ao mesmo tempo, faz com que as pessoas sintam que não estão correspondendo com as expectativas divinas. Daí o sentido de suas parábolas: *“há que deixar as pessoas inquietas, duvidosas, levá-las a pensar que se não conseguem compreender, a culpa é só delas”* (SARAMAGO, 2005, p. 314). Desse modo, as pessoas passavam a cultuar ele e seu pai celestial, na expectativa de que assim pudessem se redimir de suas atitudes errantes, um efeito parecido com o que seria desencadeado por sua morte na cruz:

... o senhor punha na boca de Jesus certas prometedoras e terríveis palavras, como estas eram, Em verdade vos digo que alguns dos que estão aqui presentes não experimentarão a morte sem ter visto chegar o reino de Deus com todo o seu poder, imaginem-se agora os efeitos arrasadores que um tal anúncio produziria nas consciências dos povos, de toda parte as multidões acorriam, ansiosas, e punham-se a seguir Jesus como se ele, diretamente, as devesse conduzir ao paraíso novo que o Senhor instauraria na terra e que se distinguiria do primeiro por serem agora muitos os que dele gozariam, havendo resgatado, por oração, penitência e arrependimento, o pecado

de Adão, também chamado original.
(SARAMAGO, 2005, p. 338)

Mesmo não havendo tomado nenhuma iniciativa para impedir o sucesso do plano divino nesse início efetivo da sua carreira messiânica, já neste mesmo período, é possível notar que o Cristo saramaguiano não assume a personalidade de seu pai celestial, ou seja, não demonstra se comprazer do sangue e do sofrimento humano. Em conversa com Maria de Magdala, é possível perceber que ele, comparando-se com José, se compadece da desgraça da humanidade:

Nessa noite, na intimidade da tenda em que dormia com Maria de Magdala, Jesus disse, Eu sou o pastor que, com o mesmo cajado, leva ao sacrifício os inocentes e os culpados, os salvos e os perdidos, os nascidos e os por nascer, quem me libertará deste remorso, a mim que me vejo, hoje, como meu pai naquele tempo, mas ele é por vinte vidas que responde, e eu por vinte milhões.
(SARAMAGO, 2005, p. 339)

Na sequência da narrativa, Jesus se depara com duas personagens que contribuem para que ele finalmente decida voltar-se contra o próprio destino: Lázaro e João Batista. Para que se possa compreender a influência que essas personagens exercem na trajetória do protagonista, faz-se necessário, primeiramente, atentar para o contexto em que elas são inseridas no enredo.

No evangelho de João (11,1-44)⁴⁹, há poucas informações sobre a personagem Lázaro, o que se sabe é que ele vivia na Betânia com suas duas irmãs, Marta e Maria, que era amigo de Cristo, e que foi ressuscitado pelo mesmo. O mais intrigante dessa história, contudo, está no fato de que o milagre só ocorre depois de um apelo caloroso que Jesus faz a Deus para que este intercedesse por seu amigo, algo que não parecia se fazer necessário em outras situações em que o messias se prestava a realizar algum prodígio.

⁴⁹ Então tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e disse: “Pai, eu te dou graças porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves. Mas eu falo por causa das pessoas que me rodeiam, para que acreditem que tu me enviaste.” Dizendo isso, gritou bem forte: “Lázaro, sai para fora!” O morto saiu. Tinha os braços e as pernas amarrados com panos e o rosto coberto com um sudário. Jesus disse aos presentes: “Desamarrem e deixem que ele ande.” (Jo 11,41-44)

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Lázaro é irmão de Maria de Magdala e trabalha como copista na sinagoga. A grande discrepância existente na história do romance em relação ao evangelho bíblico, contudo, está no fato de que Deus não intercede pela ressurreição do amigo de Cristo, mas sim, por sua morte. Quando o protagonista chega à Betânia, ele cura Lázaro de umas sufocações que por diversas vezes quase o haviam matado: *“De que sofre Lázaro, perguntou Jesus, Dumas sufocações, como se o coração se lhe fosse parar, depois torna-se pálido, pálido, parece que vai ficar-se.”* (SARAMAGO, 2005, p. 344) No entanto, quando ele retorna à cidade depois de alguns dias, seu milagre havia sido desfeito, Lázaro encontrava-se morto.

A história de João Batista no romance de Saramago, por sua vez, em pouco difere da história narrada pelos evangelistas canônicos. Assim como o homônimo bíblico, a personagem saramaguiana também é um enviado de Deus. Como tal, concentra seus esforços em batizar o povo e anunciar a chegada do messias, e, posteriormente, é assassinado a mando do rei por se manifestar contrário ao concubinato deste com a sobrinha:

João havia sido degolado, e que o motivo do encarceramento e execução nada tinha que ver com anúncios de Messias ou reinos de Deus, mas ter ele andado a clamar e a vociferar contra o adultério que o mesmo Herodes cometia tendo casado com Herodíades, sua sobrinha e cunhada, em vida do marido dela. (SARAMAGO, 2005, p. 364)

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, do mesmo modo que ocorre nos evangelhos canônicos, o protagonista também é batizado por João Batista. Contudo, como vem se observando ao longo do presente estudo, o Cristo saramaguiano já está engajado em sua carreira messiânica quando se submete ao ritual, algo que parece não acontecer com seu homônimo bíblico segundo o relato de Lucas. O que ocorre no romance de Saramago após o batismo é que Jesus dá um grande salto no cumprimento de sua missão divina. É a partir deste momento que, sob a orientação de João, ele deixa de lado os prodígios e discursos para ir a Jerusalém enfrentar escribas e fariseus, o que, posteriormente, levá-lo-ia a ser crucificado pelos mesmos: *“Não é preciso que o Messias faça*

tanto, desde que faça o que deve” (SARAMAGO, 2005, p. 354). O episódio em questão corresponde a uma releitura para o episódio bíblico em que Cristo expulsa os vendilhões do templo.

Vale destacar que, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, o episódio registrado nos evangelhos de Mateus (21,12-17), Marcos (11,15-19), Lucas (19,45-48)⁵⁰ e João (2,13-22) trata-se de uma prolepse em relação ao futuro da humanidade após a passagem do messias:

Andavam os discípulos no mesmo trabalho, e por fim já os bancos dos vendedores de pombas eram também atirados ao chão, e as pombas livres, voavam por sobre o Templo, rodopiando doidas, além, em redor do fumo do altar, onde não iriam ser queimadas porque havia chegado o seu salvador. (SARAMAGO, 2005, p. 357)

Acudiram mais guardas, estes de espada e lança, aos quais foram juntar-se um que outro cambista e vendedor de pombas, resolvidos a não deixarem só em mãos alheias a defesa dos seus interesses, e a sorte das armas, aos poucos, começou a virar, que *se esta luta, como nas cruzadas, a queria Deus, não parecia que pusesse nela o mesmo Deus empenho bastante para que a vencessem os seus*. (SARAMAGO, 2005, p. 358, grifo nosso)

Como pode se observar no fragmento acima, Jesus impede que as pombas sejam sacrificadas como forma de oferta a Deus para, no lugar delas, oferecer a própria humanidade. A luta que acontece na grandiosa construção entre o grupo de Jesus e os homens do templo (guardas e comerciantes) representa os diversos conflitos religiosos que ocorreriam em decorrência do advento do cristianismo.

Ao se deparar com as mortes de Lázaro e João Batista, as quais ocorrem depois da sua ida a Jerusalém, Jesus enxerga seu próprio destino. Assim como ocorreria com ele, Lázaro e João haviam dedicado suas vidas a serviço de Deus e morrido quando este julgou ser

⁵⁰ Jesus entrou no Templo, e começou a expulsar os que aí vendiam. E disse: “Está nas escrituras: ‘Minha casa será casa de oração.’ No entanto, vocês fizeram dela uma toca de ladrões.” Jesus ensinava todos os dias no Templo. Os chefes dos sacerdotes, os doutores da Lei e os notáveis do povo procuraram jeito de matá-lo. Mas não sabia o que fazer, porque o povo todo ficava fascinado, quando ouvia Jesus falar. (Lc 19,45-48)

necessário, ou seja, ambos foram usados e descartados de acordo com os interesses do Todo Poderoso.

Ainda que Jesus já tivesse consciência de que não passava de um fantoche nas mãos de Deus, o fato é que as mortes de Lázaro e João lhe causam grande revolta, despertando-lhe, pela primeira vez, a vontade de tentar mudar o próprio destino: “*O meu dever, acabei de compreender agora, é dizer-vos eu o que sei do que Deus sabe, se não mo vai impedir o mesmo Deus.*” (SARAMAGO, 2005, p. 365) Sendo assim, ele repassa aos seus discípulos tudo o que lhe havia sido revelado no encontro na barca e, contando com a ajuda dos mesmos, arquiteta um plano seu para tentar frustrar o plano divino.

No projeto de Jesus, um de seus discípulos deveria ir ao templo para acusá-lo de estar se rebelando contra o domínio romano, de modo que ele fosse crucificado como um rebelde, e não como o filho de Deus. Vale ressaltar que a morte de Jesus como messias é algo indispensável para o surgimento da nova religião que Deus visava promover. Consequentemente, se Jesus não morresse como tal, o plano divino cairia por terra.

5.7 UM CRISTO PELA VIDA

Em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, Jesucristo Gómez segue trabalhando como pedreiro até conhecer Juan Bautista e as atividades de cunho social - como a divisão das terras de um grande latifundiário, a conquista de casas populares e a deposição de líderes políticos, sindicais e religiosos corruptos - que este realizava junto de seu grupo revolucionário: a *Frente Común*. O grande objetivo do grupo, pautado nos princípios dos evangelhos canônicos, era promover a igualdade social, por isso seus integrantes, “*Em lugar de pensar em necessidades e benefícios pessoais, deviam buscar agora o benefício comum e levar essa busca até suas últimas consequências*”. (LEÑERO, 1993, p. 54, tradução nossa)⁵¹. Entusiasmado pelas conquistas e pela ideologia da *Frente*, Gómez resolve se engajar no movimento. Sendo assim, no romance de Leñero, esse episódio se configura na releitura para o

⁵¹ En lugar de pensar em necesidades y beneficios personales debían buscar ahora el beneficio común y llevar esa búsqueda hasta sus últimas consecuencias... (LEÑERO, 1993, p. 54)

episódio bíblico do batismo no Jordão; e a luta por justiça social, na missão divina do protagonista:

O discurso de Juan Bautista emocionou Jesucristo Gómez. Ouvia-o pela primeira vez, e ouvindo-o falar de um amor a Deus que só se podia entender como a entrega à causa da justiça. O filho do pedreiro sentiu uma espécie de calafrio, um calor, uma coceira no corpo. Era certo, era certo o que dizia seu parente. Como se esquecer do que dizia o evangelho? Como ficar de braços cruzados diante de tanta miséria, diante de tanta injustiça? Caralho! Não pode ser. Ele não havia nascido para trabalhar de pedreiro. Não queria ser pedreiro. Queria ser um homem assim como Juan Bautista. (LEÑERO, 1993, p. 55, tradução nossa)⁵²

Em busca de seu objetivo, a *Frente Común* investia primordialmente contra os poderosos, que monopolizavam a riqueza do país e exploravam o povo: líderes políticos, religiosos e sindicais corruptos, e gente rica, de um modo geral. Para tal, partia para o confronto direto e violento, ao modo revolucionário, o que inclusive levava à morte muitos de seus integrantes:

Se em Amanalco de Becerra o prefeito municipal era um filho da mãe, a Frente Común de Amanalco de Becerra tomava partido no assunto e partia para ação: todo mundo invadindo a prefeitura municipal. Armavam-se barracos. Havia gente presa e às vezes até morta, mas não deixaram de haver resultados surpreendentes. (LEÑERO, 1998, p. 50-1, tradução nossa)⁵³

⁵² El discurso de Juan Bautista emocionó a Jesucristo Gómez. Lo oía por primera vez, y oyéndolo hablar de un amor a Dios que sólo podía entenderse como entrega a la causa de la justicia, el hijo del albañil sintió una especie de escalofrío, un calambre, una comezón en el cuerpo. Era cierto, era cierto lo que decía su pariente. Cómo pasarse la vida trabajando nomás para el propio provecho. Cómo olvidar lo que dice el Evangelio. Cómo quedarse cruzado de brazos ante tanta miseria, ante tanta injusticia, ¡carajo!, no puede ser. Él no había nacido para trabajar de albañil. No quería ser albañil. Quería ser un hombre así como Juan Bautista. (LEÑERO, 1993, p. 55)

⁵³ Que en Amanalco de Becerra el presidente municipal es un hijo de su reverenda, el Frente Común de Amanalco de Becerra tomaba cartas en el asunto y rájale: todo mundo al asalto de la

Ainda que tivesse se registrado como membro da *Frente Común*, Jesucristo Gómez segue em uma carreira paralela ao movimento: inicialmente, ele atua sozinho; e num segundo momento, assim como o homônimo bíblico, reúne um grupo de discípulos. Não obstante, ele encontra um método próprio para cumprir com sua missão. Nesse sentido, ele procura aplicar a causa da justiça sobre cada indivíduo.

Gómez acreditava que para se promover uma sociedade mais igualitária era necessário primeiramente conscientizar as pessoas para que elas não agissem de modo igual aos poderosos, ou seja, para que não colocassem seus interesses pessoais à frente do bem-estar comum. Com esse intuito, ele busca auxiliar todas aquelas que lhe cruzam o caminho durante a sua peregrinação pelo México e, através de seu exemplo, objetiva promover o senso de justiça e cooperação entre as mesmas:

- Não se trata de um milagre, nem é algo que vai se conseguir com um golpe... Como lhes direi? Deixem-me pensar em um exemplo simples. – Jesucristo ia de um lado para outro mordendo os lábios, coçando o nariz. – Façam de conta. Sim – estralou os dedos -. Vejam: é como uma semente insignificante, quase invisível, que, com o tempo, passa a crescer e crescer, até se converter em uma árvore imensa, onde os pássaros do campo podem fazer seus ninhos... Me expliquei? (LEÑERO, 1993, p. 178, tradução nossa)⁵⁴

Nos primeiros passos de sua carreira messiânica, já é possível observar Jesucristo agindo nesse sentido. Após se engajar na *Frente Común*, ele sai batendo de porta em porta, ajudando as pessoas naquilo que lhe solicitavam: semeando, cavando poços e inclusive, em uma determinada situação, prestando socorro a dois meninos que haviam

presidencia municipal. Se armaban zafarranchos, había detenidos y a veces hasta muertos, pero no escasearon los resultados sorprendentes. (LEÑERO, 1998, p. 50-1)

⁵⁴ - No se trata de un milagro ni es algo que se va a imponer de golpe... ¿Cómo les diré? Déjenme pensar em un ejemplo sencillo. – Jesucristo se paseó de un lado a otro arrancándose los pellejitos de los labios, rescándose la nariz. – Hagan de cuenta. Sí – tronó los dedos -. Miren: es como la semilla insignificante, casi invisible, que con el tiempo empieza a crecer y crecer hasta convertirse en un árbol inmenso a donde llegan a haver sus nidos los pájaros del campo...¿ Me explico? (LEÑERO, 1993, p. 178)

caído em um barranco. Por onde passava, falava da necessidade de se lutar por justiça social, mas sempre enfatizando que, primeiramente, era necessário que todos fossem mais solidários uns para com os outros: “*Jesucristo repetía as lições de Juan Bautista, mas insistía na necessidade de uma mudança vinda meramente do fundo do coração.*” (LEÑERO, 1993, p. 63, tradução nossa)⁵⁵

O método de Jesucristo Gómez, contudo, não o impedia de também investir contra os poderosos e mobilizar o povo a fazer o mesmo. No entanto, nesse aspecto, Gómez também age de modo diferente dos integrantes da *Frente Común*. Mesmo sabendo que os membros da elite não abririam mão de suas posições privilegiadas em prol de uma sociedade mais igualitária e que, para tal, far-se-ia necessário uma revolução - até mesmo armada -, muitas vezes ele evita agir de modo mais enérgico contra os mesmos, com ressalva aos sacerdotes, conforme se discutirá na sequência. Diferentemente de Juan Bautista, o protagonista se abre ao diálogo quando entende que esse é o melhor caminho para conseguir algum benefício à população, demonstrando ser muito menos radical que o líder revolucionário. Esse contraste entre as duas personagens é observado pelo próprio protagonista:

Por culpa da apatia e da fraqueza e da teimosia das pessoas, por culpa das intrigas dos políticos, por essa porcária de espírito de contradição que tanto nos aflige sempre, aparece um tipo como Juan Bautista que anda todo fodido e sujo, e não aceita falar sequer com os ladrões, e logo logo começam a criticá-lo: que não devia ser tão extremista, que lhe falta manha, que devia ser mais malandro... E agora, vejam o que acontece comigo: me veem falar com políticos e aceitar seus convites, e dos chefões e poderosos, e aí vêm novamente as críticas: é um aproveitador, já se acomodou, só anda buscando ganhar vantagem. Nunca ficam satisfeitos, caralho, bando de estúpidos! (LEÑERO, 1993, p. 104, tradução nossa)⁵⁶

⁵⁵ Jesucristo repetía las lecciones de Juan Bautista, pero machacaba em la necesidad de un cambio nacido del mero fondo del corazón. (LEÑERO, 2005, p. 63)

⁵⁶ Por culpa de la abulia y la flojera y la terquedad de la gente, por culpa de las intrigas de los políticos, por esse pinche espíritu de contradicción que tanto nos friega siempre. Aparece um

Das tentativas de negociação empreitadas por Jesucristo Gómez, valem se destacar três episódios: o primeiro, diz respeito à releitura que se faz no romance para o milagre da cura da sogra de Pedro (Lc 4,38-39); o segundo, para os milagres regenerativos mencionados em Lucas (4,42-44); e o terceiro, para o episódio em que Cristo se hospeda na casa de Zaqueu, o cobrador de impostos (Lc 19, 1-10).

Em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, a cura da sogra de Pedro não acontece por nenhum milagre realizado pelo protagonista, mas sim, pela sua astúcia em convencer o diretor de uma clínica particular a prestar atendimento gratuito à mulher que sofria de cálculos biliares. Jesucristo Gómez sabia que se encaminhasse a enferma para um hospital público ela iria morrer à espera de atendimento:

- O Hospital Geral é uma espelunca, você sabe, e, além do mais, não há tempo. O problema dessa mulher é grave. Se ela morre, a culpa será sua. (LEÑERO, 1993, p. 74, tradução nossa)⁵⁷

- Eu não saio daqui até que a operem.

- Podia-se pensar em um seguro voluntário – argumentou o diretor da clínica buscando um remédio -, mas teriam que pagar.

- Não temos um tostão. Deve ser grátis.

- Então vão ao Hospital Geral.

- Não.

- Conversa vai conversa vem, a teimosia de Jesucristo Gómez acabou vencendo o diretor da clínica pelo cansaço. O médico balançou a cabeça várias vezes, apertou uma campainha para chamar sua secretária e disse:

- Vou fazer uma exceção. (LEÑERO, 1993, p. 75, tradução nossa)⁵⁸

tipo como Juan Bautista que anda todo jodido y sucio y no acepta hablar siquiera con los estafadores, y luego luego empiezan a criticarlo: que no debía ser tan extremista, que le falta maña, que debía ser más zorro...Y ahora miren lo que me pasa a mí: me vem hablar com los políticos y aceptar invitaciones de los caciques y los poderosos, y ahí están otra vez las críticas: éste es un aprovechado, ya transó, sólo anda buscando sacar ventaja. ¡ Nunca se les dará gusto, carajo, bola de estúpidos! (LEÑERO, 1993, p. 104)

⁵⁷ - El Hospital General es una lata, usted lo sabe, y además ya no hay tiempo. Esa mujer está grave. Si se muere, la culpa será de usted. (LEÑERO, 1993, p. 74)

⁵⁸ - Yo no me muevo de aquí hasta que la operen.

- Se podía pensar em um seguro voluntario – argumentó el director de la clínica buscando un remédio -, pero tendrían que pagar.

A releitura para os diversos milagres regenerativos mencionados no capítulo quatro de Lucas ocorre na sequência. Depois de ter salvado a sogra de Pedro, muitas pessoas vão ao encontro de Jesucristo para que ele fizesse o mesmo por elas. Eis que ele se dirige à Câmara de Deputados e, dialogando com os políticos, consegue convênio médico para todos os membros da comunidade de seu amigo. Comunidade essa formada por famílias que viviam da coleta seletiva de lixo, as quais certamente não possuíam recursos financeiros para pagar por atendimento médico particular:

Certamente não foi fácil. Um mês, um mês e meio, cerca de dois meses, andava Jesucristo Gómez ao redor das dependências centrais do Seguro Social e da Câmara dos Deputados. Passaram-se horas de ante-salas, conversou com funcionários de baixo e alto escalão, discutiu com assistentes sociais, suplicou aos deputados e políticos.

Ao fim, chegou à Iztapalapa com a boa notícia. (LEÑERO, 1993, p. 76, tradução nossa)⁵⁹

Na terceira releitura citada, a personagem bíblica Zaqueu é retratada como o diretor do conselho administrativo de uma grande fábrica de cimento (Apolonio Zacarías Fabregat), cujos trabalhadores se encontravam em greve. Depois de muito tempo de paralisação, devido à inflexibilidade da empresa em atender as reivindicações dos grevistas e após o assassinato do líder sindical da categoria, os trabalhadores estavam prontos para linchá-lo. No entanto, Jesucristo consegue conversar com os sindicalistas e com Apolonio, e fazer com que estes chegassem a um acordo, a partir do qual se promoveu um aumento

- No tenemos ni un quinto. Debe ser grátis.

- Entonces el Hospital General.

- No.

Dale que dale, la terquedad de Jesucristo Gómez terminó venciendo al director de la clínica. El médico meneó la cabeza varias veces, oprimió un timbre para llamar a su secretaria y dijo:

- Vou a hacer una excepción. (LEÑERO, 1993, p. 75)

⁵⁹ Ciertamente no estuvo fácil. Un mês, un mes y medio, cerca de dos meses anduvo Jesucristo Gómez vuelta y vuelta de las oficinas centrales del Seguro Social a la Cámara de Diputados. Hizo horas de antesalas, se entrevistó con funcionarios secundones e importantes, discutíó con trabajadoras sociales, suplicó a diputados y políticos.

Al fin se presentó en Iztapalapa con la buena noticia. (LEÑERO, 1993, p. 76)

significativo no salário dos trabalhadores e houve a readmissão daqueles que haviam sido demitidos em função da greve:

O empresário foi até a janela e deu um tapinha nas costas de Jesucristo.

- Você venceu, mestre, de acordo. Dezoito por cento.

- E o restante.

- OK, o restante também. (LEÑERO, 1993, p. 233, tradução nossa)⁶⁰

Se por um lado o Cristo de Mailer demonstra maleabilidade em algumas situações, em outras, ele se mostra enérgico e irredutível, como diante dos líderes religiosos. Como se pontuou acima, assim como Juan Bautista, Gómez lutava por justiça social em decorrência de sua fé em Deus, da sua compreensão dos evangelhos canônicos, e da sua vontade de fazer valer os ensinamentos deixados pelo messias. Para ele, seu homônimo bíblico visava promover uma vida mais digna para os homens na terra, e não simplesmente deixá-los resignados aos problemas mundanos em função da salvação em um plano espiritual, conforme pregava a igreja. Daí a origem da sua grande revolta para com a mesma, como pode se observar no episódio abaixo:

O padre Fariás falava da resignação cristã:

Deus veio ao mundo, queridos irmãos, para nos ensinar a suportar as penas da vida e para nos dizer que lá no céu receberemos a recompensa do seu amor. Por isso, com uma grande fé em Deus e em sua santíssima mãe devemos aceitar as desgraças e tolerar nossos sofrimentos, confiando sempre na promessa divina dessa vida eterna que ele nos veio anunciar.

- Mentira! – ouviu-se um barulho no recinto sagrado. A voz forte de Jesucristo Gómez fez se abrirem os olhos daqueles que dormiam entediados e fez girarem as cabeças para o lado esquerdo do presbitério. O padre Fariás se virou.

⁶⁰ El empresario fue hasta la ventana y palmeó la espalda de Jesucristo.

- Tú ganas, maestro, de acuerdo. Dieciocho por ciento.

- Y lo demás.

- Okey, lo demás. (LEÑERO, 1993, p. 233)

Os das organizações piedosas se levantaram e os dos bancos se inclinaram sobre os encostos. – Deus não veio para isso! – prolongou seu grito Jesucristo Gómez. (LEÑERO, 1993, p. 65, tradução nossa)⁶¹

- Deus veio proclamar a liberdade aos prisioneiros, dar visão aos cegos e a liberdade aos oprimidos. Isso disse o Evangelho. (LEÑERO, 1993, p. 66, tradução nossa)⁶²

Jesucristo Gómez não admitia que os líderes religiosos, que se diziam representantes de Deus, se aproveitassem da fé do povo para advogar em causas próprias. Nesse sentido, ele entende que a interpretação dada pelos sacerdotes aos evangelhos tem como finalidade manter o povo resignado a uma vida miserável para que eles, em cumplicidade com os demais membros da elite, pudessem monopolizar toda a riqueza do país: *“Vejam bem os seus sacerdotes, vejam como são na verdade: burgueses de merda, cúmplices dos poderosos.”* (LEÑERO, 1993, p. 257, tradução nossa)⁶³

Diante dos episódios analisados acima, fica claro que a carreira messiânica do protagonista de *El Evangelio de Lucas Gavilán* não se resume a conscientizar o povo da necessidade do arrependimento dos pecados como pré-requisito para o ingresso no Reino do Céu, em outros termos, para a salvação da alma. Pelo contrário, seu trabalho consiste em fazer com que as pessoas ajam em conformidade com os evangelhos visando à instauração de um paraíso terreno. Paraíso esse representado pela formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

⁶¹ El padre Farías hablaba de la resignación cristiana:

Dios vino al mundo, queridos hermanos, para enseñarnos a soportar las penas de la vida y para decirnos que allá en el cielo recibiremos la recompensa de su amor. Por eso, com una gran fe en Dios y em su madre santísima debemos aceptar las desgracias y tolerar nuestros sufrimientos confiados siempre em la promesa divina de esa vida perdurable que el nos vino a anunciar.

- ¡Mentira! – Um trueno estalló em el sagrado recinto. La voz potente de Jesucristo Gómez hizo abrir de golpe los ojos de quienes dormitaban aburridos y giró cabezas hacia la orilla izquierda del presbiterio. El padre Farías respingó la espalda. Los de las organizaciones piadosas se levantaron de las bancas o se empinaron sobre los reclinatorios. - ¡Dios no vino a eso! – prolongó su grito Jesucristo Gómez. (LEÑERO, 1993, p. 65)

⁶² - Dios vino a proclamar la libertad a los cautivos, a dar la vista a los ciegos y la libertad a los oprimidos. Eso dice el Evangelio. (LEÑERO, 1993, p. 66)

⁶³ Miren bien a sus sacerdotes, véanlos tal como son: burgueses de mierda, empleadillos de los poderosos. Com tal de no perder sus influencias y conservar sus mugres privilegios, son capaces de justificar em nombre de Dios las peores injusticias. (LEÑERO, 1993, p. 257)

5.8 O HOMEM QUE SE FEZ FILHO DE DEUS

Se antes do ingresso na *Frente Común*, alguns acontecimentos em torno do Cristo de Leñero parecem pouco explicáveis sob uma ótica racional e, conseqüentemente, sugerem que ele seja o messias, durante o tempo em que a personagem se envolve na luta por justiça social, por sua vez, não ocorre praticamente nada que fuja da ordem lógica. Nesta época, o único acontecimento que pode sugerir a ocorrência de algum fenômeno sobrenatural é a singular habilidade de Jesucristo Gómez de prever o futuro, a qual pode ser associada a um dom profético, como se vê na releitura que se propõe para o episódio bíblico da santa ceia, o qual será discutido mais aprofundadamente no capítulo seguinte:

- Se não voltarmos a nos reunir, eu gostaria que não se esquecessem desta ceia. Para mim será a última, a melhor. (LEÑERO, 1993, p. 269, tradução nossa)⁶⁴

- Vão me pegar – respondeu Jesucristo -. Um de vocês me traiu. (LEÑERO, 1993, p. 270, tradução nossa)⁶⁵

Ao intensificar a sua investida contra os poderosos na luta por justiça social, Jesucristo Gómez poderia ter percebido que estes não o deixariam agir por muito tempo e que certamente encontrariam uma forma de prendê-lo ou, até mesmo, matá-lo. No entanto, é de causar estranhamento a precisão com a qual ele identifica o momento em que isso ocorreria. Assim como seu homônimo bíblico, ele prevê que não tornaria a jantar com seus companheiros, que seria capturado dali há algumas horas. Da mesma forma, é possível se pensar que Gómez tivesse encontrado alguma evidência lógica para identificar que um desses seus companheiros fosse entregá-lo aos seus inimigos. No entanto, nada ocorre nesse sentido e, mesmo assim, ele identifica a existência de um traidor entre eles.

⁶⁴ - Con suerte ya nunca volvemos a estar juntos y me gustaría que no olvidaran esta cena. Para mí será la última, a lo mejor. (LEÑERO, 1993, p. 269)

⁶⁵ - Van a agarrarme – respondió Jesucristo -. Uno de ustedes me traicionó. (LEÑERO, 1993, p. 270)

Com exceção do suposto dom profético, o Cristo de Leñero não demonstra possuir nenhum outro dom sobrenatural após o ingresso na *Frente Común*. Diferentemente do seu homônimo bíblico, ele não é um taumaturgo. Nessa altura da narrativa, o leitor vai se deparando com episódios que releem sob uma ótica racional os milagres realizados pelo Cristo bíblico.

Além da releitura para o episódio bíblico da cura da sogra de Pedro, discutida no subcapítulo anterior, vale se destacar outros dois episódios do romance em que é possível se observar essa racionalização, os quais se correspondem às releituras para o milagre da tempestade acalmada, inscrito no evangelho de Lucas (8, 22-25), e para a multiplicação dos pães e peixes, de Lucas (9,10-17).

No caso da tempestade, Gómez e seus discípulos haviam pegado carona no barco de um velho pescador. Justamente quando a chuva havia ganhado maior intensidade, este desmaia de febre, largando o timão e, conseqüentemente, deixando a embarcação à deriva. Eis que os discípulos chamam Jesucristo, que dormia no compartimento de carga, e ele corajosamente assume o controle do barco, evitando o naufrágio:

- Seus pentelhos! – gritou Jesucristo assustado e tentando parar o giro da embarcação para posicioná-la a favor do vento. Todo o seu corpo se arqueou com o esforço; esfolaram-se suas mãos, saltaram-lhe as veias dos braços e, por fim, em meio aos relâmpagos, a chuva, as ondas saltando e quebrando, Jesucristo se ergueu em frente a tormenta como um deus imponente. (LEÑERO, 1993, p. 115, tradução nossa)⁶⁶

No caso dos alimentos, o protagonista estava diante de um aglomerado de pessoas, advindo da comunidade rural de Mixquiahuala. O grupo havia sido despojado de suas terras e ido ao encontro de Gómez para pedir-lhe algum tipo de ajuda. Chegada a noite, apenas algumas pessoas tinham do que se alimentar, então Jesucristo ordenou que estas

⁶⁶ - ¡Pendejos! – grito Jesucristo atenuando las aspás y tratando de frenar el giro de la embarcación para enfilearla en la dirección del viento. Todo su cuerpo se cimbró por el esfuerzo; se desgarraban sus manos, le saltaban las venas de sus brazos y al fin, entre los relámpagos, la lluvia, las olas saltando y azotándolo, Jesucristo se irguió frente a la tormenta como un dios imponente. (LEÑERO, 1993, p. 115)

dividiram o alimento de que tinham posse com as demais, e assim, todos se serviram:

- Não, assim não vale – disse. E pediu aos seus discípulos que juntassem o povo. Então falou: - Vamos ser iguais, não é justo que uns comam e outros fiquem somente olhando. Os que trazem algo, tortillas, pães, tlacoyos, um queijo, muito ou pouco, o que seja, vão colocar aqui em frente e logo repartiremos para que todos comam da mesma forma. Parecem-lhes certo? (LEÑERO, 1993, p. 131, tradução nossa)⁶⁷

Os milagres atribuídos à personagem cristã, muitas vezes, obscurecem a benevolência e o humanitarismo presente em sua doutrina e em suas atitudes. Ao conceber um Cristo que não é taumaturgo, Vicente Leñero consegue enfatizar justamente esses dois aspectos. O fato de Jesucristo Gómez não possuir a mesma habilidade do seu homônimo bíblico pode até servir para sustentar a tese de que ele não seja o filho que Deus enviou ao mundo, mas não é o suficiente para lhe retirar o *status* de divino. Esse parece ser o ponto-chave para que se possa compreender a proposta com a qual Leñero concebe sua releitura para a história dos evangelhos canônicos. Em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, pouco importa o fato de Jesucristo Gómez ser ou não ser o messias – daí a intenção de se manter a identidade da personagem em sigilo - o que realmente importa é que ele dedicou a sua vida para cumprir e para fazer com que as pessoas cumprissem com as leis de Deus e é isso o que o torna divino. Em entrevista à Adela Salinas, Vicente Leñero confirma esta leitura:

- Então você não crê nos milagres?
- Em um romance, *El Evangelio de Lucas Gavilán*, trato de compreender esse assunto dos milagres, não como atos de magia, mas sim, como atos de serviço que podem ter uma explicação lógica e racional, um pouco à maneira de Renán.

⁶⁷ - No, así no se vale – dijo. Y pidió a sus discípulos que juntaran a la gente. Entonces habló: - Vamos siendo parejos, no es justo que unos coman y otros nomás se queden viendo. Los que traigan algo, tortillas, nopales, tlacoyos, um quesito, munho o poco, lo que sea, lo van a poner aquí delante y luego lo repartiremos para que a todos nos toque igual. ¿ Les parece bien? (LEÑERO, 1993, p. 131)

Na multiplicação dos pães, por exemplo, se poderia confundir a figura de Jesus com a de um mágico que, de uma cesta, retira pães e mais pães, como poderia fazer David Cooperfield. O que realmente trata de nos dizer o Evangelho é que aquele que trazia alguns distribuiu para todos quanto se podia a distribuição. Esse é o milagre do natural. No Evangelho nunca se conta que a um coxo lhe é dada uma prótese. Cristo fez esse tipo de milagres. Os seus são milagres de fazer ver e entender melhor; de conscientização, do descobrimento do amor ao próximo, de crer e de agir na possibilidade de um mundo mais justo. (SALINAS, 1997, p. 78-9, tradução nossa)⁶⁸

⁶⁸ - ¿Entonces usted no cree en los milagros?

- En una novela, *El Evangelio de Lucas Gavilán*, trato de comprender este asunto de los milagros: no como actos de magia, sino como actos de servicio que pueden tener una explicación lógica y racional, un poco a la manera de Renán. En la multiplicación de los panes, por ejemplo, se podría confundir la figura de Jesús con la de un mago que, de una cesta, saca panes y más y más panes, como podría hacerlo David Cooperfield. Lo que realmente trata de darnos el Evangelio es que lo que traían unos cuantos, alcanzó para todos cuanto se produjo la distribución. Eso sería el milagro de lo natural. En el Evangelio nunca se cuenta que a un cojo le salga una prótesis. Cristo nunca hizo ese tipo de milagros. Los suyos son milagros de hacer ver y entender mejor; de toma de conciencia, del descubrimiento del amor al prójimo, de creer y de actuar en la posibilidad de un mundo más justo. (SALINAS, 1997, p. 78-9)

Quadro 3 – Comparativo referente à atividade messiânica

CGD	OSF	OSJC	ELG
Início efetivo da missão divina marcado pelo batismo.	Início efetivo da missão divina marcado pelo batismo.	Início efetivo da missão divina marcado pelo encontro na barca (JC tem 25 anos).	Início efetivo de sua missão marcado pelo ingresso na <i>Frente Común</i> .
JC tem conhecimento nato de toda a sua realidade (herói pronto).	JC só descobre ser filho de Deus e no que se constitui a sua missão divina após o batismo.	Na barca, JC descobre ser filho de Deus e no que se constitui a sua missão divina (ele reconhece a verdadeira face de Deus).	Tem consciência de sua missão ao ingressar na <i>Frente</i> .
Missão divina igual a do Cristo bíblico.	Missão divina igual a do Cristo bíblico.	Missão divina: instaurar o caos no mundo.	Missão: promover o paraíso na terra (luta por justiça social). Para tal, JG investe contra os poderosos.
JC aparece realizando prodígios.	JC adquire poderes sobre-humanos após o batismo.	JC aparece realizando prodígios (já os realizava antes do encontro na barca).	- JG não realiza prodígios (racionalização dos milagres bíblicos). - Sugere-se que JG possua dom profético.
JC se envolve em atividades humanas: brinca, ri, conversa descontraidamente, irrita-se.	JC precisa aprender a ser messias (comete erros, é inseguro, tem dificuldade em entender os homens).	JC se resigna ao seu destino.	
	JC vivencia um conflito existencial.	JC se rebela após os 30 anos de idade.	

6 MORTE E RESSURREIÇÃO

Tendo em vista que, para a tradição cristã, a vinda de Cristo ao mundo redime os seres humanos do pecado para, mais uma vez, conceder-lhes a graça de Deus, pode-se dizer que a morte e a ressurreição do messias surgem para os cristãos como a comprovação da vontade divina.

Conforme sustenta a CNBB (2007, p. 43-44), a morte de Cristo trata-se de uma grande prova do amor de Deus para com o gênero humano. Neste sentido, Deus entrega seu próprio filho ao sacrifício para poupar a humanidade. Ainda segundo a CNBB (2007, p. 68), a ressurreição, por sua vez, comprova a existência da vida após a morte para aqueles que seguem a palavra de Deus.

A morte de Cristo é um fato registrado em todos os evangelhos canônicos, os quais diferem entre si apenas em pormenores. Na história bíblica, o acontecimento é antecedido por uma última reunião de Cristo com os seus discípulos, a qual, segundo Mateus (26,17), ocorre no primeiro dia dos Ázimos. Reunindo as informações dos quatro evangelhos canônicos, nesse encontro, Cristo lava os pés dos seus discípulos, introduz o ritual eucarístico (a santa ceia), profetiza sua morte na cruz e aponta aquele que iria delatá-lo aos seus inimigos: Judas Iscariotes; ao qual a tradição cristã atribui o papel de o grande traidor:

A tradição cristã relega a Judas o pior papel entre os discípulos: o de traidor de Cristo. Assim, a sua figura é relembrada negativamente todo sábado de aleluia, em que os garotos fustigam um boneco representando a figura daquele que cometeu o pior de todos pecados. (SOUZA, 2007, p. 81)

De acordo com João (13, 1-17), com a lavagem dos pés, Cristo pretende demonstrar que *“a autoridade só pode ser entendida como função de serviço aos outros”*. A eucaristia, por sua vez, segundo consta em Marcos (14, 22-25), atesta a presença do Espírito Santo entre os homens e, ao mesmo tempo, representa a vida de Cristo, que, assim como o pão e o vinho distribuídos durante a ceia, também seria ofertada à humanidade.

Depois dessa última reunião, os evangelistas relatam que Jesus segue para o Monte das Oliveiras e, no local, é capturado por uma

multidão armada, que agia sob as ordens dos doutores do Templo. A partir daí, ele é torturado e ridicularizado, tanto pelos judeus quanto pelos romanos, até padecer dependurado em uma cruz.

Dos capítulos do Livro Sagrado que tratam de narrar a morte de Jesus, a tradição cristã parece querer enfatizar quatro aspectos: os eventos sobrenaturais, que comprovam a origem divina da personagem; a atitude dos homens em optar pela soltura do bandido Barrabás em troca da condenação do messias, que confirma a predisposição humana ao pecado; a tortura pela qual o Deus-homem é submetido, que caracteriza a crueldade dos seus carrascos e, ao mesmo tempo, enfatiza a humildade do mesmo ao se submeter às injunções humanas; e o perdão concedido por Jesus à humanidade, que atesta o caráter benevolente e misericordioso da entidade divina.

O primeiro evento sobrenatural ocorre na véspera da condenação de Jesus. A esposa de Pilatos, que havia sido incumbido do veredito, é assolada por um sonho que a leva a interceder a favor de Cristo junto do marido: *“Enquanto Pilatos estava sentado no tribunal, sua mulher mandou dizer a ele: “Não se envolva com esse justo, porque esta noite, em sonhos, sofri muito por causa dele.”* (Mt 27,19-20) Ainda que o evangelista Mateus não dê detalhes sobre o que a mulher havia sonhado, é certo que ela identifica que Jesus não era uma pessoa comum, do contrário não tentaria salvá-lo. Contudo, nada chama mais atenção do que os fenômenos sobrenaturais que acontecem no instante da morte do messias: a cortina do templo que se rasga, a terra que começa a tremer, os santos que ressuscitam, a escuridão que toma conta do céu em pleno meio-dia, enfim, eventos que não fazem outra coisa se não comprovar a natureza divina de Jesus: *“Imediatamente a cortina do santuário rasgou-se em duas partes, de alto abaixo; a terra tremeu, e as pedras se partiram. Os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram.”* (Mt 27,51-52)

Durante as comemorações da páscoa, o governador costumava soltar um prisioneiro à escolha da população. Seguindo a tradição, Pilatos pede para que o povo escolha entre Barrabás e Jesus. Ainda que o primeiro fosse um prisioneiro famoso, condenado por homicídio, é este quem recebe o *“habeas corpus”*, fato que faz com que a morte de Jesus se converta em uma grande injustiça cometida pela humanidade: *“Ora, em cada festa de Páscoa, Pilatos devia soltar um prisioneiro para eles. Toda a multidão começou a gritar: “Mate esse homem! Solte-*

nos Barrabás!” Barrabás tinha sido preso por causa de uma revolta na cidade, e por homicídio.” (Lc 23,17-19)

Se a apelação pela morte de um ser humano, por si só, já pode ser encarada como um ato de grande crueldade, a tortura à qual Jesus é submetido certamente é algo inescrupuloso. Esse procedimento já tem início antes mesmo de seu julgamento, na casa do sumo sacerdote, conforme registra Mateus (26,67-68): *“Então cuspiram no rosto de Jesus, e o esbofetearam. Outros lhe deram bordoadas, dizendo: “Faze-nos uma profecia, Messias: quem foi que te bateu?””*. A partir de então, a violência só vai se intensificando. O mesmo Mateus (27,27-31) registra que os soldados colocaram uma coroa de espinhos na cabeça de Jesus, cuspiram-no, surraram-no a vara, em resumo, submeteram-no a todo tipo de agressão física e humilhação, até que ele, cravado na cruz, desse o último suspiro.

Ao ter acesso aos detalhes de tudo a que Cristo foi submetido após sua captura, o leitor da Bíblia, não só é colocado diante da face perversa da humanidade, como também, diante da humildade de um Deus que, mesmo sendo onipotente, submete-se às injunções humanas, inclusive às dores da carne.

Em se tratando de mostrar a crueldade com a qual Jesus foi tratado pelos homens e o seu respectivo sofrimento, como não se lembrar da película *A Paixão de Cristo*, do diretor Mel Gibson. O filme norte-americano, lançado em 2004, adquiriu repercussão mundial ao narrar detalhadamente as doze últimas horas de Jesus Cristo na terra. Aproveitando-se dos textos bíblicos e criando a partir dos mesmos, Gibson consegue fazer no cinema o que poucos conseguem na literatura: dar dimensão às torturas e humilhações às quais Jesus foi submetido e, conseqüentemente, a todo o seu sofrimento.

Voltando aos evangelhos canônicos, no momento final da crucificação, o messias dá a grande prova do seu amor divino pela humanidade. Ainda que surrado, ridicularizado e não reconhecido como messias, ele é capaz de perdoar os seus carrascos, cumprindo assim com o seu papel de redentor: *“Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que estão fazendo!” (Lc 23,4)*

Quanto à ressurreição de Cristo, assim como sua morte, também se encontram registros nos quatro evangelhos canônicos. Segundo Lucas (23:50-55), um homem chamado José de Arimatéia pede o corpo de Jesus a Pilatos e providencia-lhe um túmulo. Ainda segundo Lucas (24,1-50), as mulheres que acompanhavam o filho de Deus vão até seu

sepulcro no domingo subsequente à paixão. Chegando ao local, no lugar dele, encontram dois homens - supostamente anjos -, os quais lhes anunciam a ressurreição do messias. No mesmo dia, Jesus aparece aos seus onze discípulos em carne e osso, lembrando que Judas havia se enforcado em uma figueira, por isso não presencia essa aparição.

Vale atentar para o fato de que os evangelhos canônicos também apresentam algumas discrepâncias entre si no que diz respeito aos acontecimentos em torno da ressurreição de Cristo, como em relação à identidade das mulheres que foram até seu sepulcro e ao número de anjos presentes no local. No primeiro caso, o evangelho de Mateus (28,1) fala que as mulheres eram “*Maria Madalena e a outra Maria*”; já o de Marcos (16,1), que eram “*Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, e Salomé*”. No segundo caso, o evangelho de Mateus (28,2) fala da presença de um “*Anjo do Senhor*”; o de Lucas (24,1-5), por sua vez, aponta para “*dois homens de roupas brilhantes*”. Ainda assim, os quatro livros do Novo Testamento registram o fato principal, o grande milagre da ressurreição, a comprovação da possibilidade da vida após a morte, e o cumprimento daquilo que diziam os profetas que antecederam Jesus Cristo:

Então Jesus abriu a mente deles para entenderem as Escrituras. E continuou: “Assim está escrito: ‘O Messias sofrerá e ressuscitará dos mortos no terceiro dia, e no seu nome serão anunciados a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém.’ E vocês são testemunhas disso. (Lc 24,45-46)

6.1 O CRISTO TRIUNFANTE

Dos quatro evangelhos literários analisados, são dois os que retratam Cristo como triunfante: *Com a Graça de Deus* e *El Evangelio de Lucas Gavilán*. Nessas obras, ainda que mediante interpretações distintas, o protagonista consegue atingir os seus objetivos. Em Sabino, redimindo os seres humanos de seus pecados e atentando para a subserviência à palavra de Deus, Jesus Cristo oferece aos seres humanos uma nova oportunidade de acesso ao Rei do Céu; em Leñero, por sua vez, através da sua luta para se pôr em prática os princípios dos

evangelhos canônicos, Jesucristo Gómez oferece ao povo mexicano a possibilidade real de se chegar a uma sociedade mais justa e igualitária.

Em se tratando dos capítulos que dão conta de narrar os acontecimentos em torno da morte e ressurreição de Cristo, *Com a Graça de Deus* mantém-se coerente com sua proposta de releitura. A essa altura da narrativa, também não há nenhuma discrepância em relação aos evangelhos canônicos: Jesus ceia com os discípulos, é delatado por Judas, morre crucificado, ressuscita. Além disso, o narrador continua recorrendo a eles para imprimir uma visão humanizada para Cristo, sem deixar de lado a sua condição de filho de Deus.

Após a chegada do Cristo sabiniano em Jerusalém, é possível se observar o lado divino do protagonista continuar se manifestando através da sua inteligência extraordinária, comprovada em suas discussões com escribas e fariseus; e do seu dom profético, anunciando sua morte e ressurreição. Além disso, a narrativa retoma o episódio bíblico de Mateus (17,1-13), Marcos (9,2-10) e Lucas (9,28-36), no qual Cristo segue com Pedro, Tiago e João até uma montanha e, no local, aparece na presença de Elias, Moisés e do próprio Deus. Este chega a falar com os discípulos para atestar a origem divina de Cristo: *“Este é o meu filho amado. Ouçam o que ele diz!”* (SABINO, 1994, p. 205)

Para ilustrar a inteligência sobre-humana de Cristo, a obra cita o episódio bíblico que pode ser lido no evangelho de Mateus (22,15-22), no qual os fariseus perguntam a Jesus se era devido pagar tributo a César, tencionando que ele desse uma resposta negativa para que assim pudessem acusá-lo de estar se rebelando contra os romanos. Inteligentemente, o messias responde: *“Pois devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.”* (Mt 22,21) Com essa resposta, Cristo não se comprometia com os romanos e, ao mesmo tempo, não deixava de dar o seu recado divino: o ouro do Deus pagão não interessa ao Deus judeu, mas sim, o compromisso com a palavra.

O episódio é seguido do seguinte comentário do narrador sabiniano: *“Dali por diante não tiveram como surpreendê-lo em nenhuma de suas palavras ao povo. Pelo contrário: admirados, ficavam calados, a ouvi-lo.”* (SABINO, 1993, p. 199) Com essa afirmação, dá-se a entender que Cristo só seria morto quando fosse da vontade de Deus. Em sua perfeição divina, ele não cairia em nenhuma das armadilhas que lhe preparavam seus inimigos enquanto não fosse chegada sua hora.

Com relação ao dom profético do Cristo sabiniano, assim como acontece nos evangelhos canônicos, há vários momentos em que ele

aparece falando sobre sua morte e ressurreição. Para ilustrar esse seu dom divino, vale ressaltar uma profecia em que ele faz uma clara referência, não só a esses dois acontecimentos, mas ao significado da sua passagem pela terra. Profecia essa composta a partir de trechos coletados dos quatro evangelhos canônicos:

Quem quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga. Quem quiser salvar sua vida a perderá. Mas o que perder a vida por minha causa a salvará. De que vale a um homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua vida? E que dará um homem em troca de sua vida? O Filho do Homem há de vir na glória do Pai com os anjos e então recompensará a cada um de acordo com suas obras. Na verdade lhes digo: muitos dos que aqui estão não verão a morte sem que tenham visto o Filho do Homem voltar na majestade de seu reino. (SABINO, 1994, p. 205)

Ao se aproximar o momento da paixão, o lado humano do Cristo de Sabino também continua se manifestando, o que é observado justamente na forma como ele reage ao seu destino. Segundo o narrador, mesmo consciente da necessidade de se submeter à morte na cruz para cumprir com sua missão divina, isso não impede que Jesus reaja humanamente a esse momento, tendo dificuldade para controlar o seu emocional, agindo com instinto de sobrevivência, e inclusive sentindo medo.

Para o narrador sabiniano, os episódios bíblicos da maldição da figueira - Mateus (21,18-22) e Marcos (11,12-14) -, da maldição de Jerusalém - Mateus (23,37-39) e Lucas (19,41-44) - e da expulsão dos vendilhões do templo - Mateus (21,12-17), Marcos (11,15-19), Lucas (19,45-48) e João (2,13-18) - comprovam que Jesus não conseguiu lidar friamente com a morte que se aproximava. Muito pelo contrário, à medida que o tempo ia passando, ele se mostrava cada vez mais irritado e menos espirituoso:

De qualquer maneira, verdadeiro ou fictício, é significativo o episódio da maldição da figueira - bem como a maldição de Jerusalém, em candente profecia sobre o destino que aguardava a cidade. O furor com que expulsou os vendilhões do

Templo, a crescente hostilidade contra os judeus, a violência das últimas parábolas – tudo denotava que o humor de Jesus ia-se tornando cada vez mais cáustico, ante a perspectiva inexorável do fim que se aproximava. (SABINO, 1994, p. 196-7)

Segundo o evangelho de João (11,45-55), depois que Jesus ressuscita Lázaro e, com isso, conquista um número ainda maior de seguidores, o cerco vai se tornando cada vez mais fechado em torno dele. Os chefes dos sacerdotes e os fariseus temiam que os romanos soubessem da popularidade de Jesus e, acreditando que este estivesse organizando uma rebelião, viessem para destruir o Templo. Em função disso, eles decidem matá-lo, e Jesus, tomando conhecimento disso, refugia-se próximo ao deserto, em uma cidade chamada Efraim.

Para o narrador de *Com a Graça de Deus*, mesmo tendo Jesus a consciência de que não seriam os homens, mas Deus, o responsável por determinar o momento de sua morte, ele não consegue controlar o impulso de se esconder de seus inimigos. Esse fato, no romance, é interpretado como uma reação decorrente do instinto de sobrevivência humano que Jesus trazia consigo:

Embora consciente de que devia cumprir a vontade do Pai como enviado Seu, não se poderia esperar que isso se desse sem nenhuma reação do seu instinto de sobrevivência como ser humano. Assim, prudentemente se retirou para uma região vizinha do deserto, indo refugiar-se com seus discípulos na cidade chamada Efraim. (SABINO, 1994, p. 211)

Diante da proposta humanizada com a qual o escritor brasileiro retrata a personagem cristã, não é de se estranhar que seu protagonista também tema a morte na cruz ou, pelo menos, angustia-se ao saber que se submeteria às dores da carne. Segundo o evangelista Lucas (22,39-46), findada a santa ceia, Jesus vai até o Monte das Oliveiras e, já no local, profere e seguinte frase: “*Pai, se queres, afasta de mim este cálice. Contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua!*” (Lc 22,42). Ainda segundo Lucas, depois disso, um anjo aparece para confortar Jesus e este chega a transpirar gotas de sangue.

A frase do Cristo bíblico, por si só, parece confirmar o fato de que ele, mesmo sendo divino, não deixa de se intimidar com a crucificação. Mesmo consciente de sua sina, ele pede para que Deus lhe dê forças para seguir em frente. Daí o sentido da aparição do anjo do Senhor. Para sustentar essa tese, o narrador sabiniano vai ainda mais a fundo e sugere que o sangue exalado por Jesus possa corresponder a uma hematidrose, termo que ele mesmo se encarrega de explicar:

Consta que São Lucas era médico; à vista disso, há quem se arrisque a usar o termo técnico *hematidrose*, para explicar o fenômeno – o impacto de um sofrimento tão intenso que leva uma pessoa ultra-sensível a suar sangue: as veias capilares subcutâneas se dilatam ao ponto de romper-se em contacto com as glândulas sudoríparas. É o que, cientificamente, teria acontecido com Jesus. (SABINO, 1994, p. 223)

Outro ponto a ser observado em *Com a Graça de Deus*, é a ausência de julgamento por parte do narrador em relação à personagem Judas, no que diz respeito à sua atitude de ter entregado Cristo para seus inimigos. Nesse sentido, mesmo não negando a hipótese de que Judas fosse um traidor, o narrador também aponta para a possibilidade de que ele estivesse cumprindo uma função que lhe fora discriminada por Cristo ou, quem sabe, até mesmo por Deus:

Mas no meu espírito perdura certa dúvida trazida desde a juventude, e que quase levou Eduardo Marciano a não comparecer ao “encontro marcado”: arriscou-se a ser expulso do ginásio quando perguntou ao padre numa aula de Apologética o que seria de Jesus se Judas “falhasse” e não o tivesse traído, deixando de cumprir seu papel. (SABINO, 1994, p. 213)

Como se afirmou no início deste subcapítulo, o protagonista de *Com a Graça de Deus* encerra sua passagem pelo mundo de modo triunfal. A exemplo do que prega a tradição cristã, ele cumpre com o seu papel de redentor da humanidade e, nesse aspecto, sua morte e ressurreição são a comprovação do sucesso dessa sua missão divina. Essa realidade é reiterada pelo próprio narrador no capítulo intitulado

Conclusão: “Creio, sem ter visto, que Jesus Cristo morreu e ressuscitou por nós. Subiu aos céus e está sentado à mão direita de Deus Pai, de onde virá julgar os vivos e os mortos e o seu reino não terá fim.” (SABINO, 1994, p. 256)

Diante da proposta de se trazer a história da personagem cristã para o México do século XX, em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, o grande carrasco de Jesucristo Gómez é Dom Horacio Mijares: amigo pessoal do governador, empresário, possessor, assassino de agricultores, enfim, um homem ligado a uma série de atividades ilegais, cuja única preocupação é o benefício próprio.

Temendo ter seus negócios prejudicados em função da intervenção de Gómez em prol dos marginalizados, Mijares ordena que seus capangas capturem o *maestro* e, utilizando de sua influência política, consegue fazer com que o procurador da Cidade do México permita com que Gómez seja assassinado. No evangelho de Leñero, o impasse que ocorre entre as autoridades romanas na hora do julgamento da personagem bíblica é parodiado de modo a retratar a fragilidade da grande massa populacional perante aqueles que possuem dinheiro e influência política, ao mesmo tempo em que se faz uma denúncia à corrupção existente no país.

Inicialmente, Gómez é levado para a Cidade do México, onde o procurador, que assume o papel reservado a Pilatos na história bíblica, não dá muita atenção ao caso. Para ele, Gómez não passava de um louco e suas atividades jamais chegariam a comprometer efetivamente a “ordem” pública, por isso ele o envia para ser julgado em Toluca, capital do estado:

- Eu não sei o porquê me vêm com esse boato.
- O tipo é perigoso, doutor, acredita ser enviado de Deus.
- Imaginem só, está louco. Não sei para que fazer tanto estardalhaço. (LEÑERO, 1993, p. 282, tradução nossa)⁶⁹

Em Toluca, o caso de Gómez também não chama atenção das autoridades locais, tendo em vista que o governador estava empenhado em conceder anistia para presos políticos. Vale lembrar que era assim

⁶⁹ - Yo no sé para qué me traen este chisme.

- El tipo es peligroso, licenciado, se cree enviado de Dios.

- Pues imagínese, está loco. No es para armar tanto argüente. (LEÑERO, 1993, p. 282)

que Gómez era taxado por seus inimigos e pelas autoridades. Ainda assim, em Toluca, dá-se um grande passo para a condenação do protagonista, pois é nesse local que Mijares – o qual, por sua vez, assume o papel de Herodes – utiliza-se de seu poder para interceder pela morte de seu inimigo junto das autoridades:

Horacio Mijares pegou pelo braço o policial e saiu com ele da cela.

- Vão julgá-lo aqui?

- Não sei, dom Horácio, mas eu queria levá-lo à Cidade do México, não vão sair logo com qualquer merda. Basta ver como está brando o governador com essa tal de anistia.

- Na Cidade do México, está igual ou pior.

- Tudo é questão de tratar o caso com manha. Se me dão liberdade e você me dá um empurrão, eu garanto que damos a esse boi o castigo que ele merece.

- Que tipo de empurrão tu precisas?

- De início, que o levem de volta para México. Isso é o principal.

Horacio Mijares sorriu com ar de suficiência. Coçou o nariz.

- Considere feito – disse. (LEÑERO, 1993, p. 285, tradução nossa)⁷⁰

Don Horacio Mijares consegue fazer com que Jesucristo Gómez fosse mais uma vez encaminhado para a Cidade do México e, pressionando o procurador nessa segunda ocasião, consegue fazer com que este lhe entregasse o prisioneiro. Sendo assim, Gómez é condenado clandestina e ilegalmente.

⁷⁰ Horacio Mijares tomó del brazo al policía judicial y salió con él de la celda.

- ¿Van a juzgarlo aquí?

- No sé, don Horacio, pero yo quisiera llevármelo para México, no nos vayan a salir luego con una chingadera. Ya ve cómo está de blando el gobernador con eso de la amnistía.

- En México están igual, o peor.

- Todo es cosa de tratar el asunto con pinzas. Si a mí me dan manos libres y usted me echa un empujón, yo le garantizo que a este buye le damos su castigo tal y como se merece.

- ¿Qué clase de empujón necesitas?

- Por principio de cuentas que me lo regresen a México. Eso es lo principal.

Horacio Mijares sonrió con aire de suficiencia. Se rascó la nariz.

- Dalo por hecho – dijo. (LEÑERO, 1993, p. 285)

Ainda que a narrativa não dê detalhes sobre as artimanhas de Mijares e seus comparsas, o trecho abaixo deixa claro que ele tinha pleno poder sobre a autoridade em questão. Mesmo que o procurador não demonstrasse interesse pela condenação de Gómez, ele se vê de mãos atadas diante do poderoso inimigo do *maestro*:

Só me faltava essa, que diabos! Até quando deixaremos de dar bola e até quando a polícia deixará de cumprir com sua obrigação. Eu estou servindo de quê. Me vêm e dizem, e eu digo, e como se falasse com as paredes, sempre há um pretexto para burlar a lei ou nunca falta um telefonema para mudar as coisas em benefício de alguém. Se eu às vezes não entendo, menos ainda, vai entender o meu pessoal, e assim, o melhor é renunciar. Onde está o poder então? Que poder e que justiça estão para casos de segunda ou de terceira? Isso é o cúmulo. Estava claríssimo. Um pobre louco sem juízo e fim de papo. Que o prendam e pronto... Peguem o seu preso e façam com ele o que quiserem. Levem-no ao Campo Militar, sumam com ele, matem-no, eu não movo nem mais um dedo. Não sei de nada, não digo nada, nem quero saber, não ouço, nem nada. É de vocês. Eu lavo minhas mãos como Pilatos. (LEÑERO, 1993, p. 286-7, tradução nossa)⁷¹

O protagonista de *El Evangelio Segun Lucas Gavilán* morre antes mesmo de chegar ao seu calvário, o Campo Militar: local que foi utilizado para se dar fim às vidas e aos corpos dos presos políticos no México. No romance de Leñero, a *via crucis* da personagem cristã é representada pela tortura a qual Jesucristo Gómez foi submetido enquanto aguardava o seu julgamento nas celas da Cidade do México e

⁷¹ ¡Nomás eso me faltaba, con un demonio! Hasta cuándo dejaremos de hacernos bolas y hasta cuándo dejará de hacer cada policía lo que se le antoje. Yo estoy pintado o qué. A mi vienen y me dicen y yo digo y como si hablara a las piedras, siempre hay un pretexto para torcer una orden o nunca falta un telefonazo para cambiar las cosas a beneficio de quién. Si yo a veces no entiendo menos van entender mi gentes y así mejor renunciar. Dónde está el poder entonces. Cuál poder o cuál justicia hasta para casos de segunda o de tercera. Es el colmo. Era clarísimo. Un pobre loco deschavetado y se acabó. Que lo encierren y punto... Cojan a su preso y hagan con él lo que quieran. Llévenselo al Campo Militar, desaparezcanlo, mátenlo, yo no muevo un dedo más, ni sé, ni me entero, ni oigo, ni nada. Es suyo. Ahí lo tienen. Yo me lavo las manos como Pilatos. (LEÑERO, 1993, p. 286-7)

de Toluca. É justamente devido às agressões sofridas nesses locais que Gómez morre dentro da viatura que o conduzia ao Campo, o que aparentemente ocorre em função de uma hemorragia interna:

A tosse de Jesucristo interrompeu o silêncio provocado pelo grito do policial. Desde que estava na cela da procuradoria de Toluca, havia começado a sofrer aqueles acessos intermináveis: parecia como se a qualquer momento fosse expelir as vísceras e a própria alma. Terminava se afogando, sangrando pela boca, tremendo em função dos calafrios. Depois, a respiração ofegante, fatigosa.

- Caralho, companheiro, você está morrendo – disse o da pele pálida -. O que fizeram contigo? (LEÑERO, 1993, p. 288, tradução nossa)⁷²

- Fracassei – repetiu Jesucristo no momento em que um jorro de sangue escapou violentamente de sua boca. Caiu sobre os joelhos desesperado, afogando-se. Levou as mãos ao pescoço. Seus músculos se tencionaram. Enrijeceu-se. -¡ Meu Deus, ajude-me! - Jesucristo gritou pela última vez e tombou como um cordeiro degollado. (LEÑERO, 1993, p. 291, tradução nossa)⁷³

Vale destacar que, no exato momento da morte de Jesucristo, ocorre um tremor de terra que leva abaixo os muros de um templo em construção, o que também ocorre na história do Cristo bíblico, segundo

⁷² La tos de Jesucristo llenó el silencio provocado por el grito del policía. Desde que estaba en la celda de la procuradoría de Toluca había empezado a sufrir aquellos accesos interminables: parecía como si de un momento a outro fuera a arrojar las vísceras y el alma misma; terminaba ahogándose, sangrando por la boca, sacudido por los escalofríos. Después: la respiración jadeante, fatigosa.

- Carajo compañero, se está usted muriendo – dijo el de la piel cetrina -. ¿ Pues qué le hicieron? (LEÑERO, 1993, p. 288)

⁷³ - Fracaseé – repitió Jesucristo en el momento em que un borbotón de sangre escapó violentamente de su boca. Se enderezó sobre las rodillas desesperado, ahogándose. Con las manos crispadas se sujetó el cuello. Se tensaron sus músculos. Se puso tieso. - ¡Dios mío ayúdame! – gritó por última vez Jesucristo, y cayó de canto como un chivo degollado. (LEÑERO, 1993, p. 291)

o evangelho de Mateus (27,54)⁷⁴. Sendo assim, esse é mais um dos acontecimentos que levam o leitor a associar a imagem do protagonista do romance a do messias.

Assim como ocorre no filme de Mel Gibson, o leitor de *El Evangelio de Lucas Gavilán* tem acesso a todos os detalhes da tortura pela qual o protagonista é submetido. Nesse aspecto, o tratamento dado a Jesucristo Gómez na prisão se assemelha ao dado aos presos políticos do regime militar brasileiro (1964 a 1979). Na cidade do México, dentre uma sorte de procedimentos torturantes, os capangas de Horacio Mijares imergem a cabeça de Gómez em um tonel com água de modo a dificultar a sua respiração:

Depois de outra série de chutes nos testículos, levaram-no ao tonel de água. Duas mãos imobilizavam seus braços para trás enquanto outra lhe segurava os cabelos e lhe submergia a cabeça durante segundos que pareciam horas. Desesperador. Quando, por fim, endireitaram-no, tratou de puxar o ar com a boca, mas, antes que pudesse terminar, já estava de novo dentro. Foi assim uma vez mais, e outra, e mais outra. (LEÑERO, 1993, p. 277, tradução nossa.)⁷⁵

Tal modalidade em muito se assemelha ao “banho chinês” utilizado pelos militares do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), conforme descreve Bezerra⁷⁶ (apud ARNS, 1985, p. 41):

... que várias vezes seguidas procederam à imersão da cabeça do interrogando, a boca aberta, num tambor de gasolina cheio d'água, conhecida

⁷⁴ O oficial e os soldados que estavam com ele guardando Jesus, ao notarem o terremoto e tudo o que havia acontecido, ficaram com muito medo, e disseram: “De fato, ele era mesmo Filho de Deus!” (Mt. 27:54)

⁷⁵ Después de outra tanda de patadas en los testículos lo llevaron al tonel de agua. Dos garras le atoraran los brazos a la espalda mientras otra lo prendió de los cabellos y le hundió la cabeza durante segundos que fueron horas. Desesperante. Cuando por fin lo enderezaron trató de jalar aire con la boca, pero no la cerraba aún cuando ya estaba de nuevo adentro. Así una vez y otra y otra más. (LEÑERO, 1993, p. 277)

⁷⁶ José Machado Bezerra foi um dos presos políticos da época do regime militar brasileiro, cujo testemunho serviu como referência para a publicação da obra *Brasil: nunca mais*, de Dom Paulo Evaristo Arns, a qual apresenta um relato sobre a sociedade brasileira da época, enfatizando a forma ditatorial com a qual o país foi governado e a negação dos direitos humanos por parte das autoridades tupiniquins.

essa modalidade como “banho chinês”...
(BEZERRA apud ARNS, 1985, p. 41)

Como vem se observando ao longo do presente estudo, em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, não há nenhuma afirmação categórica por parte do narrador, tampouco do próprio Jesucristo Gómez, em relação à paternidade do protagonista. Não há, por exemplo, a presença do Espírito Santo no momento do batismo ou alguma ocasião em que Deus apareça falando diretamente aos seguidores de Gómez para confirmar que este é o filho que enviou ao mundo como acontece nos evangelhos canônicos.

Do mesmo modo que ocorre ao longo de toda a narrativa, à medida que a história vai se encaminhando para seu desfecho, o leitor é novamente colocado diante de indícios que apontam para essa possibilidade – como se pontuou em relação ao terremoto no instante da morte do protagonista - juntamente com outros que a refutam.

Antes da captura de Gómez, há dois episódios significativos que colaboram para alimentar esse enigma: o primeiro deles corresponde a uma releitura para o episódio bíblico da transfiguração de Cristo, presente no evangelho de Lucas (9,28-36); e o segundo, diz respeito a uma releitura para episódio bíblico da santa ceia, de Lucas (22,14-28).

No primeiro caso, Jesucristo segue com seus seguidores - Pedro Simón, e os irmãos Santiago e Juancho Zepeda - até o *Cristo del Cerrito*, uma imagem da personagem cristã situada aos arredores do Distrito Federal do México. No local, ele aparece calado e melancólico, até que subitamente muda de humor, ao mesmo tempo em que surge uma forte rajada de vento, a qual amplifica suas palavras e transfigura sua imagem. Primeiramente, ele tem um acesso de raiva, externando aos gritos toda sua indignação para com as injustiças do mundo e para com a postura apática dos homens em face de tal situação. Em seguida, demonstra-se esperançoso, falando do advento de uma sociedade pautada na justiça e na hombridade:

Diante do Cristo del Cerrito, Jesucristo Gómez se ajoelhou enquanto Pedro Simón e os irmãos Zepeda, esgotados pela subida, deitavam-se à sombra de um enorme pé de abacate. Passaram-se horas e o mestre seguia no mesmo lugar, como se estivesse rezando. A única coisa que fez foi se colocar em pé e começar a insultar a imagem

monstruosa. Nesse momento, surgiu um vento fortíssimo no topo da colina, e com a tormenta de ar, de poeira, de ruídos, amplificou-se a voz de Jesucristo Gómez até tornar-se parte do vendaval. Pedro Simón e os irmãos Zepeda se assustaram. Agora o mestre havia se virado para ficar de frente para eles, e a eles lançava seus gritos, sua cólera. Na verdade, parecia um monstro, como a imagem: tinha o rosto fechado, empoeirado, e, com os braços estendidos, dava murros no ar. O vento lhe sacudia a camisa, agitava-lhe os cabelos.

- O que ele tem?

- Da ira, Jesucristo passou ao entusiasmo. De maldizer um mundo surdo e covarde, passou a anunciar, aos gritos, um tempo grandioso em que os homens deixariam a apatia de lado para fazer justiça à justiça e virar do avesso tudo o que foi criado. Falava de multidões e de exércitos, e, mais do que estar se dirigindo a três catadores de papel ignorantes, parecia dirigir-se a toda a humanidade na saia do monte negro para escutar e obedecer a seu deus imponente. (LEÑERO, 1993, p. 134-5, tradução nossa)⁷⁷

Diferentemente do episódio bíblico da transfiguração, não há a presença de Moisés e Elias, tampouco da fala de Deus atestando que Jesucristo Gómez é o filho que ele enviara ao mundo. A ausência dos profetas do Antigo Testamento e a falta da manifestação divina podem

⁷⁷ Ante el Cristo del Cerrito se arrodilló Jesucristo Gómez mientras Pedro Simón y los hermanos Zepeda se tendían a la sombra de un aguacate enorme, agotados por el ascenso. Pasaron horas y el maestro seguía en el mismo sitio, como rezando. Lo más que hizo fue ponerse en pie y comenzar a increpar a la imagen monstruosa. En ese momento se soltó un viento fuertísimo en la cima del cerro, y con la tormenta de aire, de polvo, de ruidos, se amplificó la voz de Jesucristo Gómez hasta volverse parte del vendaval.

Pedro Simón y los hermanos Zepeda se asustaron. Ahora el maestro se había dado la vuelta para quedar frente a ellos, y a ellos lanzava sus gritos, su cólera. La verdad, parecía un monstruo, como la imagen: tenía el rostro congestionado, tierroso, y con los brazos extendidos lanzaba puñetazos al cielo. El viento le abombaba la camisa, le volaba el cabello.

- ¿Qué le pasa?

De la ira pasó Jesucristo al entusiasmo. De maldecir a un mundo sordo y cobarde, pasó a anunciar a gritos un tiempo grandioso en que los hombres saldrían de su modorra para hacer justicia a la justicia y volcar al revés todo lo creado. Hablaba de muchedumbres y de ejércitos, y más que dirigirse a tres pepenadores ignorantes parecía dirigirse a la humanidad entera apiñada en las faldas del cerro prieto para escuchar y obedecer a su dios omnipotente. (LEÑERO, 1993, p. 134-5)

servir para sustentar a tese de que o protagonista não seja o messias, mas sim, um homem inspirado pelos princípios do mesmo. Por outro lado, a variação de humor de Gómez, pode ser associada a um dom profético. Nesse sentido, seu descontrole emocional seria decorrente da consciência que ele tem de que o momento de sua morte estava se aproximando. Além disso, assim como a chuva no episódio da anunciação e o terremoto no episódio da morte, é possível se aferir que não tenha havido nenhuma explicação meteorológica para a rajada de vento, tendo em vista que ela ocorre justamente no momento em que o *maestro* resolve externar os seus sentimentos, como se a natureza estivesse sob o efeito de uma força superior. Desse modo, esses dois últimos fatores colocam em xeque à primeira tese, apontando para uma possível origem divina do protagonista.

Assim como ocorre no episódio da transfiguração, a paródia que se faz na obra de Leñero da última reunião do Cristo bíblico com os seus discípulos também colabora para aumentar o mistério em torno da verdadeira origem de Gómez. Vale ressaltar que, em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, esse acontecimento se dá em um bar, onde a ceia é composta por dois pratos tipicamente mexicanos, *pozole*⁷⁸ e *pambazos*⁷⁹, e cerveja, o que confirma a proposta do autor de reler a história da personagem cristã de forma regionalizada:

Os discípulos estavam felizes. Juntaram duas mesas largas que Catarino Galindéz havia comprado para seu salão de banquetes e se prepararam para se esbaldarem com o pozole e os pambazos.

- Fazia muito tempo que queria cear assim com vocês – disse Jesucristo Gómez.

Na verdade, parecia triste. Seu tom de voz sempre forte, muito alto, diminuía-se até ficar em alguns momentos inaudível. Os discípulos tinham que se calar para conseguirem ouvir o mestre.

- Com sorte, nunca mais voltaremos a estar juntos e eu gostaria que não se esquecessem dessa ceia. Para mim, será a última, a melhor.

(...)

⁷⁸ Carne de porco regada a um molho a base de milho e condimentos, como alho, limão, cebola e orégano.

⁷⁹ Espécie de pão recheado com batata, chouriço ou linguiça.

Andrés e Juancho Zepeda abriram as cervejas enquanto Jesucristo repartia pessoalmente os pambazos. Foi lhes servindo um a um:

- Este é o meu corpo – disse.
- Teu o quê?
- Quando estiverem ceando entre vocês, com seus amigos, lembrem-se de hoje.
- Voltou ao seu lugar. Levantou sua garrafa.
- Saúde – disse -. Para que Deus me dê forças.
- Saúde – disseram os discípulos, e começaram a beber sem medida.
- Forças para quê, mestre? – perguntou Pedro Simón.
- Vão me pegar – respondeu Jesucristo -. Um de vocês me traiu. (LEÑERO, 1993, p. 269-70, tradução nossa)⁸⁰

Conforme havia sido discutido anteriormente, sob uma ótica racional, é possível se aferir que Gómez não tivesse dispendo de nenhum dom sobre-humano para identificar que o momento da sua morte se aproximava. Por esse viés, talvez ele tivesse percebido que, com o aumento de sua popularidade, com suas conquistas e, principalmente, com seus diversos ataques contra os poderosos, estes, mais do que nunca, estariam dispostos a silenciá-lo. No entanto, é de

⁸⁰ Los discípulos estaban felices. Juntaron dos largas mesas de las que Catarino Galíndez había comprado para su salón de banquetes y se alistaron para entrarle con fe al pozole y los pambazos.

-Hacia mucho que tenía ganas de cenar así com ustedes – dijo Jesucristo Gómez.

La verdad, se veía tristón. Su tono de voz siempre ronco, muy alto, se adelgazaba ahora hasta volverse por momentos inaudible. Los disípulos tenían que callarse entre si para alcanzar a oír al maestro.

- Con suerte ya nunca volvemos a estar juntos y me gustaría que no olvidaran esta cena. Para mi será la última, a lo mejor.

(...)

Andrés y Juancho Zepeda destaparon las cervezas mientras Jesucristo repartía personalmente los pambazos. Se los fue sirviendo a uno por uno:

- Éste es mi cuerpo – dijo.
- ¿ Tu qué?
- Cuando cenem entre ustedes, com sus amigos, acuérdense de hoy.
- Regresó a su lugar. Levantó su botella.
- Salud – dijo -. Para que Dios me dé fuerzas.
- Salud – dijeron los discípulos, y empezaron a beber sin medida.
- ¿ Fuerzas para qué, maestro? – preguntó Pedro Simón.
- Van a agarrarme – respondió Jesucristo -. Uno de ustedes me traicionó. (LEÑERO, 1993, p. 269-70)

causar estranhamento a precisão com a qual ele percebe a chegada desse momento, o que aponta para a possibilidade de que ele tivesse de fato um dom profético. Ele afirma categoricamente que não tornaria a jantar com seus companheiros, parecendo saber que seria capturado em questão de horas. Além disso, mesmo que ele não tenha apontado Justo Irigoyen como seu traidor, também é de se estranhar o fato de ele ter identificado que um de seus companheiros o entregaria para seus inimigos, uma vez que nenhum deles havia se envolvido em alguma situação que demonstrassem deslealdade e, por conseguinte, que pudesse dar motivo a uma suspeita.

É interessante observar que a releitura que se propõe no romance para o episódio bíblico da santa ceia também possibilita uma dupla interpretação: inicialmente, a imagem de Gómez remete ao Cristo bíblico; e, em um segundo momento, ele não parece ser diferente dos demais homens que ali estavam.

Durante o jantar com seus companheiros, o Cristo de Leñero realiza a primeira parte do ritual eucarístico, distribuindo os *pambazos* para os presentes como se fossem seu próprio corpo. Nesse sentido, é possível se pensar que, assim como defende a tradição cristã, ele estivesse simbolizando sua entrega ao sacrifício para a salvação da humanidade. No entanto, o protagonista não procede da mesma forma em relação à segunda parte do ritual. Ao invés de distribuir a cerveja como sendo o seu sangue, ele simplesmente bebe o líquido para afastar a tensão que lhe acomete naquele momento, tendo em vista que sabia estar sendo procurado por seus inimigos. Sendo assim, não há nenhuma simbologia por detrás do consumo da bebida, mas sim, a demonstração de uma reação tipicamente humana: lançar mão da embriaguez para se superar uma situação adversa.

A paródia que Leñero propõe para os eventos em torno da ressurreição de Cristo não é menos enigmática do que as releituras para os episódios da transfiguração e da santa ceia. Na verdade, há dois episódios que tratam do assunto no romance. No primeiro deles, que corresponde a uma releitura para o episódio bíblico em que o corpo de Jesus desaparece de seu sepulcro (Lucas 24,1-12), a ressurreição não ocorre de fato, tratando-se apenas de uma história divulgada pelas mulheres que compunham o grupo de seguidores de Jesucristo Gómez. Sendo elas: María Magdalena, Juana Morales e María la de Santiago. Já no segundo deles, o qual relê o episódio bíblico em que Cristo surge diante de dois dos seus discípulos sem ser reconhecido (Lucas 24,13-

53), devido à aparição de uma misteriosa personagem, com características semelhantes a do *maestro* recém-assassinado, é possível se pensar que o milagre houvesse realmente ocorrido.

Após tomarem conhecimento de que Jesucristo havia sido assassinado e levado para o cemitério *Panteón de Dolores*, María Magdalena, Juana e a outra María seguem até o local em uma tentativa frustrada de localizar seus restos mortais. Lá, dois homens, que substituem os anjos do evangelho de Lucas e que supostamente seriam coveiros, informam-lhes que não seria possível localizar o corpo do *maestro*, uma vez que este não havia sido registrado. Eis que um deles as consola, dizendo que Gómez estava vivo porque seus ideais jamais seriam esquecidos, sendo que a população iria dar continuidade a sua luta por justiça social. Em outras palavras, ele fala que Gómez estava vivo figurativamente:

Para mim, esses homens não morrem nunca – disse -. Podem até matá-los, mas eles não morrem. Ao contrário, seguem com mais vida a cada dia, como se diz.

María Magdalena começou a soluçar.

- Tem que deixar a tristeza no lixo, senhora. Lembre-se do que ele dizia... O caminho é para frente e ele não haverá deixado de caminhar.

- Não faz sentido procurar por um morto – completou o homem do balde. (LEÑERO, 1993, p. 301, tradução nossa)⁸¹

Ao se encontrarem com os homens do grupo, as mulheres também falam que o *maestro* estava vivo, mas não lhes explicam o sentido da mensagem que lhes fora transmitida no cemitério, dando origem à falsa história de que ele havia ressuscitado, na acepção legítima do termo. Vale ressaltar que talvez elas tenham tido essa postura para fazer com que o grupo não desistisse de dar continuidade

⁸¹ - Para mí esos hombres no mueren nunca – dijo -. Pueden matarlos pero no se mueren. Al contrario, siguen cada día con más vida, como quien dice.

María Magdalena empezó a sollozar.

- Hay que echar la tristeza a la basura, señora. Acuértese do que él decía...El camino es para adelante y él no há dejado de caminar.

- No tiene caso buscar a un muerto – completo el hombre de la cubeta. (LEÑERO, 1993, p. 301)

aos trabalhos de seu líder. Sendo assim, atendo-se ao episódio do cemitério, Jesucristo Gómez não ressuscita, o que contribui para se fazer a leitura de que ele não fosse o messias.

Na sequência da narrativa, os irmãos Santiago e Juancho Zepeda, temendo serem perseguidos pela polícia, tomam um caminhão rumo a Yecapixtla, onde se refugiariam na casa de um cunhado. No veículo, eles encontram um senhor que se mostra simpatizante aos ideais do *maestro*, mais do que isso, que se mostra muito semelhante ao mesmo no seu modo de falar e de pensar. Ele afirma que a revolução não aconteceria da noite para o dia e que o assassinado do *maestro* não havia sido em vão, posto que o próprio Gómez havia afirmado que o fato se consumiria, e que sua morte serviria para motivar o povo a lutar por justiça:

O senhor das tangerinas balançou a cabeça:
 - Ele nunca lhes disse que a revolução iria acontecer de um dia para o outro. Ou lhes disse?
 - Não, mas...
 - Ao contrário. Ele mesmo avisou que iriam pegá-lo e convertê-lo em um bode expiatório... Agora é quando sua morte faz sentido. Está claríssimo. (LEÑERO, 1993, p. 304, tradução nossa)⁸²

Não obstante, o homem também se assemelha a Gómez por estar comendo tangerinas, fruta que este tanto apreciava: “*Em uma dessas o homem se pôs em pé e caminhou até o assento traseiro. De sua bolsa de pano havia extraído duas tangerinas que chegou oferecendo a Santiago e Juancho.*” (LEÑERO, 1993, tradução nossa)⁸³ Sendo assim, já nesse primeiro encontro no caminhão, observa-se uma nítida preocupação do narrador em aproximar a imagem do homem das tangerinas à de Jesucristo Gómez, o que por si só já desperta a suspeita de que este havia ressuscitado. No entanto, o que é mais intrigante acontece na sequência.

⁸² El señor de las mandarinas meneó la cabeza:

- Él nunca les dijo que la revolución era cosa de un día. ¿O sí les dijo?

- No, pero...

- Al contrario. Él mismo les aviso que a él lo iban a agarrar y a convertir en chivo expiatorio... Ahora es cuando su muerte coge sentido. Está clarísimo. (LEÑERO, 1993, p. 304)

⁸³ “En una de éstas el hombre se puso en pie y caminó hasta el asiento trasero. De su bolsa de yute había extraído dos mandarinas que llegando ofreció a Santiago e Juancho...” (LEÑERO, 1993, p. 303)

Cativados pelas palavras do desconhecido, os irmãos Zepeda o convidam para se hospedar junto deles na casa do cunhado. Na residência, durante a madrugada, Santiago acorda agitado em função de um sonho e, juntamente com o irmão, segue até o quarto em que pernoitava o homem das tangerinas. Este, por sua vez, já não estava mais no local. O leitor não tem acesso aos detalhes desse sonho, mas é provável que Santiago houvesse sonhado que seu novo companheiro fosse o próprio *maestro*, o que, mais uma vez, aponta para a possibilidade de que este havia voltado à vida:

... Caíram como troncos, mas Santiago se acordou por volta da uma hora e meia, suando, muito agitado. Havia sonhado quem sabe com o quê. Sacudiu seu irmão.

- O que há? – se assustou Juancho Zepeda.

- Levante-se. Esse homem...

- Quem?

- Santiago contou a Juancho seu sonho e os dois correram ao quarto onde estava dormindo o senhor das tangerinas. Já não estava. Havia partido de repente, sem sequer se despedir.

- Eu te disse. (LEÑERO, 1993, p. 305, tradução nossa)⁸⁴

Por fim, já no desfecho da obra, os irmãos Zepeda e Pedro conseguem promover uma reunião com os demais membros do grupo de Jesucristo Gómez, intuindo se organizarem para dar continuidade aos trabalhos do mesmo. Eis que o enigmático homem das tangerinas torna a aparecer. Durante a reunião, ele motiva os amigos de Gómez a seguirem na luta por justiça social e é inclusive convidado pelos mesmos para assumir a liderança do grupo. O fato não chega a se consumir, porque, ao ser questionado sobre sua identidade, o homem

⁸⁴ ...Cayeron como troncos, pero Santiago se despertó como a la hora y media sudando muy agitado. Había soñado quién sabe qué. Jalaneó a su hermano.

- ¿Qué pasa? – se asustó Juancho Zepeda.

- Levántate. Ese hombre...

- ¿Quién?

Santiago contó a Juancho su sueño y los dos corrieron al cuarto donde se había quedado a dormir el señor de las mandarinas. Ya no estaba. Se había ido de repente, sin despedirse siquiera.

- Te lo dije. (LEÑERO, 1993, p. 305)

das tangerinas revela ser sacerdote, o que ocasiona a revolta dos amigos de Gómez e, por conseguinte, a sua expulsão do recinto.

Nesse último capítulo, a narrativa é novamente enigmática. Por um lado, o homem das tangerinas parece ser o próprio Jesucristo. Essa afirmação pode se sustentar se o leitor tomar como base a semelhança de sua fala com a do *maestro*. Ainda que tal discurso não seja revelado em sua integridade, a similaridade pode ser diagnosticada com base na descrição feita pelo narrador:

Os que não o conheciam o olhavam com desconfiança, mas pouco a pouco, à medida que o homem dava continuidade ao seu discurso e se soltava falando-lhes como havia falado a Santiago e Juancho Zepeda, os discípulos deixavam de lado o receio e se deixavam levar por suas palavras tão bem fundamentadas em razão. Até parecia que eles estavam ouvindo o próprio Jesucristo Gómez em seus melhores tempos.

(...)

- O único modo de fazer com que Jesucristo não morra é dando continuidade à sua obra – disse. (LEÑERO, 1993, p. 306, tradução nossa)⁸⁵

Não obstante, também é possível se apegar ao fato de ele ter localizado o local onde os discípulos se encontravam, tendo em vista que este era uma espécie de esconderijo e, como tal, supostamente não deveria ser encontrado por alguém que não pertencesse ao grupo. Esse último fator causa estranhamento aos próprios discípulos de Jesucristo Gómez:

- Como nos encontrou? – disse Juancho Zepeda.
- Perguntando.
- Perguntando a quem?

⁸⁵ Los que no lo conocían lo miraban con desconfianza, pero poco a poco, a medida que el hombre se metía en su discusión y se soltaba hablándoles como les había hablado a Santiago y Juancho Zepeda, los discípulos hacían a un lado el recelo y se dejaban llevar por sus palabras tan bien puestas em razón. Hasta se les figuraba estar oyendo al mismísimo Jesucristo Gómez en sus mejores tiempos.

(...)

- El único modo de hacer que Jesucristo no se muera es contuniando su obra – dijo. (LEÑERO, 1993, p. 306)

- Perguntando por aí. Não foi tão complicado – sorriu o homem. (LEÑERO, 1996, p. 306, tradução nossa)⁸⁶

Por outro lado, é possível pensar que o misterioso homem fosse simplesmente uma pessoa disposta a dar continuidade ao trabalho de Gómez, entendendo que ele fosse de fato um sacerdote. Nesse sentido, é possível inclusive se pensar que a personagem represente um dos líderes da teologia da libertação, como Jon Sobrino, Leonardo Boff ou Gustavo Gutiérrez, aos quais o próprio autor faz referência no prólogo da obra. Para sustentar essa tese, também seria possível recorrer ao discurso do homem das tangerinas, no qual ele se refere a Gómez em terceira pessoa: “*O único modo de fazer com que Jesucristo não morra é dando continuidade à sua obra.*”

A história de *El Evangelio do Lucas Gavilán* chega ao seu desfecho sustentando o mistério em relação à verdadeira origem de Jesucristo Gómez. Como se discutiu anteriormente, não há nenhuma afirmação categórica por parte do narrador, ou por parte do próprio protagonista, que determine que este seja puramente humano ou que seja um Deus que tenha se sujeitado à condição humana, e isso não ocorre justamente por não ser a discussão colocada no centro da obra. No romance mexicano, não há interesse de se atribuir um rótulo para Jesus Cristo, mas sim, por em pauta através da personagem literária, o que se entende como sendo a verdadeira mensagem registrada nos evangelhos canônicos. Essa proposta pode ser claramente observada a partir da fala de Jesucristo citada abaixo:

- Então você não crê na outra vida, nesse céu cheio de anjos?
- Creio na ressurreição – respondeu Jesucristo.
- Não disse que não?
- Só perguntei o que vocês entendem por ressurreição.
- Esse negócio de um céu cheio de anjos.
- É uma ideia bonita.
- Te parece bonita?

⁸⁶ - ¿Cómo nos encontro? – dijo Juancho Zepeda.

- Preguntando.

- ¿ Perguntando a quién?

- ¿ Perguntando por ahí. No fue tan complicado – sonrió el hombre. (LEÑERO, 1993, p. 306)

- Poética. A vocês não?
- O importante é que seja verdadeira de um ponto de vista científico.
- A ciência tem muito pouco a dizer sobre a poesia.
- Então Deus também é uma ideia poética para ti...como o céu e a ressurreição?
- Quando se fala em Deus e em ressurreição se está falando de vida. E a vida é algo mais que pura poesia.
- (...)
- O Deus em que eu creio é um Deus de vivos, não de mortos. (LEÑERO, 1993, p. 255-6, tradução nossa)⁸⁷

Nesse sentido, como vem se discutindo ao longo do presente estudo, Jesucristo Gómez prega o fim do egocentrismo e, conseqüentemente, da competitividade entre as pessoas, com o intuito de criar uma sociedade com base no amor ao próximo e na cooperação mútua. Para o Cristo de Leñero, Deus não deseja que as pessoas se resignem a uma vida deplorável na terra na esperança de uma recompensa no *post mortem*, pelo contrário, Gómez defende que Deus almeja a construção de um paraíso terreno, por isso ele mobiliza o povo a lutar contra as injustiças sociais.

Por fim, vale destacar que o protagonista de *El Evangelio de Lucas Gavilán* passa pelo mundo dos homens de modo triunfante, uma vez que ele abre os olhos das pessoas para o que, no seu entendimento, trata-se da verdadeira mensagem deixada por seu homônimo bíblico e, a

⁸⁷ - ¿ Entonces no crees en la otra vida, en esse cielo lleno de ángeles?

- Creo en la resurrección – respondió Jesucristo.

- ¿ No dices que no?

- Sólo pregunté qué entienden ustedes por resurrección.

- Eso del cielo lleno de ángeles.

- Es una idea bonita.

- ¿ Te parece bonita?

- Poética, ¿a ustedes no?

- Lo importante es que sea verdadera desde un punto de vista científico.

- La ciencia tiene muy poco que decir sobre la poesía.

- Entonces Dios es también una idea poética para ti...como el cielo, como la resurrección.

- Cuando se habla de Dios y de resurrección se está hablando de vida. Y la vida es algo más que pura poesia.

(...)

- El Dios en el que yo creo es un Dios de vivos, no de muertos. (LEÑERO, 1993, p. 255-6)

partir dessa lição, mobiliza o povo a sair da comodidade para lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. Essa conquista pode ser observada nas palavras que Pedro dirige ao homem das tangerinas no desfecho da história: “Agora os vê assim porque não é para menos, mas já entendemos que o mestre não está morto. E isso é o mais importante.” (LEÑERO, 1993, p. 307-8, tradução nossa.)⁸⁸

6.2 O CRISTO VENCIDO

Em *O Evangelho Segundo o Filho*, assim como acontece em *Com a Graça de Deus*, a trajetória do protagonista em seus últimos dias de vida humana em pouco se difere do que narram os evangelhos canônicos. O Cristo de Mailer também segue para Jerusalém, onde expulsa os vendilhões do templo e aumenta a revolta dos escribas e fariseus; promove uma última reunião com os discípulos, na qual realiza o ritual eucarístico e o lava pés, e aponta Judas como seu traidor; é capturado e crucificado por seus inimigos; e, por fim, ressuscita no terceiro dia.

O que mais chama atenção no desfecho do romance americano está na forma como o protagonista se comporta nos momentos antecedentes a sua morte, trazendo novamente à tona a imagem de um Cristo que ora se aproxima de sua natureza divina, ora sucumbe ao seu lado humano, ora se deixa levar pelo Diabo. Não obstante, outro fator que chama atenção é a forma como a carreira messiânica é retratada na obra, a qual, diferentemente do que prega a tradição cristã, representa uma derrota do bem para o mal.

O lado divino do protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* continua se manifestando através dos seus feitos prodigiosos. Na paródia que se faz no romance para o episódio do evangelho de João (8,1-11)⁸⁹, por exemplo, além de salvar a adúltera do apedrejamento,

⁸⁸ Ahorita los vê así porque no es para menos, pero ya entendimos que el maestro no está muerto. Y eso es lo importante. (LEÑERO, 1993, p. 307-8)

⁸⁹ Chegaram os doutores da lei e os fariseus trazendo uma mulher, que tinha sido pega cometendo adultério. Eles colocaram a mulher no meio e disseram a Jesus: “Mestre, essa mulher foi pega em flagrante cometendo adultério. A Lei de Moisés manda que mulheres desse tipo devem ser apedrejadas. E tu, o que dizes?” Eles diziam isso para pôr Jesus à prova e ter um motivo para acusá-lo. Então Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. Os doutores da Lei e os fariseus continuaram insistindo na pergunta. Então Jesus se levantou e

inibindo aqueles que almejavam aplicar tal sentença com frase semelhante a do seu homônimo bíblico – *“Aquele de vocês que esteja isento de pecado que atire a primeira pedra.”* (MAILER, 2007, p. 124) –, o Cristo de Mailer também pratica o exorcismo, posto que a mulher (Maria de Magdala) estava possuída por sete demônios:

Leviana, mas forte, ela estava casada com os sete poderes da ira de Satanás e com os sete demônios, seus descendentes. Cabia a mim expulsá-los, lentamente, como de fato foram saindo, um a um, alguns esquivos, outros vulgares, vários monstruosos, tornando-se prisioneiros dos bons espíritos ao nosso redor. (MAILER, 2007, P. 126)

Em outro caso, do mesmo modo que ocorre na Bíblia, há poucos dias antes de sua morte, ele regressa à Betânia para ressuscitar Lázaro, o qual, no episódio romanesco, estava morto há quarenta e oito horas: *“Rezei, implorando o fim dessa miséria, e Lázaro se ergueu do túmulo, saindo da caverna com passos vacilantes, mas andando na minha direção: a mortalha o atrapalhava.”* (MAILER, 2007, p. 103). Esses últimos prodígios não fazem outra coisa se não confirmar todo o poder que lhe cabia na condição de filho de Deus.

Outro indício da divindade do protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* está no seu dom profético. Ainda na Betânia, na casa de Simão o leproso, local onde realiza seu último encontro com os discípulos, ele tem um sonho, a partir do qual toma conhecimento de quando e onde seria capturado por seus inimigos: *“De acordo com o sonho, os romanos colocariam suas mãos em mim no primeiro dia da Páscoa dos hebreus – o terceiro da minha estada em Jerusalém.”* (MAILER, 2007, p. 137). Além disso, como se observou anteriormente, durante a santa ceia, ele também profetiza que Judas Iscariotes iria ser o discípulo traidor:

- Um de vocês me trairá.
Devo ter dito isso, alto, pois Simão perguntou:
- Senhor, quem é esse?

disse: “Quem de vocês não tiver pecado, atire nela a primeira pedra”. E, inclinando-se de novo, continuou a escrever no chão. Ouvindo isso, eles foram saindo um a um, começando pelos mais velhos. (Jo 8,3-9)

- Será aquele a quem darei um pedaço de pão embebido em vinho – respondi.

De fato, pouco depois, molhando o pão no vinho, entreguei-o a Judas Iscariotes. Muito havia se passado entre nós e nada disso fora discutido quando partimos para Jerusalém. (MAILER, 2007, p. 140)

Como vem se discutindo ao longo do presente estudo, o encontro do protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* com sua divindade não reprime seu lado humano e diabólico, e essa realidade não é alterada nos momentos que antecedem sua morte, ou seja, na conclusão da sua missão divina. Há vários indícios que confirmam o fato: Jesus continua não tendo pleno domínio em relação aos seus poderes sobre-humanos; continua cometendo erros, os quais ocorrem devido à influência do Diabo; tem dificuldade para compreender o comportamento das pessoas, algo indispensável para que ele relevasse os pecados das mesmas, e assim, conseguisse cumprir com o seu papel de redentor. Em outras palavras, ele não dispõe da sabedoria e da perfeição divina. Não obstante, assim como ocorre com o Cristo de Sabino, ele também se envolve em um caleidoscópio de sentimentos tipicamente humanos, alguns dos quais se transformam em um entrave para o sucesso de sua missão divina.

No mencionado episódio da ressurreição de Lázaro, por exemplo, o Cristo de Mailer não sabe de antemão se é capaz de promover tão grandioso milagre, assim como também não sabe se o prodígio que estava disposto a realizar vinha ao encontro dos anseios divinos: “*Como podia eu saber se Deus me concederia o poder de devolvê-lo às irmãs, se ele estava morto há dois dias?*” (MAILER, 2007, p. 102). Já na releitura para o episódio bíblico da maldição da figueira, que pode ser lido em Marcos (11,12-14)⁹⁰, a personagem romanesca amaldiçoa a árvore pelo simples fato de ela não dispor de frutos para lhe saciar a fome, um milagre tão gratuito quanto aquele da transformação da água em vinho em Caná, o qual inclusive lhe rendera uma advertência por parte de seu pai celestial:

⁹⁰ No dia seguinte, quando voltavam da Betânia, Jesus sentiu fome. Viu de longe uma figueira coberta de folhas e foi até lá ver se encontrava algum fruto. Quando chegou perto, encontrou somente folhas, pois não era tempo de figos. Então Jesus disse à figueira: “Que ninguém mais coma de seus figos”. E os discípulos escutaram o que ele disse. (Mc 11,12-14)

O potro não pulou muito, comportou-se bem, e seguimos em procissão. Gostei dele. Faminto, dirigi seu trote na direção de uma figueira, mas não encontrei em seus galhos nenhum figo maduro. Algum mau vento estaria soprando contra nós? Amaldiçoei a figueira, dizendo:

- Ninguém mais provará seus frutos. – Imediatamente, senti o coração pesado, e murmurei comigo mesmo: “*Sou o Filho de Deus, mas também sou homem, capaz de provocar a destruição, irresponsavelmente, a qualquer momento.*”

Em verdade, *Satanás continuava colado a mim*. Como um falcão que sobrevoa a campina à cata de uma presa e arremete para matá-la, da mesma forma eu castigara a árvore. (MAILER, 2007, p. 104-5, grifos nossos)

Nesse mesmo episódio da figueira é possível se comprovar que, nos dias que antecedem sua morte, o Cristo de Mailer continua trazendo consigo um pouco da personalidade diabólica, o que ocorre justamente pelo fato de ele ser humano e, por isso, passivo de ser dominado pelo Anjo Caído. No fragmento acima, o próprio Cristo admite que esse fora o motivo do seu acesso de ira e, conseqüentemente, da maldição desnecessária e destrutiva lançada sobre a árvore.

Vale ressaltar que, no momento da crucificação, Jesus é novamente tentado pelo Diabo, o qual lhe oferece a possibilidade de livrá-lo da mesma. No entanto, nessa ocasião, ele assume o controle da situação, ignorando a proposta diabólica, e cumprindo com o destino que Deus havia lhe reservado:

- Junte-se a mim – disse, num sussurro. – Será um prazer apresentar a esse belo romano algumas humilhações que posso infligir aos homens. Não há nada melhor do que a vingança. E o descerei da cruz.

Era uma tentação. Mas meus olhos encheram-se de lágrimas ardentes como o fogo, pois um pensamento me impedia de aceitar. A Satã, só poderia dizer não. Apesar de tudo, sabia que o suplício da cruz era necessário, e que, tal como eu, sendo verdadeiramente meu Pai, também Ele

fizera tudo quanto fora possível. Muitos problemas O afligiam e alguns tinham pouco a ver com Seu filho, Estaria exausto, talvez? Como eu ficara, ao caminhar no Jardim de Getsêmani?

Auxiliado por essa reflexão, tão apaziguadora quanto a presença da própria morte, bani de mim a voz do Diabo, voltando ao mundo onde jazia na cruz. (MAILER, 2007, p. 160-1)

Como se mencionou acima, a compreensão da realidade que cerca os seres humanos é algo indispensável para que Cristo sirva-lhes de redentor. Contudo, diferentemente do que ocorre com o homônimo bíblico, o protagonista do romance americano não dispõe da sabedoria divina e, portanto, tem dificuldade para compreender o que se passa com as criaturas engendradas por seu pai celestial. Ironicamente, é uma delas quem lhe auxilia a superar essa sua deficiência. Surpreendentemente, o discípulo que, na tradição cristã, trata-se do maior pecador do grupo.

Em *O Evangelho Segundo o Filho*, apesar de ser um traidor, é Judas o responsável por auxiliar o messias a entender melhor o comportamento das pessoas. Quando este se demonstra frustrado por não conseguir fazer com que os homens o aceitassem verdadeiramente como o filho de Deus e demonstrassem disposição em seguir as leis divinas – “*Por que não se juntam a nós em maior número? Como podem desdenhar o Reino dos Céus?*” (MAILER, 2007, p. 98) -, é esse discípulo quem lhe explica o motivo de tal situação, possibilitando, desse modo, uma mudança de conduta por parte do messias.

Judas explica a Jesus que, para aqueles que desfrutavam de uma vida opulenta, pouco importava o que lhes aconteceria no *post mortem*. Segundo o discípulo, esses homens até poderiam ser mais piedosos se, em troca disso, garantissem efetivamente o ingresso no Reino do Céu. No entanto, como Jesus exigia o desaparego total às riquezas, o que para eles é algo impensável, eles têm a consciência de que não terão acesso ao paraíso prometido pelo mesmo. Diante dessa realidade, recusam-se a aceitá-lo como messias e, conseqüentemente, a fazer algo em prol dos marginalizados: “*Aceitariam suas palavras desde que não pedisse demais, mas você exige que se desfaçam de tudo, e isso os ofende profundamente.*” (MAILER, 2007, p. 98)

A fala do discípulo obviamente não faz com que Cristo se afeiçoe aos fariseus, aos escribas e aos vendilhões do templo. Daí a sua revolta para com esses três tipos quando ele adentra o local e observa o

recinto sagrado sendo profanado, utilizado para fins comerciais. Neste caso, o que Jesus não admitia era a forma hipócrita como esses homens, em regime de cumplicidade, comportavam-se diante do povo para que pudessem ostentar poder e riqueza:

Tendo subido os degraus da entrada, entrei no Templo propriamente dito. Para além do primeiro portão havia uma grande área ocupada por cambistas e mercadores. Agiotas e sacerdotes que pareciam pavões. Homens vaidosos, cujas mesas eram pródigas, enquanto os pobres viviam nas aléias fedorentas da cidade. (MAILER, 2007, p. 108)

... Enxergando a avidez nos olhos dos usuários, tão aguda como a ponta de uma lança, senti-me preso de uma fúria superior a qualquer outra que já tivesse me dominado.

Com a ira de Isaías, gritei:

- Essas bancadas são uma poça de vômito. Não pode haver limpeza em tamanha mesquinhez!

E virei-as, atirando longe o dinheiro e exultando com o ruído das moedas batendo nas pedras do pátio. Cada um correu atrás das suas, temendo perdê-las, tal qual os porcos de Gadara, precipitando-se no mar. (MAILER, 2007, p. 109)

No entanto, tais palavras colaboram para que ele compreenda melhor os seus próprios discípulos e outros homens que, dali em diante, se mostrassem dispostos a segui-lo. Desse modo, Jesus torna-se mais tolerante para com o comportamento humano e, conseqüentemente, mais disposto a perdoar as criaturas errantes.

Essa situação pode ser claramente observada quando ele, a caminho de Jerusalém, depara-se com o publicano Zaqueu, o qual promete dar metade de seus bens aos pobres. Jesus, que em outros tempos possivelmente repudiaria o homem, encarando sua oferta como uma demonstração de mesquinhez, afeiçoa-se a ele e, até mesmo, escolhe se hospedar em sua casa: “*Desce, Zaqueu. Hoje à noite estarei em tua casa.*” (MAILER, 2007, p. 101)

A atitude do publicano serve inclusive para dar novo ânimo a Jesus, que, a essa altura, já duvidava do sucesso de sua missão divina, o

que demonstra a insegurança tipicamente humana com a qual ele conduz a mesma: *“Isso me pareceu um bom augúrio: se a fé de um homem rico o fazia doar metade de sua fortuna, então, os muros de Jerusalém não seriam obstáculo para mim. Dormi bem naquela segunda noite.”* (MAILER, 2007, p. 101)

Quanto aos sentimentos tipicamente humanos demonstrados pelo protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* nos momentos que antecedem a paixão, vale se destacar a voluptuosidade e o medo, por se tratarem de atributos incompatíveis com um modo mais tradicional de se pensar Jesus Cristo.

A voluptuosidade do Cristo de Mailer pode ser vista na mencionada releitura que se faz no romance para o episódio do evangelho de João (8, 1-11), no qual a personagem bíblica salva uma adúltera do apedrejamento, inibindo os doutores da lei e fariseus que queriam aplicar a pena, dizendo: *“Quem de vocês não tiver pecado, atire nela a primeira pedra.”* (Jo 8,7). No episódio romanesco, o recurso utilizado por Cristo para salvar a mulher (Maria de Magdala) é o mesmo. A novidade é o fato de Jesus evitar fitá-la, o que ocorre justamente porque ele sabia que isso iria lhe despertar o desejo sexual. Para ele, o voto de castidade ao qual se submetiam os essênios mais devotados, não era algo fácil de cumprir: *“A castidade não me livrara de pensamentos sensuais. Fúrias não consumidas me devastavam.”* (MAILER, 2007, p. 124). No entanto, o contato visual é inevitável e o leitor confirma que, apesar de não ter tido relações sexuais com Maria de Magdala, como ocorre com o Cristo saramaguiano, o protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* também sente atração pelo sexo oposto:

Temia olhá-la, mas o fiz, e ao fazê-lo não pude enxergar seus olhos. Ao contrário, como um sonho propiciado por Satã, ouvi os versos do Cântico dos Cânticos: “As curvas das tuas coxas são como jóias, obra da mão de um mestre, e teu umbigo é uma taça arredondada.” Devia estar na presença de anjos do mal, pois via claramente o meu próprio mal, abundante e escuro, sequioso para sair. A beleza daquela mulher impunha cautela. (MAILER, 2007, p. 125)

O medo, por sua vez, pode ser visto na releitura para o evangelho de Lucas (22,39-46), no qual Jesus segue para o jardim de

Getsêmani, onde é capturado por seus carrascos. Assim como acontece em *Com a Graça de Deus*, no romance americano, Jesus também pede forças a Deus para enfrentar a morte na cruz, porque sabia que, na sua condição humana, estaria sujeito às dores da carne: “- Pai, afastai de mim esse cálice. – Mas a miséria me pertencia; o poço não tinha fundo. Súbito, cheio de autocomiseração, tive medo de meu Pai e ergui-me, clamando por Ele: - Que não seja como quero, e sim como Vós quereis.” (MAILER, 2007, p. 145)

Após a morte na cruz, o Cristo de Mailer, assim como o homônimo bíblico, também ressuscita no terceiro dia. Contudo, no romance, esse milagre não representa o triunfo do bem sobre o mal. Pelo contrário, a passagem de Jesus pelo mundo dos homens é caracterizada como uma tentativa frustrada da parte Deus de conceder sua graça à humanidade. Isso porque, conforme reconhece o próprio protagonista, a religião a que ele deu origem – o cristianismo – em pouco se difere da instituição a qual ele veio combater em sua passagem pela terra, uma vez que muitos de seus líderes, a exemplo dos escribas e fariseus, continuam se utilizando da fé do povo para ostentarem poder e riqueza, enquanto mantêm os fiéis resignados a uma vida deplorável, na espera da recompensa em um plano espiritual:

Contudo, deve-se frisar que muitos dos atuais cristãos são ricos e piedosos, e temo que nem um pouco melhores do que os fariseus. Em verdade, freqüentemente superam a hipocrisia dos que me condenaram no passado.

Muitas igrejas foram erguidas em meu nome e em nome dos apóstolos. A maior delas, a mais sagrada, homenageia Pedro; é um lugar de grande esplendor, em Roma. Em nenhum lugar do mundo há tanto ouro.

Deus e Mamom ainda disputam os corações de homens e mulheres. Ainda assim, como a contenda permanece tão igual, não se pode dizer quem triunfará – o Senhor ou Satã. (MAILER, 2007, p. 165)

Ainda assim, diferentemente da interpretação dada em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, o surgimento do cristianismo não é apontado como a principal origem do caos no mundo. Ainda que essa religião não tenha surtido o efeito esperado, é nela que se deposita a

esperança para a salvação da humanidade. Jesus assegura que muitos dos cristãos serão capazes de distinguir a verdade por detrás da hipocrisia religiosa, e assim, darão continuidade à luta contra o Diabo, resgatando o paraíso que Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, havia projetado para a humanidade:

Mas porque a verdade é mais preciosa do que o céu, deve ficar claro: Meu Pai não pôde vencer Satanás. Menos de quarenta anos após eu ter morrido na cruz, um milhão de judeus foram mortos numa guerra contra Roma, e do Grande Templo não restou nada além de um muro. A sagacidade Dele, contudo, tem sido insuperável. De fato, Ele compreendeu homens e mulheres melhor do que o Diabo, aprendendo a ganhar com a derrota, atribuindo-se vitórias. Nos dias atuais, muitos cristãos acreditam ter obtido tudo, antes mesmo de terem nascido, graças ao meu sacrifício na cruz. Isso significa que eu ainda sirvo aos objetivos de meu Pai. É por intermédio de minha bênção que o Senhor envia Seu amor às criaturas, enquanto tento manter-me como a fonte do mais terno amor. (MAILER, 2007, p. 166)

Das quatro obras analisadas no presente estudo, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* é aquela em que a narrativa menos se atém aos evangelhos canônicos. Em se tratando do desfecho do romance, não há a ocorrência de dois eventos significativos para a tradição cristã - o ritual eucarístico e a ressurreição -, o que é coerente com a releitura proposta pela obra, uma vez que a passagem do Cristo saramaguiano pelo mundo não está relacionada com a remissão dos pecados, tampouco com a salvação da humanidade.

Como vem se discutindo ao longo do presente trabalho, a característica mais marcante do evangelho de Saramago é a inversão que se propõe no papel assumido por suas personagens em relação aos seus arquétipos, como ocorre com Maria de Magdala e Maria de Nazaré, e também com Deus e o Diabo. No desfecho do romance, a novidade fica por conta do papel assumido por Judas Iscariotes, o qual deixa de ser o traidor para se tornar o mais heróico dos discípulos de Cristo.

Primeiramente, vale lembrar que após a morte de Lázaro e João Batista, o protagonista de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* decide se

anunciar como o rei dos judeus para ser condenado como um líder popular que estava se rebelando contra a dominação romana, o que impediria que ele fosse reconhecido como messias, deixando de contribuir com o plano divino para instaurar o caos no mundo. Atitude essa que confirma o fato de que, mesmo sendo filho de Deus, o Cristo saramaguiano não compartilha da personalidade divina, pois não demonstra interesse pelo sangue e pelo sofrimento dos seres humanos.

Dada a estratégia de Jesus para impedir o sucesso de sua própria carreira messiânica, far-se-ia necessário haver alguém para ir a Jerusalém acusá-lo perante as autoridades. É nesse ponto que entra a heróica participação de Judas Iscariotes. Este é o único dentre os discípulos a compreender a necessidade da condenação de Cristo como um rebelde em prol da salvação da humanidade, por isso é ele quem aceita assumir o papel de traidor:

Não queira ser rei dos Judeus aquele que vai ser rei do mundo, dizia este, Morra logo quem daqui se mover para acusar-te, ameaçava aquele. Foi então que se ouviu, clara, distinta, por cima do alvoroço, a voz de Judas Iscariote, Eu vou, se assim o queres. (SARAMAGO, 2005, p. 368)

Para confirmar o papel heróico assumido por Judas no romance português, pode se destacar o beijo com que Jesus se despede dele após a realização da última ceia. Se na história bíblica esse gesto pode ser encarado como o perdão concedido por Cristo ao discípulo traidor, em Saramago, ele corresponde a uma demonstração de aprovação e afeto:

Laçaram-lhe os outros as mãos, e já havia facas saindo das dobras das túnicas, quando Jesus ordenou, Larguem-no, que ninguém lhe faça mal. Depois levantou-se, abraçou-o e beijou-o nas duas faces, Vai, a minha hora é a tua hora. (SARAMAGO, 2005, p. 368)

Vale ressaltar também que o Judas saramaguiano não aceita a recompensa oferecida pelos homens do templo em função da denúncia por ele realizada, o que, mais uma vez, confirma a retidão de caráter da personagem e o papel heróico que ela assume na obra: *“Não lhe pagaram a denúncia, murmurou Jesus, e o outro, que o ouvira,*

respondeu, Quiseram-no, mas ele disse que tinha por costume pagar as suas contas, e aí está, já não as paga mais.” (MAILER, 2005, p. 370)

Na sequência da narrativa, assim como ocorre na história bíblica, o Cristo saramaguiano é levado ao sumo sacerdote, a Pilatos, a Herodes, e novamente para Pilatos, quando finalmente recebe sua condenação. O que mais chama atenção a essa altura do romance português é a segurança e a determinação demonstrada por Jesus, algo que não ocorre com os protagonistas das demais obras analisadas.

Diante de Pilatos, Jesus assume abertamente que é o rei dos Judeus e que almejava a queda de César. Não obstante, ele não pensa duas vezes em optar pela crucificação quando o procurador romano lhe permite escolher sua própria pena, além de solicitar ao mesmo que em sua cruz fosse depositada uma placa com os dizeres “Jesus de Nazaré o Rei dos Judeus”. Tudo isso para tentar enganar o povo, não se fazendo reconhecer como messias, e assim, almejando frustrar o plano divino:

Pilatos só conhecia duas espécies de acusados, os que baixavam os olhos e os que deles se serviam como carta de desafio, aos primeiros desprezava-os, aos segundos temia-os sempre um pouco e por isso condenava-os mais depressa. Mas este estava ali e era como se não estivesse, tão seguro de si como se fosse, de facto e de direito, uma real pessoa, a quem, por ser tudo isto um deplorável mal-entendido, não tarda que venham restituir a coroa, o ceptro e o manto. Pilatos acabou por concluir que o mais apropriado ainda seria incluir este preso na segunda espécie deles e julgá-lo em conformidade, posto o que, passou ao interrogatório... Que dizes tu que és, perguntou o procurador, Digo o que sou, o rei dos Judeus, E que é que pretende o rei dos Judeus que tu dizes ser, Tudo o que é próprio de um rei, Por exemplo, Governar o seu povo e protegê-lo, Protegê-lo de quê, De tudo quanto esteja contra ele, Se bem compreendo, protegê-lo-ias de Roma, Compreendeste bem...(SARAMAGO, 2005, p. 371-2)

Obrigas-me a condenar-te, Faz o teu dever, Queres escolher a tua morte, Já escolhi, Qual, A cruz, Morrerás na cruz. Os olhos de Jesus, enfim,

procuraram e fixaram os olhos de Pilatos, Posso pedir-te um favor, perguntou, Se não for contra a sentença que ouviste. Peço-te que mandes pôr por cima da minha cabeça um letreiro em que fique dito, para que me conheçam, quem sou e o que sou, Nada mais, Nada mais, Pilatos fez um sinal a um secretário, que lhe trouxe o material de escrita, e, por sua própria mão, escreveu Jesus de Nazaré Rei dos Judeus. (SARAMAGO, 2005, p. 373)

Por fim, no momento em que Jesus, já dependurado na cruz, dá seu último suspiro, Deus aparece para anunciar ao povo que ele era seu filho. Desse modo, Jesus morre sem ter tido sucesso na sua empreitada para salvar a humanidade. Ainda assim, o fato não ofusca o heroísmo do Cristo saramaguiano, posto que ele, enquanto filho de Deus, volta-se contra o seu onipotente pai celestial e contra sua própria divindade para defender aqueles que, assim como ele, nada podiam fazer para mudar o próprio destino:

Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca, e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrificio, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez. (SARAMAGO, 2005, p. 374)

Quadro 4 – Comparativo referente à morte e ressurreição de Cristo

CGD	OSF	OSJC	ELG
Reprodução dos episódios bíblicos: expulsão dos vendilhões do templo, santa ceia (JC identifica o traidor), morte e ressurreição.	Reprodução dos episódios bíblicos: expulsão dos vendilhões do templo, santa ceia (JC identifica o traidor), morte e ressurreição.	Não há o ritual eucarístico (JC não se sacrifica para a salvação da humanidade).	- A santa ceia corresponde a uma reunião com comida mexicana e cerveja (regionalização do enredo bíblico). - Sugere-se que JG possua dom profético (ele sabe da traição). - JG é condenado pelo poderoso Mijares, que se utiliza de suas influências para assassiná-lo clandestinamente.
JC triunfante: redime os homens dos pecados, divulga a palavra de Deus, possibilita o acesso ao Reino do Céu.	JC vencido: os cristãos são comparados aos escribas e fariseus (derrota do bem para o mal).	JC vencido: ele é condenado como um revolucionário, mas Deus aparece aos homens para anunciá-lo como seu filho (o surgimento do cristianismo corresponde à instauração do caos na terra).	JC triunfante: ele difunde os princípios dos evangelhos e deixa seguidores (a luta por justiça social tem continuidade após a sua morte).
Ressurreição: confirmação da vitória (há vida após a morte).	A ressurreição não tem o efeito almejado (os homens não se submetem à vontade de Deus).	Não há ressurreição (a passagem de Cristo não é associada à salvação da humanidade).	Mistério sobre a ressurreição.

7 CONCLUSÃO

Ao longo do presente estudo, buscou-se expor de maneira sintética quem foi e o que representa Jesus Cristo para os cristãos. Conforme consta em Catecismo (1993, p. 10), a personagem corresponde ao Filho Unigênito de Deus, que foi enviado ao mundo sob a forma humana, e que nasceu da Santíssima Virgem Maria pelo poder do Espírito Santo. Para os cristãos, a passagem de Cristo pela terra, do nascimento à ressurreição, faz parte do destino que lhe fora previamente definido por Deus, cujo objetivo final é o de instruir os homens sobre a palavra de seu pai celestial, perdoar-lhes os pecados, e assim, possibilitar-lhes a salvação da alma.

A história de Jesus Cristo é narrada em quatro livros do Novo Testamento: Marcos, Mateus, Lucas e João; os quais são considerados históricos pelo cristianismo. Nesses livros, segundo a interpretação tradicional, mesmo sob a forma humana, Jesus possui atributos que confirmam a sua natureza divina: poderes sobre-humanos, como a capacidade de realizar milagres regenerativos, praticar exorcismos ou fazer profecias; além de uma inteligência extraordinária, que se deixa transparecer em seus discursos carregados de lirismo e na sua habilidade em se utilizar das palavras para se esquivar das acusações que lhe faziam seus inimigos.

O Cristo da tradição cristã compartilha da perfeição divina, em momento algum aparece cometendo qualquer natureza de erro: uma palavra mal dirigida, uma profecia que não tenha se confirmado ou um milagre que não tenha surtido o efeito desejado. Pelo contrário, todas as suas palavras e atitudes são extremamente precisas e incondicionalmente ligadas à sua missão divina. Esse é o Cristo ao qual Sabino (1995, p. 12) se refere como o “*super-homem*”: um Deus que não se submete verdadeiramente às injunções humanas, que desdenha os sentimentos e as paixões daqueles com os quais veio para conviver.

Tendo em vista que, no meio religioso, Jesus Cristo é uma personagem com contornos bem definidos, o presente trabalho buscou investigar como essa personagem é resgatada por quatro obras da literatura do século XX. Como o objetivo não era tratar especificamente de literatura nacional, foram escolhidas como amostra quatro romances de diferentes espaços geopolíticos e, portanto, de diferentes contextos sócio-religiosos. Sendo elas: *Com a Graça de Deus*, do brasileiro

Fernando Sabino; *O Evangelho Segundo o Filho*, do norte-americano Norman Mailer; *El Evangelio de Lucas Gavilán*, do mexicano Vicente Leñero; e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, do português José Saramago.

Admitindo não se fazer possível traçar um perfil para uma dada personagem a partir de um único episódio ou de um momento específico de sua vida - sob o risco de se ignorar uma possível mudança comportamental ou um possível aspecto evolutivo da mesma -, o presente estudo analisou os romances supracitados cronologicamente, atentando para os episódios que são mais relevantes para se compreender a proposta com que cada autor retrata o seu protagonista. Para tal, procedeu-se o presente estudo a partir do seguinte corte esquemático, definido a partir da narrativa bíblica: vinda ao mundo, vida antes do batismo, atividade messiânica, morte e ressurreição.

Para cada uma das fases de vida do Cristo bíblico, observou-se que os religiosos buscam evidenciar acontecimentos que, segundo eles, comprovam a origem divina e o sentido da passagem do messias pela terra. Quanto ao nascimento de Cristo, a tradição cristã se esforça para caracterizar José e Maria como um casal santo, o que justifica o fato de Deus ter lhes escolhido para cumprirem com o papel de pais de Jesus. O filho de Deus jamais poderia ter sido criado por pecadores. Além disso, os cristãos buscam evidenciar que Maria engravidou virginalmente, o que assegura a condição de santa da personagem e, mais do que isso, garante que a criança trazida em seu ventre é filho de Deus, e não do homem.

Em *Com a Graça de Deus* e *O Evangelho Segundo o Filho*, Maria também engravidada virginalmente. Nesse sentido, essas duas obras mostram-se tradicionais. No entanto, quanto à forma como o casal nazareno é caracterizado no romance americano, não se pode dizer o mesmo. Enquanto em Sabino, José e Maria são tratados como santos; em Mailer, eles não passam de pessoas comuns, mas isso em nada compromete a origem divina da criança.

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, já no início da narrativa, o leitor se depara com a carnavalização do enredo bíblico que permeia toda a obra. José e Maria concebem Jesus a partir do ato sexual. Além disso, essas personagens não só são destituídas da condição de santas, como também são retratadas como pessoas de inteligência abaixo da média. José era pouco hábil nos trabalhos da carpintaria; Maria, por sua vez, era tão ignorante que acreditou ter algum atributo

especial para que Deus tivesse a elegido para conceber Jesus, quando o fato havia se dado por mera casualidade. Contudo, o que mais chama atenção no que diz respeito à carnavalesação a essa altura da narrativa está no fato de Deus ter misturado a sua semente com a de José no momento da relação sexual deste com a esposa, o que serve para atestar a condição de Jesus enquanto Deus-homem.

No romance mexicano, por sua vez, não há nenhuma definição sobre a origem do protagonista, não se sabe quem é seu verdadeiro pai, tampouco a forma como María David engravidou. Se por um lado não se confirma nem se contraria a possível origem divina do protagonista, a releitura que se faz no romance para o nascimento de Cristo certamente seria considerada uma grande heresia por parte da igreja, posto que María dá à luz Jesucristo com o auxílio de uma prostituta e, na sequência, ela e a família recebem abrigo no próprio prostíbulo.

Após o nascimento de Cristo, há um grande salto cronológico nos evangelhos de Mateus e Lucas, preenchido somente pelo episódio de Lucas (2,41-51), no qual Cristo aparece falando aos doutores do templo aos doze anos de idade. Com exceção desse episódio, o protagonista só torna a aparecer nessas narrativas após ter completado o seu trigésimo ano de vida, quando dá início a sua vida pública segundo o mesmo evangelista. Ainda assim, a tradição cristã se apega a esse único registro para sustentar a tese de que Jesus, mesmo em idade infantil, já se mostrava um ser divino. Isso porque, ele é descrito como uma criança de inteligência extraordinária: *“Todos os que ouviam o menino estavam maravilhados com a inteligência de suas respostas.”* (Lc 2,47).

Entre o nascimento e o batismo, a obra de Sabino não faz outra coisa se não parafrasear o episódio de Lucas, igualmente caracterizando como divina a atuação de Jesus no templo. Ainda assim, o narrador assume acreditar que esse tenha sido um momento único, e que Jesus deva ter passado todo o restante da sua infância e adolescência como um ser humano comum, possivelmente dedicando boa parte do seu tempo ao trabalho na carpintaria (SABINO, 1993, p. 36).

Nas obras de Mailer e Leñero, o leitor tem acesso a mais detalhes sobre a vida de Cristo antes do batismo. Batismo esse que, no romance mexicano, corresponde ao ingresso de Jesucristo Gómez na *Frente Común*. Tanto numa quanto noutra, Cristo, na maior parte do tempo, aparece envolvido em atividades comuns às demais crianças e jovens de sua comunidade. Em *O Evangelho Segundo o Filho*, como

todo essênio, ele vai à sinagoga aprender a língua escrita e os preceitos de sua religião, e, na carpintaria da família, aprende e exerce uma profissão. Em *El Evangelio de Lucas Gavián*, por sua vez, ele aprende a ler e a escrever na escola rural e, posteriormente, junto do colega Diabolo Samperio, transita pelas cidades em torno de San Martín El Grande trabalhando como pedreiro.

É interessante observar que, no romance mexicano, o narrador afirma que Jesucristo Gómez havia pegado gosto pelas coisas de Deus (LEÑERO, 1993, p. 39). Contudo, não se menciona se ele frequentava ou não a igreja. Tendo em vista que ele demonstra grande repúdio pela instituição ao longo de sua vida, é provável que tenha se dedicado mais à leitura dos evangelhos do que participado de cerimônias religiosas.

Em *O Evangelho Segundo o Filho*, também se parafraseia o episódio do templo em que Cristo demonstra inteligência extraordinária. No entanto, o que é uma suposição para o narrador de *Com a Graça de Deus*, se confirma no romance americano: o Cristo de Mailer não torna a ter outra atuação divina antes do batismo. O próprio Cristo não consegue explicar o seu comportamento no templo, o que aponta para a possibilidade de que ele tivesse sido momentaneamente controlado pelo Espírito Santo. Além disso, ele não possui nenhum dom sobre-humano antes do batismo, não sabe que é filho de Deus e não tem consciência da missão que lhe cabia cumprir na terra enquanto messias. José até chega a lhe fazer uma revelação sobre a sua verdadeira paternidade. No entanto, ele apaga da memória as palavras do mesmo, assim como o estranho evento no templo, porque não via em si nenhum atributo que o caracterizasse como um ser divino e porque não suportava conviver com ideia de que dezenas de crianças tivessem sido assassinadas em função do seu nascimento.

Em *El Evangelio de Lucas Gavián*, o protagonista também não dispõe de nenhum dom sobre-humano antes do ingresso na *Frente Común*. Ainda assim, ele aparece como uma criança que se diferencia das demais. Aos sete anos de idade, ele aprende a ler antes dos demais colegas de classe e demonstra ter grande capacidade de observação. Em função desta habilidade, já na infância, ele é capaz de identificar os problemas sociais de sua comunidade, como a desigualdade social e a criminalidade. Além disso, observa que os membros da igreja desfrutam de uma condição de vida muito melhor do que a grande massa populacional. Esses atributos, contudo, não são fontes de uma possível origem divina, mas sim, decorrentes do contexto social no qual ele está

inserido, principalmente, em função do convívio com Maria, uma mulher crítica e extremamente consciente da realidade na qual está inserida.

Aos doze, numa releitura para o episódio bíblico de Lucas (2,41-51), Jesucristo Gómez dá uma primeira mostra do que, no futuro, fará parte da sua missão divina. No santuário da Virgem de Guadalupe, ele incentiva um grupo de jovens católicos a se voltar contra a igreja, alertando-o para o fato de que esta explora os fieis para que seus líderes possam ostentar riqueza. Contudo, como pontuado acima, ele não torna a se envolver em outro episódio que fuja de trivialidade até conhecer Juan Bautista e aderir à *Frente Común*.

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a cronologia da obra segue em desacordo com os evangelhos canônicos. Enquanto na Bíblia, o batismo parece surgir como um divisor de águas na vida do protagonista, posto que a partir deste momento Cristo aparece efetivamente envolvido em sua carreira messiânica, no romance português, é o episódio da barca que marca essa divisão. Episódio esse que ocorre quando o Cristo saramaguiano tem vinte e cinco anos, portanto, muito antes do seu encontro com João Batista.

O romance português é o que mais preenche o salto cronológico dos evangelhos de Mateus e Lucas. Na verdade, a maior parte da narrativa se dá em torno dos episódios nos quais o protagonista se envolve antes do encontro na barca.

Enquanto vive em Nazaré, o que ocorre até os treze anos de idade, a vida do Cristo saramaguiano se confunde com a do Cristo de Mailer. Nesse período, ele também aprende os preceitos religiosos da sua comunidade e a profissão do seu pai. Essa realidade só começa a ser alterada depois da morte de José, quando Jesus toma conhecimento da chacina ocorrida em Belém e, revoltado com a família, abandona a cidade em que morava para viver como nômade.

A vida do Cristo saramaguiano fora de Nazaré tem importância fundamental para que ele venha a se transformar no herói do romance. Isso porque, é nesse período que ele convive com pessoas de fora do seu meio religioso – dentre elas, Maria de Magdala e o próprio Diabo -, as quais o auxiliam a enxergar que o Deus benevolente e misericordioso ao qual ele havia aprendido a adorar durante a infância é, na verdade, uma fraude. A essa conclusão Jesus só consegue chegar após o encontro na barca, por isso, aos dezoito anos de idade, ele dá os primeiros passos de sua carreira messiânica de modo inconsciente, o que ocorre quando ele

se encontra com Deus no deserto, adquire poderes sobre-humanos, passa a utilizá-los diante do povo, e assim, começa a conquistar seus primeiros admiradores. Nesse momento de sua vida, o Cristo saramaguiano não sabe que é filho de Deus, tampouco faz ideia de que sua passagem pela terra faz parte de um plano divino para instaurar o caos no mundo.

Como afirmado acima, nos evangelhos canônicos, a carreira messiânica de Cristo parece ter se iniciado efetivamente após o batismo no Jordão, momento em que supostamente teria se dado sua primeira aparição pública na presença do Espírito Santo. A partir de então, o Cristo bíblico passa a peregrinar por diversas cidades no que hoje corresponde ao território de Israel, anunciando-se como filho de Deus, exigindo o cumprimento das leis divinas e o arrependimento dos pecados, e garantindo o acesso ao Reino do Céu para aqueles que correspondessem às expectativas divinas. Durante suas andanças, ele aparece realizando uma série de discursos parabólicos – que correspondem a lições de moral e ensinamentos religiosos –, além de executar uma sorte de feitos prodigiosos, como milagres regenerativos e exorcismos.

A forma como a tradição interpreta essa fase da vida de Jesus Cristo traz à tona a imagem de uma personagem que é muito mais divina do que humana ou, conforme define Sabino (1995, p. 12), um Cristo que é humano, mas somente em doutrina. Nesse sentido, os cristãos dão destaque a pontos específicos dos evangelhos canônicos que destacam o lado divino de Cristo - como os prodígios, as profecias e os discursos parabólicos, em que ele supostamente fala com sabedoria divina –, menosprezando outros em que ele se comporta como uma pessoa comum.

Em *Com a Graça de Deus e O Evangelho Segundo o Filho*, os protagonistas também aparecem como o filho que Deus enviou ao mundo para perdoar os pecados dos homens e conceder-lhes a bênção divina. Sendo assim, as atividades que eles realizam no cumprimento dessa missão, a qual também se inicia após o batismo, não se diferem significativamente daquelas realizadas pelo homônimo bíblico. A novidade, tanto na obra brasileira quanto na americana, fica por conta da forma como Cristo é retratado ao longo da sua carreira messiânica, a partir da qual ele se revela muito mais humano do que seu arquétipo.

Como a obra de Sabino não ficciona a partir dos evangelhos canônicos, após o batismo, o protagonista também aparece realizando milagres, praticando exorcismos, falando em nome de Deus, em suma,

realizando uma série de atividades correspondentes à sua condição de messias. Contudo, o narrador encontra indícios nesses mesmos evangelhos para sustentar a tese de que Cristo, apesar de divino, também tem muito de humano.

Para o narrador sabiniano, a participação de Jesus na festa de casamento em Caná – episódio registrado em João (2,1-12) -, por exemplo, comprova que o messias precisava conviver socialmente, o que é interpretado como uma característica essencialmente humana. Não obstante, ele entende que, durante a ocasião, Cristo não teria se portado como o filho de Deus, mas sim, como alguém que estava entre amigos, dispondo-se a comer e a conversar descontraidamente.

No romance brasileiro, entende-se também que sentimentos – tais como alegria, tristeza e medo - e, principalmente, o descontrole emocional são atributos tipicamente humanos. Sendo assim, o respectivo narrador se ampara em vários episódios bíblicos que, no seu entendimento, comprovam que Jesus apresentava essas características. Em alusão ao episódio bíblico da multiplicação dos pães - Marcos (6,30-44), João (6,1-14), Mateus (14,13-21), Lucas (9,10-17) -, por exemplo, ele entende que a fala de Jesus aos discípulos, pedindo para que eles providenciassem alimento para a multidão, era, na verdade, apenas uma brincadeira de sua parte, posto que ele sabia que os mesmos não teriam condições para tal façanha. Sob esse viés, o episódio traz à tona a imagem de um Cristo alegre e espirituoso. Por outro lado, quando Jesus chama Pedro de Satanás – Mateus (16,13-23) - depois que este havia afirmado que não permitiria o seu assassinato, o narrador destaca o lado colérico de Cristo, descontrolado por saber que o momento da paixão se aproximava.

Nos capítulos de *O Evangelho Segundo o Filho* que dão conta de narrar a carreira messiânica do protagonista, o leitor é surpreendido com um Cristo que, além de divino e humano, também é diabólico.

O lado divino do Cristo de Mailer se manifesta somente após os trinta anos de idade, quando ele tem o seu primeiro encontro com Deus no Jordão. É somente nesse momento que ele descobre ter uma missão a cumprir na terra em nome de seu pai celestial e adquire poderes sobrenaturais. Assim como o homônimo bíblico, daí em diante, ele se mostra capaz de realizar milagres, praticar exorcismos, fazer profecias e falar com sabedoria divina.

Mesmo tendo se encontrado com sua divindade, o Cristo de Mailer demonstra não compartilhar da perfeição divina, até mesmo

porque, antes do batismo, ele vivia exclusivamente como homem. Sendo assim, seu lado humano pode ser observado justamente no modo errante como ele conduz sua carreira messiânica. Essa realidade pode ser vista já na primeira oportunidade em que ele tenta se portar como messias, realizando o milagre da transformação de água em vinho na festa de casamento em Caná.

Em *O Evangelho Segundo o Filho*, não há nenhum sentido simbólico por detrás do prodígio, nenhuma mensagem divina que Cristo pudesse estar querendo passar aos convivas. Pelo contrário, trata-se de um milagre gratuito, realizado apenas para que ele pudesse testar os poderes que recém adquirira, tanto que ele sofre uma retaliação por parte da entidade divina por essa sua atitude: “*Assim como um barril transbordante de mel pode ser esvaziado, o Filho tolo desperdiça seu estoque de milagres.*” (MAILER, 2007, p. 47).

Devido à sua condição humana e, portanto, errante, o Cristo de Mailer também deixa se influenciar pelo Diabo. Ao longo da sua carreira messiânica, ele tem dificuldade de saber quando é Deus e quando é o Anjo Caído quem age por seu intermédio. Em Mailer, as parábolas de Cristo, por exemplo, correspondem a discursos que são, na verdade, proferidos pelo Diabo com o intuito de impedir com que os homens compreendam a palavra de Deus. Sendo assim, o protagonista de *O Evangelho Segundo o Filho* vai conduzindo a sua carreira messiânica de modo impreciso, vivenciando um grande conflito existencial.

Conforme se pontuou anteriormente, o início efetivo da carreira messiânica do Cristo saramaguiano se dá após o episódio da barca, quando ele se encontra com Deus e o Diabo, descobre ser filho de Deus, e toma conhecimento da missão que haveria de cumprir na terra em nome de seu pai celestial: fundar uma nova religião para que este pudesse exercer domínio sobre outros povos além dos judeus, e assim, pudesse manipular um maior número de pessoas para se comprazer de suas mazelas.

Após encontro na barca, o protagonista de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* se mostra resignado ao destino que lhe fora imposto por seu pai celestial. Quando retorna para junto dos homens, ele segue realizando prodígios, anunciando-se como Filho de Deus, exigindo o arrependimento dos pecados, ou seja, realizando uma gama de atividades para catequizar o povo. Embora subserviente, seu lado humano fala mais alto que o divino: ele não demonstra interesse pelo

sangue e pelo sofrimento dos homens e mostra-se angustiado por saber que suas atividades enquanto messias culminariam na desgraça da humanidade.

Em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, Jesucristo Gómez dá início à sua atividade messiânica após o ingresso no grupo revolucionário *Frente Común*. A partir de então, ele concentra seus esforços na luta por justiça social, conquistando atendimento médico de qualidade para uma comunidade de catadores de papel, intercedendo pelos trabalhadores de uma fábrica de cimento durante a greve, conseguindo a regularização da propriedade de uma família de agricultores, enfim, ajudando de várias formas as pessoas com as quais se depara em sua peregrinação pelo México. Não obstante, ele não mede esforços para acabar com as instituições religiosas da época, tendo em vista que elas exploravam os fiéis e colaboravam para que o povo se mantivesse resignado a uma vida miserável, na expectativa de uma recompensa no *post mortem*. Sendo assim, a missão divina do Cristo de Leñero não possui nenhuma relação com o Reino do Céu, mas sim, com a instauração de um paraíso na terra. Este representado por uma grande modificação na sociedade na qual ele está inserido.

A grande diferença da obra mexicana em relação às demais está no fato de o seu protagonista não realizar prodígios, pelo menos, diante dos olhos do leitor. Em *El Evangelio de Lucas Gavilán*, os episódios dos evangelhos canônicos em que Cristo aparece operando milagres ou praticando exorcismos são relidos de forma racionalizada. O milagre da cura da sogra de Pedro, por exemplo, corresponde ao episódio em que Jesucristo Gómez consegue que a mesma seja atendida em uma clínica particular. A mulher é salva em função do atendimento médico rápido e de qualidade, e não por uma intervenção milagrosa por parte do protagonista.

Voltando à história bíblica, Jesus é capturado pelos guardas do templo depois que seu discípulo Judas Iscariotes lhes informa sobre o paradeiro do mestre. Após ser encaminhado pelos judeus às autoridades romanas, o governador Pilatos permite que estes determinem se Cristo deveria ou não ser crucificado. Os carrascos de Jesus são implacáveis e optam pela condenação. Depois de torturado, ridicularizado e dependurado na cruz, Jesus é levado para o sepulcro de José de Arimatéia, de onde ressuscita no terceiro dia.

Para os cristãos, a trágica morte de Cristo representa a sua entrega em prol da remissão dos pecados da humanidade, ao passo que a

ressurreição simboliza a comprovação de que há vida após a morte para aqueles que seguem a palavra de Deus. Nesse sentido, tudo o que acontece com Jesus em sua passagem pelo mundo dos homens é tido como algo pré-determinado por Deus, por isso anunciado pelos profetas que o antecederam. Sendo assim, a subserviência de Jesus à vontade de seu pai celestial é interpretada como um triunfo do bem sobre o mal.

Triunfante também são os protagonistas de *Com a Graça de Deus* e *El Evangelio de Lucas Gavilán*. Na obra brasileira, assim como ocorre ao longo de toda a sua narrativa, os episódios em torno da morte e ressurreição de Cristo são basicamente parafraseados dos evangelhos canônicos, e a interpretação dada pelo narrador em relação à passagem do messias pela terra não difere do que prega a tradição cristã. Na obra mexicana, por sua vez, Jesucristo Gómez é assassinado depois que seu maior inimigo, o poderoso Don Horacio Mijares, se utiliza de suas influências políticas para retirá-lo das mãos do poder público e condená-lo conforme seus interesses. Antes disso, porém, Cristo é torturado na prisão por policiais corruptos e pelo próprio Mijares enquanto aguarda a sua sentença fraudulenta. Devido a esses maus-tratos, ele morre antes mesmo de chegar ao seu calvário, o grande cemitério mexicano *Panteón de Dolores*, onde ele é enterrado como indigente.

Das obras analisadas, *El Evangelio de Lucas Gavilán* é aquela que mais explora a paixão de Cristo. Jesucristo Gómez é torturado tal qual um preso político do regime ditatorial. Assim como o homônimo bíblico, mesmo assassinado, Gómez deixa o mundo dos homens como um herói vitorioso, posto que, ao final das contas, muitos dos seus admiradores não se deixam intimidar por causa de sua morte e dão sequência à sua luta por justiça social.

Ao longo da narrativa do romance mexicano há uma série de eventos que apontam para uma possível origem divina do protagonista, como a sua inigualável capacidade de encontrar água sob o solo, a estranha precisão com a qual ele prevê o momento da sua captura e, no momento da sua morte, o inexplicável terremoto que leva ao chão os muros de um templo que estava sendo construído. O modo como Leñero relê o episódio bíblico da ressurreição não é menos enigmático. Inicialmente, menciona-se a ressurreição de Cristo no sentido figurado. O suposto coveiro do *Panteón de Dolores* afirma que ele não estava morto porque sua história e seus ideais não seriam esquecidos, e sua luta a favor dos marginalizados seria continuada por outras pessoas. Num segundo momento, surge uma enigmática personagem que mobiliza os

discipulos de Gómez a continuarem com os trabalhos do mestre. Essa personagem discursa de modo muito similar ao *maestro* e ainda aparece comendo tangerinas, a fruta mais apreciada pelo protagonista, apontando para a hipótese de que pudesse ser o próprio Gómez, literalmente ressuscitado. Sendo assim, em Leñero, o milagre da ressurreição é algo não revelado.

Se os cristos de Sabino e Leñero deixam o mundo de modo triunfal, o mesmo não ocorre com as personagens de Mailer e Saramago. Em *O Evangelho Segundo o Filho*, assim como acontece em *Com a Graça de Deus*, os episódios da morte e ressurreição de Cristo também não diferem substancialmente dos evangelhos canônicos. No entanto, eles não asseguram o sucesso do protagonista enquanto redentor da humanidade. Pelo contrário, a passagem do Cristo de Mailer pela terra é encarada como uma derrota do bem para o mal, posto que a igreja erguida em torno de Jesus Cristo, a qual Deus almejava que fosse servir para divulgar verdadeiramente a sua palavra, torna-se uma mera reprodução da igreja a qual o messias veio combater. Em outras palavras, os líderes religiosos cristãos são comparados aos próprios escribas e fariseus.

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Jesus arquiteta um plano para impedir o surgimento do cristianismo. Isso porque, no romance português, essa religião corresponde a uma forma encontrada por Deus para promover o fanatismo, dar origem a conflitos religiosos, ver as pessoas sendo torturadas e assassinadas, em suma, para instaurar o caos no mundo. Diante dessa realidade, Jesus pede para que Judas o acuse junto das autoridades romanas de estar se anunciando como o rei dos judeus. Desse modo, ele seria crucificado como um rebelde que estava objetivando a queda de César. Se o plano do Cristo desse certo, ele não seria reconhecido como o messias, e assim, não daria origem ao cristianismo. No entanto, quando ele está dependurado na cruz, prestes a dar o seu último suspiro, Deus surge para o povo anunciando que o moribundo era o seu filho.

Desse modo, a passagem do Cristo saramaguiano pela terra vem ao encontro dos anseios divinos, dando início a uma nova religião e, conseqüentemente, promovendo a desgraça da humanidade. E assim o protagonista do romance encerra a sua passagem pela terra. No romance português, a ressurreição é inexistente e, ao mesmo tempo, dispensável para despertar a fé do povo.

Diante da afirmação de Küng (1946, p. 143) de que o escritor que se propõe a revisitar a história de Jesus Cristo não almeja traçar uma imagem impessoal, histórica e objetiva para a personagem, mas sim, ressaltar o aspecto que entenda ser mais importante, conclui-se que o Cristo literário é uma personagem multifacetada, atendendo ao interesse de cada escritor, posto que a literatura não é limitada pela religião.

Sendo assim, Sabino compõe um Cristo muito mais sentimental que seu arquétipo, um Cristo que é verdadeiramente um Deus-homem, que é impecável na sua atuação como messias, mas que também brinca, ri, chora, se irrita. Mailer investe em um Cristo que assume três personalidades, que é divino, humano e diabólico, um Cristo que aprende a amar os seres humanos, que está disposto a servir como redentor, mas que tropeça em sua própria humanidade, cometendo erros, demonstrando insegurança e deixando se influenciar pelo Diabo. Saramago compõe um Cristo que é filho de Deus e do homem, mas que almeja desertar sua natureza divina. Uma personagem heróica que recusa o poder e a glória para defender a humanidade das garras de um Deus inescrupuloso. Leñero, por sua vez, concebe um Cristo que é um líder popular, que não se preocupa com a vida após a morte e que luta a favor dos marginalizados, visando construir um paraíso terreno.

No que diz respeito à relação entre narrador e autor (autor implícito e autor real), em todas as quatro obras analisadas, é possível se identificar grandes semelhanças entre ambos. Fernando Sabino é um escritor assumidamente cristão e, em sua obra, o narrador retrata Jesus como uma personagem histórica e divina: “*Creio, sem ter visto, que Jesus Cristo morreu e ressuscitou por nós. Subiu aos céus e está sentado à mão direita de Deus Pai, de onde virá a julgar os vivos e os mortos e o seu reino não terá fim.*” (SABINO, 1995, p. 256). Mailer foi um grande estudioso da cultura judaica e de textos antigos sobre Jesus. Para escrever seu evangelho “*baseou-se nos Evangelhos canônicos e apócrifos*” (LARANJEIRA, 2006, p. 67). Sendo assim, a visão que ele lança sobre Jesus Cristo não é limitada pelos evangelhos canônicos, tampouco pelo dogmatismo religioso, o mesmo ocorre com o narrador de sua obra que, reiteradas vezes, aparece discordando daquilo que revelam os supostos discípulos de Cristo:

Embora eu não diga que as palavras de Marcos sejam falsas, elas contêm muito de exagero. E mais ainda as de Mateus, Lucas e João, que me atribuíram frases que nunca proferi, descrevendo-

me como amável, quando eu estava pálido de ira. Eles escreveram muitos anos depois de minha partida, apenas repetindo o que escutaram de homens mais velhos. Homens bem mais velhos. São histórias tão sem fundamento quanto um arbusto desprendido de suas raízes e que vagueia ao léu, tangido pelo vento. (MAILER, 2007, p. 7)

José Saramago é ateu assumido, portanto, descrente da existência do Reino do Céu, o paraíso, conforme sustentam os cristãos. Do mesmo modo, o narrador de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, não trata a morte como a passagem desta para uma melhor (MAFRA, 2007, p. 90). Essa concepção pode ser claramente observada quando Jesus não ressuscita Lázaro, e fica chorando pelo amigo perdido: “*Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes, então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar*”. (SARAMAGO, 2005, p. 360). Leñero, assim como Sabino, é cristão. Contudo, ele não acredita em um Cristo com poderes sobre-humanos, mas sim, em um homem que dedicou a sua vida para servir o próximo, visão que também é impressa pelo narrador de sua obra. O próprio Leñero confirma essa constatação em entrevista à Adela Salinas: “*Em um romance, El Evangelio de Lucas Gavián, trato de comprender esse assunto dos milagres: não como atos de magia, mas sim, como atos de serviço que podem ter uma explicação lógica e racional.*” (SALINAS, 1997, p. 78, tradução nossa)⁹¹.

Em face de todos os dados levantados ao longo do presente estudo, pode-se afirmar que três dos romances estudados contrastam de alguma forma com os evangelhos canônicos: *O Evangelho Segundo o Filho*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *El Evangelio de Lucas Gavián*. Dentre eles, o português é aquele em que as diferenças são mais acentuadas, começando pelo papel de carrasco que se atribui a Deus na história. Por outro lado, *Com a Graça de Deus* é o romance que mais se atém aos evangelhos do Livro. Na obra brasileira, nada é acrescido ou alterado em relação aos mesmos, o que é reconhecido pelo autor na apresentação da obra: “*não suprimo nem acrescento nada*” (SABINO, 1995, p. 14).

⁹¹ En una novela, *El Evangelio de Lucas Gavián*, trato de comprender este asunto de los milagros: no como actos de magia, sino como actos de servicio que pueden tener una explicación lógica y racional... (SALINAS, 1997, p. 78)

REFERÊNCIAS

ALBANO, Sandro Albino. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Letras/Literatura Brasileira. *Em cena* : os bastidores da sociedade brasileira em contos de Machado de Assis. Florianópolis, 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura.

ALCARAZ, Rafael Camorlinga. *O filho do homem...E da mulher: O plurilinguismo do Evangelho Segundo Jesus Cristo, de Saramago.* Anuário de literatura. Florianópolis: Editora de UFSC, v. 6, n. 6, p. 195-219, 1998. Anual.

ALCARAZ, Rafael Camorlinga. O Cristo da Fé: Fé Teológica e Fé Poética. In: FERRAZ, Salma et al. *Deuses em Poéticas: Estudos de Literatura e Teologia.* Belém: Eduerp, 2008. Cap. 8, p. 143-157.

ASSIS, Machado de. *Histórias sem data.* Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937. 306 p.

A PAIXÃO DE CRISTO. Direção de Mel Gibson. São Paulo: 20th Century Fox, 2004. 1 DVD (126 min.).

ARNS, Paulo Evaristo. *Brasil: nunca mais.* Rio de Janeiro: Vozes, 1985. 312 p.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.* 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p. (Linguagem e Cultura; 3)

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra: ou albergue do longínquo*. Tradução de: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. 144 p.

BÍBLIA. Português. *Edição pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1990. 1631p.

BÍBLIA. Português. *Estudando a Palavra de Deus*. São Paulo: FTD; Petrópolis: Vozes, 1995. 1215 p.

BOCK, Darrell L. *Os evangelhos perdidos: A verdade por trás dos textos que não entraram na Bíblia*. Tradução de: Emirlson Justino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

BOOTH, Wayne C.. *The rhetoric of fiction*. 2. ed. Chicago: The University Of Chicago Press, 1983. 552 p.

BORGES, Jorge Luis. *El informe de Brodie*. 5 ed. Madrid: Alianza/Emecé, 1982.

BORGES, Jorge Luis. *O informe de Brodie*. Tradução de: Davi Arrigucci Junior. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008. 93p.

BROWN, Dan. *O código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 475p.

CATECISMO da Igreja Católica. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. 744p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Sou católico: vivo minha fé*. Brasília: Edições CNBB, 2007. 224 p.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Nova Cultural, 1995. 590 p. (Imortais da literatura universal)

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. 5. ed. São Paulo: Ed. 34, 2004. 147 p. (Coleção Leste)

EAGLETON, Terry. *Os Evangelhos*. Tradução de: José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 240 p.

FERRAZ, Salma. *O quinto evangelista: o (des)evangelho segundo José Saramago*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 152 p.

FERRAZ, Salma. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO (CAMPUS DE ASSIS). FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. Assis, 2002. 286 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Curso de Pós-Graduação em Letras.

J.J.BENITEZ. *Operação cavalo de Tróia*. Tradução de: Hermínio Tricca. São Paulo: Mercuryo, 1995. 557 p.

KÜNG, Hans. *On being a christian*. Tradução de: Edward Quinn. New York: Doubleday, 1976.

KUSCHEL, K-J. *Os escritores e as Escrituras*. Tradução de: Paulo A. Soethe et al. São Paulo: Loyola, 1999.

LARANJEIRA, Delzi Alves. *Reescrevendo Jesus: o evangelho segundo Norman Mailer e Gore Vidal*. Em Tese, Belo Horizonte, v. 10, n. 1982-0739, p.1-227, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/em_tese/emtese_I_SSN_2006.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2010.

LEÑERO, Vicente. *Evangelio de Lucas Gavilán*. México: Seix Barral, 1989. 317 p.

MAFRA, Suzana da Silva. *Quando se morre duas vezes: Lázaro por Hilda, J, Queiroz e Saramago*. 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Literatura, Departamento de Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0305-D.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

MAILER, Norman. *O Evangelho Segundo o Filho*. Tradução de: Marcos Aarão e Valéria Rodrigues. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007. 167 p.

MILES, Jack. *Deus, uma biografia*. Tradução de: José R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. Tradução de: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2003. 112 p.

PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau. *O trágico e o demoníaco em "O Evangelho Segundo Jesus Cristo", de José Saramago*. 2007. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas, Departamento de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, 2007. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10789>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

QUEIROZ, Eça de. *A relíquia*. Rio de Janeiro: EDIOURO, São Paulo: Publifolha, 1997. 254 p.

QUEIROZ, Júlio de. *Encontro de Abismos*. Florianópolis: Insular, 2002.

REIS, Elaine Cristina. *O Código da Vinci: diálogos e ruídos entre teologia e literatura*. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0340-D.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução de: Ângela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 187 p.

SABINO, Fernando. *Com a graça de Deus*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. 265 p.

SABINO, Fernando. *O bom ladrão*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993. 62 p. (Rosa dos ventos)

SALINAS, Adela. *Dios y los escritores mexicanos*. 1.ed. México. D.F: Nueva Imagen, 1997.

SANT'ANNA. Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007. 96 p.

SARAMAGO, Jose. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 317 p.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 310 p.

SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 374 p.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da literatura*. 9.ed. São Paulo: Ática, 2007. 87 p.

SOUZA, Ronaldo Ventura. *O Jesus de Saramago e a Literatura que revisita Cristo*. 2007. 156 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Pós-graduação em Literatura Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2010.